



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
DAS RELIGIÕES**

**A CARIDADE SEGUNDO IBIAPINA: HISTÓRIA E
IMAGINÁRIO NA CASA DE SANTA FÉ**

DANIELLE VENTURA BANDEIRA DE LIMA

**JOÃO PESSOA - PARAÍBA
AGOSTO, 2009**

DANIELLE VENTURA BANDEIRA DE LIMA

***A CARIDADE SEGUNDO IBIAPINA: HISTORIA E
IMAGINÁRIO NA CASA DE SANTA FÉ***

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências das Religiões, linha de
pesquisa Religião, Cultura e
Produções Simbólicas – da
Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento dos requisitos
necessários para a obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões.*

Orientador: Prof. Dr. Carlos André
Macedo Cavalcanti.

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

AGOSTO, 2009

L732c Lima, Danielle Ventura Bandeira de.

A caridade segundo Ibiapina : história e imaginário na Casa de Santa Fé / Danielle Ventura Bandeira de Lima. - - João Pessoa: UFPB, 2009.

181f.: il.

Orientador: Carlos André Macedo Cavalcanti.

Dissertação (Mestrado) – UFPB, CE.

1. Ciência das Religiões. 2. Padre Ibiapina. 3. Casas de Caridade – Nordeste. 4. Instituições religiosas - Imaginário.

UFPB/BC

CDU: 2(043)

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Valmor e Laurandy,
razão da minha existência. Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, respeitando aos que não têm fé, mas sem deixar de mostrar a minha, agradeço primeiramente a Deus, por considerá-lo a razão de minha vida e o sucesso da minha pesquisa.

Agradeço aos meus pais, pelas noites mal dormidas, por me incentivar nos estudos e serem a minha inspiração para continuar seguindo em frente. Também não poderia me esquecer de agradecer a todos os meus familiares tios, primos, avô e avós e irmã pelo incentivo e por se orgulharem do meu trabalho.

Agradeço ao meu querido orientador Professor Dr. Carlos André, pessoa que sempre admirei durante minha graduação, por trabalhar com o imaginário de maneira brilhante e pela sua didática em sala de aula. A ele meu agradecimento pela imensa confiança depositada através de suas palavras amigas e de incentivo, e pelo suporte teórico deste estudo, sempre acreditando que eu poderia “fazer melhor”.

À Professora Dra. Ariane por ter me acompanhado durante toda a graduação, me incentivando como ser uma pesquisadora, mostrando a importância em participar de congressos e eventos, estando sempre ao meu lado, e me ensinando como deveria demonstrar segurança em público e tirar proveito das possíveis críticas.

À Professora Dra. Serioja, pessoa admirável, simples e brilhante, que também me acompanhou na graduação e que participou da Banca de Qualificação, fazendo dicas preciosas e sugestões de leituras que enriqueceram meu trabalho.

À Professora Dra. Sylvana Brandão que “saltou dos livros para a vida real”, pois durante a graduação pude ler alguns de seus trabalhos e me encantar com a sua forma de escrever e com sua dedicação à História das Religiões. Para mim, é uma imensa satisfação tê-la na Banca de Qualificação e de Defesa.

Também agradeço à tão admirável e talentosa Professora Dra. Sônia Siqueira, que também “saltou dos livros para a vida real”, dando exemplo de

humildade ao ler todo o meu trabalho em apenas uma tarde e contribuindo para que ele crescesse.

Ao querido professor Dr. Leonildo que me acompanhou durante a fase final deste trabalho, ou seja, no período em que estive na UMESP, com preciosas dicas de leituras e com imensa atenção a todas as minhas dúvidas.

Também agradeço ao Mestrado de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo que, em parceria com o Mestrado em Ciências das Religiões da UFPB possibilitou, a minha estadia durante quatro meses na UMESP, permitindo o acesso ao acervo às suas Bibliotecas, e também a professores muito especiais como o Prof. Dr. Jung Mo Sung, o Prof.Dr. Laury Emílio e o Professor Dr. Geoval, com os quais pude cursar disciplinas maravilhosas, dando suporte a minha pesquisa e enriquecendo meu trabalho.

Agradeço ainda a André Miele, amigo que me deu grande assistência em São Paulo. Ao pessoal da Casa dos Estudantes da UMESP, em especial ao colega Walter Valdevino, aluno da UNICAP e que também participou do PROCAD. Agradeço ainda a [Rogério Migliorini](#) pelo auxílio no abstract, companheirismo e pelas longas conversas na cozinha e a Paulo Leal pelas sábias palavras pastorais durante meus momentos de angústia.

À querida Professora Vivianne Braga pela cautela, paciência e sabedoria em fazer a revisão final dessa dissertação.

Ao meu amigo Elias, mestrando da PUC- SP, que concluirá sua dissertação, neste mês, sobre o lugar do jornal Voz da Religião no Cariri na dinâmica das santas missões do padre Ibiapina. Tive a honra de conhecê-lo no encontro da ABHR o que me possibilitou o acesso à boa parte da documentação que está em Fortaleza, bem como as mais recentes dissertações sobre a temática. Além de compartilhar momentos de ansiedade e dúvidas próprias desse período.

Também agradeço à querida Célia, igualmente apaixonada por essa temática e que concluiu seu mestrado no semestre passado na área de História pela UFPB, cujo foco é as Casas de Caridade, e com quem pude fazer visitas a Santa Fé, antes mesmo de ingressar no Mestrado.

Aos meus inseparáveis companheiros Júlio, Georgiana, Yanucha, Thiago, Pablo, Suzana e ao querido Francisco Neto, por sempre demonstrarem

carinho e compreensão nos momentos mais difíceis e por estarem sempre comigo. Também agradeço aos amigos mais recentes, porém não menos importantes: Michael Douglas, Maria José Matias, Morgana, Maria do Socorro, Saul Estevam, Genilson, Hallyson, Miguel, Idelbrando, Maria Elizabeth, Maria José Holmes, Siellyson, Mirella, Lindolfo, José Vanildo, Maria da Conceição, Eduardo e todas as pessoas maravilhosas que convivi durante esses dois anos de Mestrado.

A tão querida Maria, funcionária do PPGCR, que tirava minhas dúvidas e resolvia todos os problemas que estavam ao seu alcance.

A todos os maravilhosos professores do PPGCR e, em especial, a Professora Maristela Andrade pelo carinho e atenção de sempre.

Ao Prof. Fabrício Possebon por se revelar um grande incentivador na publicação dos dois livros que participei e na coordenação do GT do último CCHLA conhecimento em debate.

Agradeço ainda a Professora Neide Miele pela assistência durante o PROCAD e incentivo na pesquisa.

Aos padres José Floren, Gaspar e José Conblin e as Irmãs de Santa Fé pelas entrevistas concedidas, pelas rápidas conversas e pelo acesso ao Arquivo de Santa Fé.

Também agradeço ao Arquivo Público da Paraíba e a Biblioteca Menezes Pimentel de Fortaleza, locais onde eu pude ter acesso à documentação sem problemas.

Ao Padre Ibiapina, objeto de estudo fascinante desde a minha graduação, cuja personalidade é tão marcante que por mais que se estude sobre sua vida, há novos elementos a serem fornecidos para novas pesquisas.

Agradeço a CAPES pela bolsa oferecida durante todo o Mestrado, com a qual pude participar de vários Congressos, adquirir vários livros e enriquecer meu trabalho.

Enfim, foram muitas mãos que contribuíram para a construção deste trabalho, muitas pessoas anônimas em congressos que me deram dicas de como aprimorar esse objeto de estudo. Sendo assim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta dissertação fosse concluída.

*“No centro da caridade coloquei minha
existência”*

Padre Ibiapina.

RESUMO

A dissertação A caridade segundo Ibiapina: história e imaginário em Santa Fé tem como objetivo analisar o imaginário presente na casa de caridade Santa Fé, que foi construída pelo Padre Ibiapina, no ano de 1866. Essa casa foi apenas uma das muitas instituições por ele realizadas, já que o missionário atuou nas Províncias da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte, construindo além das casas de caridade, hospitais, cemitérios, açudes e igrejas. Entretanto, a relevância de Santa Fé está na escolha de Ibiapina em passar seus últimos dias nesta instituição, após ser acometido de uma paralisia nas pernas, sempre mencionando-a como padrão para as demais. Para uma melhor compreensão desse imaginário, será realizada uma ampla contextualização do cotidiano dessa instituição, baseando-se nos documentos que a regiam e nas cartas endereçadas a outras instituições que comentam sobre o seu funcionamento. Antes disso, será feita uma análise do seu idealizador e de como os primeiros biógrafos, que tiveram contato com Santa Fé, o descreveram, trazendo a tona o cotidiano da Província da Paraíba e a relação do Padre Ibiapina com a Igreja Católica. Feita essa contextualização, se encerra este estudo com a mitocrítica durandiana nas cartas e documentos que regem Santa Fé a fim de se identificar os mitos fundantes que perpassam o imaginário dessa instituição e do seu idealizador

Palavras-chave: Padre Ibiapina, Santa Fé, Imaginário.

ABSTRACT

The dissertation Charity according to Ibiapina: history and imagery in Santa Fé, aims to analyze the imagery found in the Santa Fé charity house, created by Father Ibiapina in 1866. This was only one of the several institutions he created, as the missionary worked in the Provinces of Paraíba, Pernambuco, Ceará, Alagoas and Rio Grande do Norte, where besides charity houses, he created hospitals, cemeteries, reservoirs and churches. Nevertheless, Santa Fé is of relevance because Ibiapina chose to spend there his last days, which were the ones after his legs were paralyzed, and also because he viewed it as a model to other houses. To a better comprehension of this imagery, we cared to extensively contextualize the daily routine of the institution, and thus documents that regulated it as well as letters that commented the way it worked supported our action. Before that, we analyzed the man that created this institution, just as we did with the way his early biographers described him, as in their accounts they revealed the everyday life of Província of Paraíba as well as the way Father Ibiapina related to the Catholic Church. Finally, we finished this work with a Durandian mythcritics of the letters and documents that regulated Santa Fé in order to identify the founding myths that intersperse the imagery of this institution and of its creator.

Key-words: Father Ibiapina, Santa Fé, Imagery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Irmã Superiora Maria do Coração de Jesus junto às beatas na Capela.....p.92

Figura 2- Irmã Superiora Maria do Coração de Jesus junto às beatas olhando a fotografia de Ibiapina.....p.92

Figura 3- Irmã Superiora Maria do Coração de Jesus segurando o turíbulo, acompanhada por Irmãs Rosalina e Ana.....p.93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Dados sobre o número de doentes e órfãos nas casas de caridade.....	p.26
---	------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>Associação Brasileira de História das Religiões</i>	ABHR
<i>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior</i>	CAPES
<i>Comissão de Estudo de História da Igreja na América Latina</i>	CEHILA
<i>Centro de Ciências Humanas Letras e Artes</i>	CCHLA
<i>Bahia</i>	BA.
<i>Editora</i>	Ed.
<i>Grupo de trabalho</i>	GT
<i>Abreviação do advérbio latino Ibidem [= no mesmo lugar; na mesma obra]</i>	Ibid.
<i>Abreviação do pronome latino Idem [= a mesma coisa; o mesmo (autor)]</i>	Id.
<i>Introdução Geral ao Elenco da Leitura da Missa</i>	IELM
<i>Missionárias da Fraternidade Cristã</i>	M.Fra.C
<i>Número.</i>	Nº
<i>Paraíba</i>	PB
<i>Empresa Paraibana de Turismo</i>	PBTUR
<i>Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões</i>	PPGCR
<i>Programa Nacional de Aperfeiçoamento Acadêmico</i>	PROCAD
<i>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</i>	PUC-SP
<i>Organização da Sociedade Civil de Interesse Público</i>	OSCIP
<i>Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses</i>	OCRL
<i>Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas da Paraíba</i>	SEBRAE- PB
<i>Universidade Católica de Pernambuco</i>	UNICAP
<i>Universidade Federal do Ceará</i>	UFCE
<i>Universidade Federal da Paraíba</i>	UFPB
<i>Universidade Federal de Pernambuco</i>	UFPE
<i>Universidade Metodista de São Paulo</i>	UMESP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Capítulo 1 – Padre Ibiapina, seus biógrafos e sua missão	24
1.1 A Província da Paraíba durante a atuação do Padre Ibiapina	24
1.2. Padre Ibiapina :A construção de um santo	33
1.3. Os biógrafos de Ibiapina e a historiografia do século XIX	36
1.3.1 Padre Ibiapina na visão de seus biógrafos	39
1.3.2. A vida pública de Ibiapina	43
1.3.3 Da experiência mística a missão	49
Capítulo 2 – O funcionamento da Casa de Caridade Santa Fé	56
2.1 Santa Fé como espaço sagrado para a população	56
2.2 A educação e a moral na Casa de Caridade Santa Fé	59
2.3 O espaço da casa de caridade Santa Fé: horários e normas	60
2.3.1 As representações teatrais como moralização das Casas de Caridade	70
2.3.2 As irmãs superiores de Santa Fé	72
2.4 A seca de 1877 em Santa Fé	74
Capítulo 3 – A Igreja e a população antes e depois da morte de Ibiapina	79
3.1 A fé da população na época do Padre Ibiapina	79
3.2 Ibiapina e a relação com o Bispo Dom Luiz	86
3.3 Santa Fé após a morte de Padre Ibiapina: memórias, relatos e especulações	89
3.3.1 A reabertura do processo de canonização do Padre Ibiapina	98
3.4 O Santuário do Padre Ibiapina como ponto turístico religioso do Brejo Paraibano	100
Capítulo 4- A mitocrítica como abordagem metodológica para a documentação de Santa Fé	104
4.1. A teoria do imaginário e a documentação de Santa Fé	104
4.1.1 O imaginário presente nas leis que regiam as casa de caridade	106
4.1.2 A luta contra o pecado nas cartas do Padre Ibiapina	109
4.1.3 O sofrimento da Seca e o Imaginário Messiânico Latente	114
4.2 Ibiapina: construção de (auto) identidade	117
4.3. Análise geral da documentação de Santa Fé	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

Introdução

Inicialmente, poder-se-ia pensar que esta dissertação, intitulada de “A Caridade segundo Ibiapina: História e Imaginário na Casa de Santa Fé”, fosse elaborada com base apenas em autores clássicos da história e suas ricas linhas teóricas, entretanto, ela foi realizada sob um olhar diferenciado, a partir do qual a abordagem feita não exclui o tempo histórico, mas une, por meio da teoria do imaginário de Gilbert Durand e da formação do Mestrado em Ciências das Religiões da UFPB, importantes conhecimentos que serviram de base para a análise dos discursos do Padre Ibiapina, dos seus primeiros biógrafos e de suas beatas, através das cartas e escritos por eles construídos.

A importância da pesquisa está em resgatar o papel social de Padre Ibiapina para a cultura nordestina e também para o estudo acadêmicos de cunho filantrópico e social. Mesmo tendo sido pouco conhecido entre os católicos, quando comparado à popularidade de Padre Cícero e de Frei Damião, Ibiapina se constituiu, junto com esses, figuras que se transformaram em verdadeiros mitos fundantes da religiosidade popular no Nordeste. Ele buscou resolver problemas atuais, como a seca e a fome, não através da simples distribuição de alimentos, mas motivando a própria população local para gerar renda através de atividades industriais dentro de suas Casas de Caridade. Daí a grande admiração de seus contemporâneos por Ibiapina, ou seja, daqueles que com ele conviveram entre os anos de 1856-1876, nas províncias da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas.

Para a construção deste estudo, foram necessárias as leituras e consultas de outros trabalhos como, por exemplo, a monografia “As Casas de caridade do Padre Ibiapina: Implantação e Resistência”, feita para a conclusão do curso de Graduação em História, em que se fez uma pesquisa prévia dos autores clássicos paraibanos, o que garantiu a esta autora maior amadurecimento para compreender o imaginário presente em Santa Fé, aprofundando-se ainda mais as discussões feitas em sala de aula, durante a disciplina *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, e no Grupo de Pesquisa *Videlicet*, do Mestrado em Ciências das Religiões.

Além disso, realizaram-se leituras de autores clássicos como Celso Mariz, Francisco de Araújo Sadoc, José Comblin e os primeiros biógrafos de Ibiapina, como o Beato Antonio Modesto, José Paulino Duarte da Silva e José Paulino Nogueira da Fonseca. Contribuíram também para o arcabouço dessa pesquisa trabalhos acadêmicos recentes como, por exemplo: *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina na Província do Ceará (1860-1870)*¹, *Entre orações, letras e agulhas: A pedagogia feminina das Casas de Caridade do Padre Ibiapina – Sertão Cearense (1855 – 1883)*², *As Beatas de Ibiapina: do mito a narrativa histórica*³, *Da fé à promoção social: a atividade missionária do Padre Ibiapina*⁴ e “O Echo das Maravilhas” O jornal a Voz da Religião do Cariri e as missões do Padre Ibiapina no Ceará (1860-1870)”⁵ construída durante a escrita dessa dissertação. São obras e autores que destaca-se dentre outras.

A proposta inovadora desta dissertação está provavelmente na forma como foi feita à análise da narrativa histórica da Casa de Caridade Santa Fé. Tal propriedade foi

¹Dissertação de mestrado realizada pela historiadora Josiane Maria de Castro Ribeiro no ano de 2003 na Universidade Federal do Ceará em que ela analisa, dentre outras coisas, a relação das missões do Padre Ibiapina no Ceará “o processo de (re) organização dos trabalhadores pobres livres em torno de uma dinâmica, regular e cotidiana, que diferia da forma de trabalho habitual de gente do Sertão, orientada pela lógica da necessidade”. Conferir em: RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)**. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, p.8.

²Tese de doutorado na área de Educação apresentada por Maria das Graças Loyola Madeira no ano de 2003 na Universidade Federal do Ceará que se volta para o estudo da ação educacional de Ibiapina no período de 1855 -1883, destacando seis unidades erguidas no Ceará. Veja-se: MADEIRA, Maria das Graças de Loyola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)**. Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

³Dissertação de mestrado de Andréa Bandeira defendida no Mestrado em História na UFPE no ano de 2003 utilizou o conceito de gênero para observar o papel social feminino nas missões no interior das Casas de Caridade administradas por Padre Ibiapina. Conferir em: BANDEIRA, Andréa. **As Beatas de Ibiapina: do mito a narrativa histórica**. Uma análise histórica usando a Abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina. (1860-1883). Recife, 2003.123 fl. Dissertação (Mestrado) em História do Nordeste e do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco.

⁴ Dissertação de mestrado de Alberto Rodrigues de Oliveira apresentada ao Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP em que se enfatiza a importância da atividade missionária do padre Ibiapina para a melhoria de condições da população do Norte do país. Consultar: OLIVEIRA, Alberto Rodrigues. **Da fé a promoção social: a atividade missionária do Padre Ibiapina**, Recife, 2007, 101 fl. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco.

⁵ Consultar: VERAS, Elias Ferreira. “O Echo das Maravilhas” O jornal a Voz da Religião do Cariri e as missões do Padre Ibiapina no Ceará (1860-1870). São Paulo, 2009.150 flh. Dissertação de Mestrado em História social. PUC-SP,

doadada pelo fazendeiro Antônio José Cunha e sua esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, mais conhecida como Dona Cândida, que nutria uma grande admiração pelo Padre. Ela doou todos os seus bens e tornou-se uma Irmã de Caridade, após o falecimento do marido. A casa de caridade Santa Fé foi escolhida como objeto deste estudo por ter sido o local em que Ibiapina resolveu passar seus últimos anos, após ser acometido por uma paralisia nas pernas, no ano de 1876, ficando impossibilitado de dar assistência diretamente as suas demais obras sociais.

Outro diferencial dessa abordagem se dá devido à sua inserção na área de Ciências das Religiões, pois, primando pelo estudo do fenômeno religioso à maneira de Filoramo e Prandi (2003), o olhar interdisciplinar realizado a partir do método sugerido por Gilbert Durand permitirá a análise do imaginário profundo presente na Casa de Caridade de Santa Fé.

Essa interdisciplinaridade sugerida pelas ciências das religiões será alcançada através do estabelecimento da mitocrítica como método de pesquisa, pois para aplicá-la, Durand (1997) une conhecimentos de várias áreas como antropologia, psicologia e biologia, garantindo a consistência da abordagem exigida para um estudo voltado para o imaginário das pessoas.

O levantamento documental realizado no Arquivo Público da Paraíba, no Arquivo de Santa Fé, no Arquivo Afonso Pereira e na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, localizada em Fortaleza, serviu de base para se ter uma análise do contexto histórico vivenciado por Ibiapina. Através deste levantamento foi possível o acesso a várias fontes, tais como: Relatórios de Presidentes das Províncias, Ofícios, comunicando o andamento da Santa Casa de Misericórdia, Relatos da Comissão de Socorros Públicos ao Presidente da Província, jornais *Voz da Religião no Cariri* e *Tribuna Católica* e cartas, entre as quais merecem destaque as dos anos de 1875 a 1879, pois reclamam da seca e da calamidade no Norte do País. Além disso, a amplitude dessa abordagem se deu com a realização de entrevistas com pessoas que fazem parte do cotidiano do Santuário do Padre Ibiapina, ou seja, o Padre José Floren e o Padre Gaspar e também da análise da entrevista feita por Celso Mariz com as últimas Irmãs de Caridade.

A visão que as pessoas tinham de Ibiapina em Santa Fé será analisada no primeiro capítulo, através dos primeiros escritores, que participaram direta ou indiretamente do seu cotidiano e se dedicaram a estudar o Padre Ibiapina. A partir desses autores e com a contribuição da base analítica de Michel de Certeau (2007), poder-se-á observar se há indícios de que existiu ou não uma busca por “mitificar” ou por tornar como figura exemplar o Padre Ibiapina. Tal prática era comum na época, como demonstra a historiografia tradicional, que dava relevo à hagiografia.

Michel de Certeau se aproxima da abordagem durandiana por primar pela análise do discurso, identificando, mesmo que de maneira diferenciada, a existência de mitos na história, pois, em sua abordagem, ele identifica como os estudiosos falam de um lugar social, trazendo em seu discurso, valores que podem induzir o leitor a ter a sua percepção sobre o tema analisado. Daí a importância de se ter um olhar cauteloso para o pensamento das pessoas que escrevem em um determinado contexto por trazerem, algumas vezes, um discurso apologético sobre alguns personagens tidos como heróis ou santos.

Seguindo essa análise, compondo o teor do segundo capítulo, para a compreensão desse cotidiano da Casa de Caridade Santa Fé, será necessário observar as regras de funcionamento presentes no Estatuto das Casas de Caridade, na Instrução e Máximas Morais, nas peças teatrais, nas cartas e na descrição das últimas irmãs realizada por Celso Mariz. Verifica-se que esta instituição servia de modelo para as demais, principalmente, por contar, na maior parte do tempo, com a presença de Ibiapina. No contexto estudado, também buscar-se-á analisar o imaginário das beatas. Estas passaram de mulheres pobres e submissas aos seus maridos, ao *status* de pessoas que contribuíram com a obra de caridade de Ibiapina, aprendendo profissões que lhes garantiram a colaboração no sustento de suas casas e exercendo trabalhos no interior das instituições do Padre Ibiapina.

No terceiro capítulo, este estudo mostrará uma compreensão da relação de Ibiapina com a Igreja Católica⁶ para se observar o caráter dúbio dessa relação, pois, em

⁶Ao nos referirmos à Igreja Católica nesse período, estamos analisando o catolicismo presente na Santa Sé. Já no Brasil, existia, no seio da Igreja Católica, uma diversidade de pensamentos dos quais podemos destacar o catolicismo que é chamado de iluminista, mediante as idéias de cunho racionalista presentes nos Seminários. Outro, mais tradicional, buscava seguir aquilo que a Santa Sé trazia e chegou

alguns momentos, ele demonstrava estar obediente ao clero e em outros agia como alguém que se contrapunha a alguns de seus ideais. A obediência de Ibiapina ao clero pode ser constatada ao se observar como ele traz para as Irmãs valores da religião católica, ao colocar na sua Instrução e Máximas Morais⁷ a necessidade do cumprimento dos seus sacramentos e também ao demonstrar submissão quando se dirigiu em uma de suas cartas⁸ ao Bispo de Olinda Dom José Pereira da Silva Barros, pedindo-lhe autorização para realizar o sacramento da confissão. As divergências, entretanto, ficam explicitadas quando, contrariando aos ideais propagados após o processo de romanização⁹, Ibiapina afirmou na sua Instrução e Máximas Morais que as Irmãs de Caridade tivessem muita cautela para não contar aos padres na confissão sobre o que acontecia no interior de suas instituições e ao dar espaço para que essas mulheres leigas, cuja ordem religiosa não tinha o beneplácito de Roma, atuassem em suas obras.

Após a larga contextualização histórica realizada nos três primeiros capítulos, no quarto capítulo, far-se-á uma análise sobre o imaginário presente neste contexto, através das ações observadas nos verbos recorrentes e símbolos identificados em documentos da época do Ibiapina. Uma vez que as obsessões verbais revelam as facetas do imaginário.

A historiografia e a teoria do imaginário, utilizadas nesta dissertação, possibilitarão a realização de uma análise do pensamento mítico daqueles que conviveram com Ibiapina e, para isso, serão utilizados documentos de época e cartas das Irmãs de Caridade, nos quais já se identifica um forte sentimento de devoção.

ao país com a Família Real e com os núncios apostólicos. Por fim, um catolicismo que o povo exercia, o qual, influenciado pelos portugueses, tinha um sentimento de devoção ao Cristo Crucificado e a Maria. E é justamente nesse meio, onde a quantidade de padres era escassa e a pobreza era generalizada que emerge o missionário Padre Ibiapina. Veja-se: CHACON, Vamireh. **Deus é brasileiro**: o imaginário do messianismo político do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990 e AZZI, Riolando. **A crise da Cristandade e o projeto liberal**: história do pensamento católico no Brasil, vol. II, Paulinas, 1991.

⁷ A Instrução e Máximas Morais são instruções espirituais direcionadas as Irmãs de caridade e as órfãs residentes de suas instituições, em que se enfatizam a importância do trabalho e o modelo mariano de obediência e silêncio.

⁸ Carta de Padre Ibiapina ao Bispo de Olinda, José Pereira da Silva Barros, em 16 de abril de 1881. – Arquivo de Santa Fé.

⁹ O processo de romanização é assim denominado por se tratar de um pensamento corrente na Santa Sé que tinha o propósito de assegurar o dogma da Infalibilidade Papal centralizando todas as atividades em torno do Papa e tomando como base principalmente as Encíclicas Quanta Cura e Syllabus. Veja-se: VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Para o desenvolvimento deste estudo, a leitura do clássico *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* teve um papel importante, pois, diante de toda a sua densidade, há nela a base teórica que firmou o pensamento desse autor, agrupando as estruturas nos *Regimes Diurno*¹⁰ e *Noturno*¹¹, explorando exemplos de várias culturas e permitindo que se observe como as características do imaginário em Santa Fé se aproximam mais do Regime Diurno.

Por ser uma obra de conhecimento cujo grau de profundidade é muito grande, são comuns as dificuldades ao se realizar uma primeira leitura. Portanto, a leitura do livro de Danielle Pitta, *Iniciação a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*, faz com que se consiga adquirir maior intimidade com a sua obra, pois, utilizando de uma linguagem mais acessível, a autora nos aproxima dos termos utilizados por Durand, facilitando sua compreensão.

Metodologicamente, pode-se ainda constatar o arcabouço teórico fundamental no livro *Campos do Imaginário*, pois permite que se compreenda, de maneira simples a *Mitocrítica*¹² e a *Mitanálise*¹³, já que há um conjunto de artigos de suma importância que

¹⁰Na teoria de Durand, O Regime Diurno “separa” imagens que se opõem: como o bem e o mal e a luz e as trevas, próprias do imaginário cristão. Este é representado pelos símbolos ascensionais (que indicam verticalidade, subida e ascensão e é composto por imagens como as do anjo, das asas e do gigante), pelos símbolos espetaculares (que revelam iluminação, pureza e santidade) e pelos símbolos diaréticos (que significa “divisão”, demonstrados por imagens opostas). Além disso, esse Regime se volta para imagens que demonstram o horror a morte através dos símbolos teriomórficos (“que tem forma de animais”, presentes nos pesadelos infantis, pois revelam mordicância e terror), símbolos catamórficos (que tem forma para baixo e revelam a queda, podendo ser exemplificado com o ato de pecar) e nictomórfico (que tem forma de noite, e, portanto, é representado pela escuridão e pelas lágrimas) (grifo da autora). Veja-se: PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005 – (Coleção Filosofia) e SILVA, Alberto Prado e. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

¹¹Ibid; Ibid. O Regime Noturno, na teoria de Durand, contrapondo-se ao diurno, tende a unir as imagens contrárias, transformando o que é aparentemente negativo naquilo que tem seu caráter benéfico, como por exemplo, a morte. Esta eufemização da morte pode ser observada na maioria dos movimentos messiânicos, pois vêem o sofrimento como passageiro e se apegam a esperança de um futuro promissor através de mensagens de cunho apocalíptico. Sobre esse regime, Durand destaca os símbolos da inversão (que consiste na diferença de significado entre o noturno e o diurno), os símbolos da intimidade (que revelam aconchego e calor representados pelo lar e pelo descanso proporcionado pela morte), os símbolos cíclicos que trazem a ideia de retorno e do mito do progresso, onde o tempo se torna positivo e as imagens se convergem de maneira a integrar todas as outras intenções do imaginário.

¹²Ibid, p.38. Resumindo o papel da mitocrítica, Danielle Pitta destaca que ela é a “que analisa uma obra ou um texto (inclusive de história da vida) a partir das redundâncias que remetem aos mitos de diretores em ação”

¹³Ibid, p.38. A mitanálise é aquela “que vai situar os resultados da mitocrítica em um contexto sócio-cultural definido”.

foi criado para facilitar o trabalho dos pesquisadores. Entre esses artigos, pode-se destacar: “Perenidade, derivação e desgaste do mito”, “Método arquetipológico de mitocrítica e mitanálise” e “Passo a passo mitocrítico”.

Nessa análise, mediante o imaginário mariano e o apego aos valores cristãos que compõem o ritual católico, será utilizado o livro *A fé do sapateiro* (1995), uma vez que nessa obra mais histórico-antropológica, Durand explora, dentre outras coisas, a figura de Maria como *arquétipo* da Grande Mãe e como sinal de beleza e de exemplo para a sociedade, além de mostrar a riqueza simbólica nas fases ritualísticas da missa, no decorrer de um ano, tendo como base a narrativa dos evangelhos, que é capaz de influenciar o imaginário de várias sociedades. Tudo isso permite que se faça uma reflexão sobre o cotidiano em Santa Fé, já que traz Maria como modelo para a educação das Irmãs e órfãs e valoriza o ritual da missa diária para o fortalecimento da fé, conforme se pode observar na Instrução e Máximas Morais do Padre Ibiapina e nas Cartas.

A imaginação simbólica (2000), por sua vez, possui um papel relevante para este estudo, pois, ao contrário da *Estruturas Antropológicas do Imaginário* (1997), Durand trabalha com conceitos como *símbolo*, *mito*, *rito* e *mitemas* de maneira mais suave e consegue trazer uma noção geral de seu método, apresentando quais os verbos que cabem no Regime Diurno e no Regime Noturno. Entretanto, essa leitura, apesar de aproximar o leitor desses conceitos-chave para o entendimento de sua obra, não substitui a leitura das demais, pois serve apenas como conhecimento inicial desses conceitos.

Todas as obras de Durand mencionadas para a construção do arcabouço teórico dessa dissertação tiveram a influência de um conjunto de autores, como Gaston Bachelard¹⁴, Mircea Eliade¹⁵, Henri Corbin¹⁶ e Edgar Morin¹⁷, o que permitiu um

¹⁴O pensamento de Durand se aproxima do de Bachelard principalmente pela forma como este valoriza a importância da literatura como uma forma de dinamizar as imagens, devido a criatividade verbal proporcionada por ele. DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

¹⁵Eliade possui um papel fundamental principalmente ao apontar a fenomenologia e a hermenêutica como importante recurso para esse estudo e por observar como o mito se apresenta de maneira camuflada na sociedade moderna. Ibid.

enriquecimento do pensamento durandiano, proporcionando a criação de sua própria teoria, e fazendo com que ele próprio componha o seu método.

Vale destacar que as freqüentes críticas direcionadas a esses autores são, na maioria das vezes, motivadas pelo modelo racionalista cartesiano. Esse modelo, cultuando a razão, não admite outras abordagens, pois as mesmas significam uma quebra de paradigma e por ter sido o imaginário, durante muito tempo, considerado como a “louca da casa”, ideia não compartilhada neste trabalho, uma vez que a obra de Durand possibilita, através do seu método e de seu fundamento teórico, o enriquecimento na análise aqui desenvolvida. Essa posição jamais seria alcançada, caso este trabalho se limitasse ao pensamento reducionista, no qual se busca separar cada área de conhecimento, pouco se refletindo sobre essa interdisciplinaridade em seus estudos.

Enfim, a abordagem central desta dissertação será a compreensão de como funcionava a Casa de Caridade Santa Fé, trazendo para o leitor a visão de que a santidade do Padre Ibiapina, para os seus primeiros biógrafos, lhe foi predestinada, sendo demonstrada na descrição realizada sobre cada etapa de sua vida, analisando-se também a idealização de Ibiapina no interior de Santa Fé, em que se encontra o zelo pela sua memória e um imaginário mariano e de apego ao Jesus Crucificado, e observando-se que sua vivência religiosa se diferenciava do quadro religioso de sua época. Por fim, este estudo se encerra com uma análise documental, com base na teoria do imaginário de Gilbert Durand, identificando os mitos que, estando latentes, são quase imperceptíveis ao olhar menos profundo das hermenêuticas redutoras.

¹⁶ A contribuição de Henri Corbin para essa abordagem se dá devido aos seus estudos se voltarem para a imaginação criadora e por perceber que a experiência interior possui um papel que transcende a história circunstancial e utilizando da pluridisciplinaridade tão cara a Jung e a Durand. Ibid.

¹⁷ Edgar Morin aproxima-se do pensamento durandiano ao afirmar que o homem possui em si a ordem e a desordem, por serem características aprofundadas por Durand no seu estudo sobre os Regimes Diurno e Noturno. Ibid.

Capítulo 1. Padre Ibiapina, seus biógrafos e sua missão.

1.1. A Província da Paraíba durante a atuação do Padre Ibiapina.

Para se compreender as motivações de Ibiapina em se voltar para a caridade e o papel específico da Casa de Caridade Santa Fé, entre os anos de 1866 a 1883, é importante conhecer, logo de início, as principais dificuldades vivenciadas pela Província da Paraíba. Tal província teve a colaboração de Ibiapina, pois suas obras estavam voltadas para ações sociais, atendendo necessidades basilares, principalmente, em períodos de epidemias, como em 1862, durante graves períodos de seca, entre os anos de 1877 a 1879 e do desgaste gerado pelas revoltas¹⁸ desse período. Assim, a análise deste estudo está centrada nas dificuldades ou no porquê a Paraíba era, no contexto brasileiro, uma das províncias mais “atrasadas”.

Entre os anos de 1856 a 1883, a construção de infra-estrutura oferecida pelo Padre Ibiapina, na Província da Paraíba, teve grande serventia para a sociedade. As instituições construídas por Ibiapina se assemelham ao único estabelecimento que de fato teve o apoio governamental que foi a Santa Casa de Misericórdia, já que estava destinada ao cuidado dos doentes e ao atendimento aos desvalidos. Apesar desse apoio, essa instituição também apresentava grandes dificuldades, entre as quais, constantemente mencionada pelos provedores da Santa Casa de Misericórdia, a falta de separação entre pessoas com moléstias graves e de pessoas tidas como doentes mentais, como pode-se observar no relato feito pelo Provedor Antonio de Souza Gouveia no ano de 1867:

Ainda permanece a falta de quartos para segurança dos loucos do gênero daqueles infelizes que existem no Hospital e que nos intervallos de furor quebrão e destroem tudo quanto chega a seu alcance. Querendo prestar aos enfermos pobres os socorros necessários, para nos casos menos graves tratem-se fora da enfermaria do Hospital, julgo conveniente estabelecer no mesmo Hospital uma sala de consultas

¹⁸As revoltas desse período de atuação do sacerdote desgastaram muito a população já que gerou uma mobilização do Governo para melhor administrá-la, no caso da Guerra do Paraguai ou reprimi-la, no caso da Revolta popularmente denominada de Quebra-Quilos. ARAÚJO, Francisco Sadoc. **Padre Ibiapina: peregrino da caridade.** São Paulo: Paulinas, 1996.

áquelles que precisarem de conselhos médicos, remédios e curativos fáceis [...]

O relato anterior evidencia, portanto, a desorganização nesse local, pois a quantidade de verbas a ela destinadas não supria as suas reais precisões. Vale destacar que o próprio padre Ibiapina, ao pedir verbas para as suas casas de caridade, também garantia que estas seriam empregadas a serviço dessa instituição em carta datada de 2/11/1877.

Além disso, Ibiapina se identificava com a Santa Casa por considerar importante a preocupação para com os doentes, já que construiu locais de atendimento a estes no interior de algumas casas de caridade. Entretanto, o foco de sua missão¹⁹ era a educação as crianças mais pobres, mas, mesmo sendo um trabalho relevante para a sociedade, o religioso pouco contava com o suporte do Estado.

Com isso, mesmo diante da importância do seu trabalho social, os Relatórios dos Presidentes da Província da Paraíba reconheciam, em sua maioria, a Santa Casa de Misericórdia como sendo o único local que de fato apoiava as pessoas mais pobres. Sendo, portanto, reduzido o número de relatos sobre as casas de caridade do Padre Ibiapina. E, além disso, grande parte dos que faziam alusão a sua existência não apresentava os seus dados principais e nem quem era o seu idealizador.

As casas de caridade de Padre Ibiapina foram mencionadas nos Relatórios dos Presidentes de Província nos anos de 1862, 1863, 1872, 1873 e 1874. Contudo, nos anos de 1872 e 1874, essas instituições são trazidas à tona sem que se apurem dados concretos sobre a sua realidade e sem apresentar quem foi o seu fundador, conforme pode-se constatar em um trecho do Relatório do 3º vice-presidente da província José Evaristo da Cruz Gouveia em 1872:

Nas cidades de Areia e Souza e nas Villas de Alagoa Nova, Patos, Santa Luzia e Cajazeiras existem casas de caridade fundadas e

¹⁹O termo missão pressupõe o envio de pessoas por alguém para alguma incumbência. No caso de Ibiapina, o mesmo por não seguir a nenhuma ordem religiosa, se considera como sendo enviado do próprio Deus. Veja-se: BOSH, David. **Missão transformadora**: mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 2002 e COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**, São Paulo: Paulinas, 1993.

mantidas as custas particulares, as quaes prestam oportunos e uteis socorros aos infelizes que n'ellas buscam abrigo e protecção. Algumas são também preciosos nucleos ou focos, d'onde se irradia a instrução e educação religiosa para a população das vizinhanças e até de grandes distancias. Apesar de terem sido requisitadas informações sobre o estado, movimento e recursos desses estabelecimentos que não foram fornecidas.

Analisando esse trecho, constata-se como foram restritas as informações sobre essas instituições, mas que apesar disso é inquestionável sua importância para a sociedade e a educação religiosa fornecida neste ambiente. Além disso, as casas de caridade são tidas como uma iniciativa particular, não se fazendo menção alguma à necessidade da Província colaborar financeiramente com o seu funcionamento.

A importância dessas instituições particulares para a sociedade foi reforçada pelo presidente da província, Francisco Teixeira de Sá, no ano de 1873, mesmo afirmando não ter informações recentes e detalhadas a cerca do movimento e recursos desses locais, que ele denominou de “asilos para infelizes”, conseguiu obter o número de órfãos expostos e doentes, existentes em outubro do ano de 1872. Vê-se na tabela abaixo, construída com base nos dados fornecidos pelo Relatório:

TABELA I			
Localidades	Doentes	Órfãos	Expostos
Cajazeiras	27	28	0.
Souza	8	30	0.
Poçinhos	0	55	2.
Alagoa Nova	0	0	6.
Areia	15	0	0.

Fonte: Relatório do Presidente da Província Francisco Teixeira de Sá em 5 de setembro de 1875.

Na tabela acima fica explícito o atendimento especial ao público feminino, já que a quantidade de expostos é ínfima em relação ao número das meninas. Os doentes também foram alvos da caridade²⁰ do Padre Ibiapina, principalmente, em Areia, onde o

²⁰A caridade é um termo latino que expressa à idéia de “grande valor” algo fundamental que o ser humano é capaz de impulsionar a vontade pessoal a agir em prol do bem. Sobre essa idéia merece destaque o pensamento do teólogo da caridade Tomás de Aquino que vê a mesma como sendo capaz

hospital era de seu uso exclusivo e em Poçinhos, onde existiam junto aos enfermos apenas dois expostos. Já os dados referentes à Casa de Caridade de Cajazeiras revelam que, tal como na Santa Casa de Misericórdia, conviviam mutuamente meninas órfãs e pessoas doentes, todos nestes ambientes.

Além desses dados precisos do ano de 1872, existem documentos anteriores, ou seja, nos anos de 1862 e 1863 que, mesmo sem disporem de dados concretos sobre essas instituições, tiveram a cautela de apontar Padre Ibiapina como o idealizador dessas obras sociais. Entre esses, merece destaque o Relatório de 1862 por se referir ao religioso como importante auxiliar na luta contra a cólera mórbus na cidade de Areia:

As notícias desta cidade sempre satisfatórias, forão trocadas por outras que deram como certa a invasão da epidemia alli, que tomou grande incremento com a estada do virtuoso sacerdote, o Revmo. Dr. José Antonio de Maria Ibiapina, por haver a sua presença feito affluir á dita cidade os povos das circunvizinhanças.

É importante afirmar ainda que o cólera era apenas um dos grandes males que atingiu o interior da Província, já que foram muitas as enfermidades que se estabeleceram no local durante esses vinte anos de missão de Padre Ibiapina na Província da Paraíba. Entre as quais merecem destaque: a febre amarela²¹, a varíola²²,

de levar a outras obras virtuosas e enfatiza a importância de se fazer esmolas corporais e espirituais, ou seja, a necessidade de saciar quem está com sede, alimentar quem tem fome vestir os nus, visitar os enfermos, redimir os cativos e recolher os peregrinos, bem como de ensinar os que: não sabem aconselhar, os que duvidam, consolar aos tristes, perdoar a quem ofende, suportar aqueles que incomodam e orar por todos. Sobre esse assunto consultar: CORREIA JÚNIOR, João Luiz. A caridade - um estudo a partir das primeiras comunidades cristãs. In: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (org.). **A caridade**: um estudo bíblico - teológico. São Paulo: paulinas, 2003. pp. 59-110.

²¹A febre amarela, apesar da suposta aplicação de vacinas nesse período, atingiu gravemente a população da Província da Paraíba nos de 1863, 1867, 1869, bem como entre os anos de 1871 a 1873, entre 1876 a 1877 e nos anos de 1881 e 1883. Segundo consta no Relatório do ano de 1872 e de 1873 um dos motivos para que esta fosse transmitida era a forma como pessoas de outros países embarcavam no porto de Mamanguape. Retirado dos Relatórios dos presidentes da Província da Paraíba nos respectivos anos mencionado. (Ver referências bibliográficas)

²²A varíola, assim como a febre amarela, foi uma doença que prejudicou bastante o cotidiano da população e foi mencionada nos anos de 1863, 1867, 1868, entre os anos de 1870 à 1872, dos anos de 1876 a 1879 e em 1883. Retirado dos Relatórios dos presidentes da Província da Paraíba nos respectivos anos mencionado. (Ver referências bibliográficas)

os ingurgitamentos crônicos do baço, fígado e estômago²³ entre outras doenças²⁴ mencionadas pela Inspetoria de Saúde Pública e pelos próprios Presidentes da Província em seus relatórios. Doenças essas que, em períodos marcados pela seca, como em 1879, trouxeram a necessidade de se construir hospitais provisórios como: o Hospital de Santo Antonio, o Hospital de Nossa Senhora das Neves e o Hospital Cruz do Peixe, além de ter que reforçar o atendimento no Hospital da Caridade da Santa Casa da Misericórdia.

Segundo grande número dos inspetores de saúde, essas doenças se deram principalmente pela falta de higiene da província, constatada através do matadouro público²⁵ e pela formação de pântanos e lamaçais a leste da estrada que dava acesso ao Rio Sanhauá²⁶. Entretanto, a maior urgência dessa Província pode ser observada através da descrição que João José Inocêncio Poggi fez, no ano de 1870, pois se tratava da sujeira existente nas ruas da cidade como principais causadoras de doenças.

A limpeza e aceio da cidade - E' uma das medidas mais urgentes. Sendo isto da competência da Ilma. Camara Municipal, convem que ella se esforce auxiliada pela policia para manter o maior aceio possível, não consentindo que se lance nas ruas publicas, bêcos e ladeiras d'esta cidade animais mortos lixos e outras imundícias, cujo espetáculo dá a peor idéia de nossos costumes e civilização.

²³Os ingurgitamentos crônicos do baço, fígado e estômago foram males que afligiram a população em grande escala principalmente entre os anos de 1867 a 1870. Retirado dos Relatórios dos presidentes da Província da Paraíba nos respectivos anos mencionado. (Ver referências bibliográficas)

²⁴As demais doenças referidas com maior frequência, durante o período de atuação de Padre Ibiapina, foram disenterias, câmaras de sangue sífilis e tísica, malária e beri-beri. Retirado dos Relatórios dos presidentes da Província da Paraíba entre os anos de 1866 a 1883. (Ver referências bibliográficas)

²⁵O matadouro público foi mencionado várias vezes nos Relatórios dos Presidentes da Província da Paraíba como tendo sido construído em local impróprio, e, devido à sua falta de asseio, é apontado como transmissor de doenças para a sociedade. Apesar de ter adquirido acomodações regulares no ano de 1866, no ano de 1870, 1881 e 1883 houve novas reclamações que trazem à tona a necessidade do encanamento da água do riacho e a importância do esgoto necessário para o Rio Sanhauá por ficar próximo as carnes verdes que precisavam ser bem acondicionadas. Retirado dos Relatórios dos presidentes da Província da Paraíba nos respectivos anos mencionado. (Ver referências bibliográficas)

²⁶Entre os documentos que mencionam essa formação de pântanos e lamaçais podemos destacar: o Relatório do Presidente da Província da Paraíba Venâncio José de Oliveira Lisboa em 1869; o Relatório do 3º vice-presidente da província: José Evaristo da Cruz Gouveia em 1872; o Relatório do Inspetor da saúde pública Abdon Felinto Milanez em agosto de 1873 e, por fim, o Relatório do Presidente da Província Justino Pereira Carreiro em 1881.

Além desse sério problema enfrentado, a falta de estrutura dos cemitérios foi apontada como uma das maiores causas de ausência de higiene, tal fato foi constatado nos Relatórios dos Presidentes da Província, na descrição dos Inspetores de Saúde e na dos provedores da Santa Casa de Misericórdia, que eram responsáveis pelo seu funcionamento. Esse problema causava um sentimento de impotência diante da situação ali registrada, como se pode constatar na afirmativa de Lindolfo José Correia das Neves, provedor do Consistório da Santa Casa de Misericórdia em julho de 1874: “Infelizmente continua o péssimo, e anti-higiênico sistema de catacumbas, contra o qual tenho clamado em diversos relatórios. Nada mais direi a respeito”.

Essas reclamações se sucederam ano a ano e anteriormente às críticas realizadas pelo então presidente da província em 1874. Tem-se o relato do Inspetor da Saúde Pública João José Innocencio Poggi acompanhado de uma comissão médica²⁷ no ano de 1869 sobre a forma como essas sujeiras fizeram com que as doenças típicas do local fossem cada vez mais freqüentes:

Em consequência das emanções pútridas que se desprendem dessas sepulturas e catacumbas tão arruinadas, e que são lançadas sobre a cidade pelos ventos de sul e sudoeste, temos o ar que respiramos de princípios miasmáticos e deletérios, produzindo febres typhicas e outras moléstias infectuosas.

Vale destacar que, além do cemitério, que estava sob os cuidados da Santa Casa de Misericórdia, foram mencionados os Cemitérios da Boa Sentença e o Cruz do Peixe, mas que, enquanto o primeiro estava totalmente ocupado, o segundo não tinha sido concluído por precisar de muito aterro para o seu nivelamento, conforme constata-se no Relatório do 2º vice presidente da Província Pe. Felipe Benício da Fonseca Galvão em 1879.

²⁷ Os médicos que assinaram seu relatório foram: Francisco Jacinto Pereira da Motta, Antonio da Cruz Cordeiro, Abdon Felinto Milanez, Jacintho Silvano Santa Roza. PARAÍBA, Provedoria do Consistório da Santa Casa de Misericórdia. Paraíba Lindolfo Correia das Neves em julho de 1874. PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província**. Sylvino Elvidio Carneiro da Cunha. Arquivo Público da Paraíba.

Sobre essa situação, Comblin (1993) afirma que esta foi um fator primordial para que Ibiapina também se dedicasse à construção de cemitérios, já que era tão caótica a situação que os escombros ficavam expostos, fazendo com que um maior número de doenças se proliferasse e acarretasse ainda mais em prejuízos para a população mais pobre. Araújo (1996:452), analisando como ficou Ibiapina ao ver o estado desta Província, afirma que:

[...] Seu coração cristão se constrange e seus sentimentos de dignidade humana entram em ebulição. Essa tétrica situação não pode continuar. O mínimo que poderia fazer no momento, seria construir cemitérios para guardar dignamente os corpos humanos. É o que começa a fazer na fazenda Malhada Vermelha e o fará posteriormente em todas as localidades que visitar.

Entretanto, esses cemitérios construídos pelo missionário²⁸ não foram mencionados nos Relatórios dos Presidentes da Província da Paraíba. Eles representavam uma necessidade básica para a população, sendo sua construção e reforma uma medida urgente. Apesar de serem reivindicados, novas reclamações foram surgindo anualmente.

Uma peculiaridade dos cemitérios existentes na Província da Paraíba era a divisão que se fazia entre as pessoas reconhecidamente católicas e os não católicos, mantendo-se em lugares distintos. De acordo com o que é narrado pelo Presidente da Província Francisco Teixeira de Sá, em 1873, trata-se de pessoas que morreram sob censura eclesiástica.

A forma privilegiada como a Igreja Católica era tratada nesse período pode ser vista em vários relatórios, principalmente, quando se busca a construção de alguma Matriz ou simplesmente algumas reformas²⁹. O discurso presente era o de que as pessoas precisavam adorar dignamente a Deus, conforme se constata no Relatório do vice - presidente Toscano de Britto, em 1866. E no caso de alguma reforma de

²⁸Dentre os cemitérios construídos por Ibiapina, podemos destacar os de Soledade – PB (1856), Alagoa Grande PB (1863) e Caldas-CE (1870) e, afirmar ainda que, estavam quase sempre localizados nas imediações das capelas. ARAÚJO, Francisco Sadoc. **Padre Ibiapina**: peregrino da caridade. São Paulo: Paulinas, 1996.

²⁹No Relatório do Sr Barão de Maráu, 2º vice-presidente da Província da Paraíba em 1867, há uma crítica ao estado decadente da Matriz da Capital, apelando para a devoção a Nossa Senhora das Neves que não mereceria está em um local velho, cabrunhoso e pobre em alfaías.

imagens, havia quase sempre presente a idéia de que estas mereciam ser reformadas de maneira que seus fiéis se voltassem para ela dignamente.

Os próprios discursos dos presidentes de província e dos inspetores de saúde transparecem valores morais próprios do cristianismo que servem de justificativa para suas atitudes ou de apelo para a sensibilidade de quem os escuta. Pode-se constatar na fala do provedor da Santa Casa de Misericórdia Antonio de Souza Gouveia em 1869 ao dar ênfase a importância da caridade (sic) como sendo: “[...] virtude absolutamente desconhecida dos antigos, nasceo com Jesus Christo; com esta virtude se distinguia elle do restante dos mortaes; foi-lhe com o sello renovador da natureza”.

Esse discurso religioso movia também o trabalho missionário de Ibiapina e fez com que, em momentos de crise, a situação fosse atenuada pela colaboração de pessoas mais abastadas. Além disso, teve um papel fundamental, entre os anos de 1877 a 1879, as Comissões de Socorro Público que atuaram principalmente distribuindo gêneros alimentícios e que tinham a sua frente os Inspectores da Tesouraria da Fazenda e Tesouro Provincial. No ano de 1878, também participou da mesma o ex - chefe de polícia.

Entretanto, a dificuldade na transportação de alimentos, fez com que muitos retirantes emigrassem para a capital em busca de recursos. Diante dessas circunstâncias, o presidente da província Esmerindo Gomes Parente teve a idéia de utilizá-los como mão de obra na construção de açude, cadeias e estradas e que os aconselhassem a irem para o litoral.

Essa busca por mão de obra e por evitar a ociosidade dessas pessoas foi própria desse contexto, já que algumas instituições como o Colégio de Educandos Artífices e o Liceu, capacitava as pessoas para algumas atividades industriais a fim de que elas possibilitassem a lucratividade dos mais ricos.

Tal situação fica explícita quando José Florentino Meira Vasconcellos, diretor de Instrução pública da Província propôs, no ano de 1864, que fosse introduzido, no Liceu, cursos de estudos para profissionalizar na agricultura, comércio ou em empregos provinciais, tidos como úteis para a sociedade.

Além disso, o Colégio dos Educandos Artífices teve um caráter importante para esse período, pois era visto como um incentivador a vocações industriais por Felizardo Toscano de Brito, Vice Presidente da Província em 1865:

A educação e instrução da mocidade sam sagrados deveres dos paes de família e dos Governos. Sem elas perigam a paz doméstica, a segurança do Estado e a estabilidade da sociedade, porque a ignorância é o caminho mais curto para chegar-se ao crime.

Apesar de sua importância para a sociedade, o Colégio dos Educandos Artífices, além de ter sido implantado tardiamente³⁰, sofria sérias dificuldades, que iam desde o pequeno espaço destinado à ausência de uma enfermaria para atendê-los à falta de materiais para a oficina de sapatos e a ausência de oficinas de marceneiro e ferreiro. Isto pode ser constatado a partir do relato do Diretor Padre Joaquim Vitor Pereira em 1868.

Ibiapina provavelmente se inspirou bastante na educação voltada para as atividades industriais, já que cada casa de caridade possuía um tipo de industrialização que garantia o seu sustento. O algodão, principal produto da Província da Paraíba³¹ é bastante mencionado em suas cartas e utilizado, portanto em suas casas de caridade.

Enfim, ao tomar-se conhecimento das principais dificuldades encontradas por Ibiapina, ao atuar na Província da Paraíba, é possível compreender-se mais sobre o estilo de sua missão e de como as pessoas admiravam o seu trabalho. Sendo assim, partindo de uma abordagem mais geral, segue-se a observação de qual a imagem que Ibiapina apresentava para os seus primeiros biógrafos. Conhecendo, antes disso, quem

³⁰O Colégio dos Educandos Artífices mesmo tendo sua criação sido autorizada desde 1859, apenas em 1865 ela foi efetivada. Além disso, diante de todas as dificuldades enfrentadas e do pouco investimento, este só funciona até 1874.

³¹O algodão é considerado o principal produto desse período pela forma como quase todos os presidentes de Província enfatizam a sua importância e como o segundo mais importante produto da Província da Paraíba tem-se o açúcar. Apenas no ano de 1863 tem-se uma descrição no Relatório do Presidente da Província de outros produtos importantes entre os quais merece destaque: o café, a farinha, o feijão, o milho, o arroz, o coco, o fumo, as mamonas, a rapadura e trazendo ainda os couros secos salgados de Mamanguape e Souza, os poldrinhos, os cabritos e os borregos em Cabaceiras, São João e Piancó. Destacando que o açúcar e o couro são destinados a portos estrangeiros em Mamanguape. Essas informações estão baseadas na análise dos Relatórios dos Presidentes da Província da Paraíba entre os anos de 1860 a 1883 (ver referência bibliográfica)

foi Ibiapina e que perfil tinha essas pessoas que se dedicaram a escrever sobre eles de maneira a colocá-lo constantemente como sendo “santo”.

1.2. Padre Ibiapina: A construção de um santo.

Antes de se iniciar a análise de como foi construída a imagem de Ibiapina pelos seus primeiros biógrafos, é importante se analisar brevemente sobre quem foi esse personagem mitificado pela população, identificando suas ações e destacando elementos de sua vida, que podem ser constatados através de seu registro de nascimento, das cartas, dos jornais, dentre outros documentos da sua época.

Ibiapina nasceu no dia 5 de agosto de 1806 na cidade de Sobral e ingressou no Seminário de Olinda em 1823. Diante das dificuldades enfrentadas principalmente após a morte de sua mãe, ele passou ainda pelo Convento Madre de Deus em 1825, tendo que se retirar após a morte de seu pai e seu irmão, durante a Confederação do Equador (1824). Com isso, Ibiapina seguiu para Recife com seus irmãos e ingressou na turma de bacharéis em direito, contando com a contribuição financeira de alguns religiosos. Após terminar esse curso, seguiu longa carreira como juiz, advogado, deputado federal, mas, em 1850, após um período de isolamento, que durou três anos, optou pelo trabalho missionário no Norte do país.

É bom lembrar que Dr. Américo teve um papel fundamental nessa decisão de Ibiapina, por ir até a sua residência e incentivá-lo ao sacerdócio, obtendo a resposta positiva de Ibiapina que impôs como única condição não passar por nenhum exame. O então Bispo D. João, sabendo que ele não admitia passar por exames, de início relutou contra essa decisão, mas acabou por ceder à vontade de Ibiapina, levando em consideração que seria importante para a Igreja ter um homem conhecido pela sua atuação como profissional, ordenando-o em 26 de julho de 1853. No entanto, antes de ser missionário, como era seu real desejo, ele exerceu por três anos cargos administrativos, tais como: Vigário Geral, Provedor do Bispado e professor de eloquência do Seminário de Olinda (MARIZ, 1980).

Dando início a sua obra que foi realizada nas províncias da Paraíba, Ceará, Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte, entre os anos de 1856 a 1876, Ibiapina

se voltou para ajudar aqueles que estavam sujeitos a condições precárias de vida, devido à pobreza extrema e à quase inexistência de hospitais, orfanatos, açudes e cemitérios, ou seja, a ausência quase absoluta do Estado nas áreas por onde peregrinou o Padre Ibiapina, refletindo, ao seu modo, a tradicional preocupação católica com a condição da mulher.

Diante da miséria generalizada de grande parte da população do interior, Padre Ibiapina voltou-se para a construção da infra-estrutura que faltava a esses locais. Enfatizou a edificação das casas de caridade, destinadas à educação moral das órfãs, que aprendiam a bordar, tecer, cozinhar, as primeiras letras e tudo o mais que era necessário para se tornar, segundo os padrões da época, uma boa cristã, esposa e mãe.

Para desenvolver tais atividades, Ibiapina contou inicialmente com o apoio financeiro de pessoas abastadas e, acima de tudo, com o ânimo da população mais pobre, que construía as casas de caridade, os açudes, os hospitais e as Igrejas, estimuladas pelas pregações do padre Ibiapina.

Para administrar as casas de caridade, o religioso recebeu o apoio de mulheres que se dispuseram a educar as órfãs, motivadas pela comoção por suas pregações voltadas para o público feminino. Sendo assim, ele conseguiu agrupar desde as mulheres mais ricas da região às mulheres pobres da localidade. (HOORNAERT, 2006). Essas podem ser divididas em dois grupos: aquelas que se dedicavam em tempo integral (Irmãs de Caridade), e aquelas que passavam apenas parte do seu tempo nas Casas.

Entre as obras efetuadas por Ibiapina, merece destaque a Casa de Caridade de Santa Fé, construída em 1866, que teve maior participação e contribuiu diretamente na instrução das órfãs e no andamento das atividades. Sua comunicação com as demais casas de caridade se dava a partir de cartas destinadas às diretoras em que ele apontava constantemente Santa Fé como modelo de obediência.

Após a morte do Padre Ibiapina, as Irmãs de Caridade foram sendo cada vez mais ignoradas pela Igreja, já que o processo de romanização ganhava mais adeptos nesse período. Portanto, uma parte considerável do clero secular não concordava com

a presença de leigas na coordenação de atividades sociais que levassem o nome da Igreja.

Sendo assim, diante das obras sociais feitas por ele, é compreensível a forma como as pessoas construíram todo um imaginário simbólico em torno de Ibiapina. Ele era visto como verdadeiro “santo”, o que permitiu que seus primeiros biógrafos, através de um discurso hagiográfico³², narrassem sobre sua vida, colocando elementos que demonstravam sua predestinação³³ para a santidade, tomando-o como exemplo de vida. Consta-se tal fato na afirmação de Madeira (2003, p.41):

Em geral a documentação anuncia um sacerdote predestinado à santificação, com indicações freqüentes a estereótipos como “virtuoso Padre”, o “zeloso Padre”, o “Santo Apóstolo”, “Nosso Pai”, denotando grandiosa adoração e sujeição ao padre.

A distinção devota a noção de que nem todos os padres tinham tais virtudes, naturalmente. Dessa forma, a construção dessa imagem santificada do Padre Ibiapina pode ser constatada em várias documentações da época e principalmente no discurso de seus primeiros biógrafos. Para compreender-se essa busca por demonstrá-lo como virtuoso, predestinado e de como esses biógrafos reconheceram em cada traço de sua vida sinais da graça divina é necessário se observar o significado desse sacerdote para esses autores e as motivações de trazer esse personagem à tona.

³² “[...]A hagiografia é um gênero literário, que no século XII, chamava-se também de hagiologia ou hagiológica. Como o Pe Delehaie esclareceu em 1905 numa obra que marcou época, *Les legendes hagiographiques*, ela privilegia os atores sagrados (os santos) e visa a edificação (uma exemplaridade) [...]” CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 266.

³³ Por predestinação se entende, em geral, a decisão que Deus, com decreto livre e eterno, se antecipa sobre a salvação ou a condenação definitiva do homem. Como tema, a doutrina da predestinação faz parte da doutrina da graça e da justificação, pois proclama e sustém Deus como seu ponto de partida e seu fim. Além disso, essa doutrina da predestinação aparece no Antigo Testamento através da idéia de eleição por graça divina, onde Abraão e seus patriarcas são os primeiros eleitos e Israel é tida como povo santo e escolhido, sendo castigada ao se afastar dos seus desígnios de Deus. Já no Novo Testamento essa idéia aparece, sobretudo, nos indivíduos e nos discursos escatológicos em que se tem a idéia de reino para os eleitos desde toda eternidade. Sendo assim, o discurso dos primeiros biógrafos sobre a predestinação de Padre Ibiapina revela que estes acreditavam na eleição divina para realização de sua missão e a sua salvação. Veja-se: FRIES, Heinrich. (org.) **Dicionário de teologia**. Conceitos fundamentais da teologia atual. Vol. 4, Edições Loyola: São Paulo - SP, 1970.

1.3. Os biógrafos de Ibiapina e a historiografia do século XIX

Os primeiros biógrafos escolhidos para essa abordagem se voltaram para a descrição de Ibiapina pouco tempo depois do seu falecimento, estando diretamente envolvidos com o pensamento da população e tendo convivido direta ou indiretamente com suas missões em Santa Fé. Eles são: o Beato Antônio Modesto, o compilador de textos dos beatos, José Duarte da Silva e, por fim, José Paulino Nogueira. Tais homens escreveram de maneira similar a hagiografia católica, já que, tal como ela, buscaram trazer Ibiapina como exemplo de vida para as pessoas que lessem sobre sua biografia.

O beato Antônio Modesto, dentre esses destacados, foi quem primeiro escreveu sobre o sacerdote e, tendo convivido com ele em Santa Fé, idealizou o Padre Ibiapina como um homem que modificou a vida da sociedade em que estava inserido, deixando transparecer em seu discurso essa visão religiosa.

Em 1888, por sua vez, houve a publicação da obra do Dr. José Paulino Nogueira Borges da Fonseca³⁴. Por ser um admirador de Ibiapina e bastante religioso, Paulino deu a sua contribuição na propagação da imagem de Ibiapina, contando com o Instituto Histórico do Ceará, em que ele foi o primeiro presidente, demonstrando apreço pela publicação de documentos primários.

Em seguida veio o folheto construído pelo Monsenhor José Paulino Duarte da Silva³⁵ que foi publicado entre os anos de 1913 e 1914, no jornal *A Imprensa*, sendo considerado por Carvalho (2008) como meio de fazer com que o grande público conhecesse o trabalho missionário de Ibiapina. A autoria desses escritos foi atribuída, posteriormente, às irmãs de caridade e aos beatos, devido à variedade de estilos

³⁴José Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1841- 1908) fazia parte de uma rica família do Ceará e, além de ter cursado a faculdade de Direito em Recife entre os anos de 1862 e 1865, exerceu cargos importantes na política como o de Deputado Geral do Partido Conservador no ano de 1872 e 1878, e de Presidente de Província do Ceará por um período durante o ano de 1872. Além de ter sido Inspetor Geral de Instrução Pública, Professor de latim no Liceu do Ceará e Desembargador do Tribunal de Relação. ABREU, Cruz. Paulino Nogueira. **Revista trimestral do Instituto do Ceará** sob a direção do Barão Studart – TOMO XLVI – 1932.

³⁵José Paulino Duarte da Silva era natural do Rio Grande do Norte, esteve em várias paróquias exercendo seu sacerdócio e em 1911 foi nomeado para atender as pessoas de Arara- PB se estabelecendo em pouco tempo na Casa de Caridade Santa Fé e, demonstrando grande admiração pelo Padre Ibiapina, compilou os escritos sobre a sua vida. Conferir em: CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **A missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008.

apresentados. Nessa compilação, grande parte do texto foi produzida pelo Beato Antônio Modesto.

No ano de 1915, Duarte da Silva construiu um livro com esses escritos. Esses livros foram distribuídos nas proximidades de Santa Fé pelas beatas que lá residiam e que pediam esmolas para aqueles que o adquirissem a fim de colaborar com a instituição. Sendo assim, ao mencionar Silva (1915), são apresentados esses personagens anônimos que conviveram com Padre Ibiapina.

Analisando esses primeiros biógrafos à luz de Certeau (2008), pode-se dizer que eles foram influenciados pelo lugar social que ocupavam e também que eles atenderam ao interesse de um determinado grupo, assim como fazem os historiadores. Sendo assim, observa-se nos autores, que se dedicaram a esse estudo, uma forte ligação com o seu objeto, ou seja, com o padre Ibiapina.

É compreensível todo o enaltecimento da imagem do sacerdote, passando, para quem lesse sobre tal religioso, a visão dele como predestinado e exemplo de vida, já que os escritores estavam imbuídos de valores religiosos. Sobre essa busca de atribuir valores do passado a um período posterior Campos (1999, 90-91) comenta:

Aqui localizamos uma atividade fundamental do celebrador, pois ele é o guardião do passado. As “imagens”, os “símbolos” e “modelos de ação” são seus instrumentos do trabalho intelectual e de vigilância. Ao descobrir os fios que ligam o presente e o passado, ele consegue montar uma “história” homogênea, ligando situações diversas, cimentando fraturas, afugentando adversários, atraindo recalcitrantes, educando os recém- chegados (convertidos ou nascidos de país convertidos), numa atividade pedagógica constante no interior da organização.

De acordo com Campos (1999), o celebrador, assim como os primeiros biógrafos de Ibiapina, buscava homogeneizar acontecimentos da vida de um determinado personagem, desde o seu nascimento, e não se distanciavam muito da historiografia tradicional de influência positivista devido à busca pela homogeneização dos fatos e enaltecimento de figuras tidas como heróicas. Pois, tal como a historiografia tradicional, “[...] se apoiava em fatos, grandes nomes e heróis e assim constituía pautas e agendas históricas, naturalizadas [...]” (SCHWARCZ, 2001, p.37).

Na visão de Reis (1994), os historiadores positivistas consideravam os documentos como narrativas exatas e precisas, revelando ou comunicando apenas uma realidade. Concordando com esse autor, afirma Lilian Schwarcz que o historiador, ao seguir esse pensamento, não problematizava os fatos, e as principais fontes utilizadas naquela época eram os registros oficiais emanados do Governo e preservados em arquivos, os quais demonstravam uma verdade absoluta.

A história era para os positivistas somente o tecido de eventos sucessivos. Reis, datas e batalhas sucediam-se minuciosamente reconstituindo uma narrativa exata e precisa. O tempo histórico não era um problema de difícil solução, mas uma solução de fácil realização (REIS, 1994, pp. 32-33).

Pode-se considerar que essa historiografia, de influência positivista, tem um modelo explicativo evolucionista e cientificista por trazer a busca das informações no documento, sem quaisquer questionamentos, tomando a histórica como ciência objetiva. Assim, não se permitia ao historiador olhar o passado sob o ponto de vista particular, mas que se deveria narrar os “fatos como eles realmente aconteceram”, através da descrição de documentos oficiais, se afastando, conseqüentemente, da análise das pessoas comuns. (BURKE, 1992)

Vale destacar que as pessoas mais pobres, excluídas das abordagens que davam ênfase ao estudo sobre política e a história dos chamados “grandes homens”, aparecem, no século XIX, apenas no estudo direcionado à cultura popular, através do folclore [ciência que estuda o povo]. Dessa maneira, a pesquisa, feita em pequenas cidades e vilarejos e acompanhada da prática de entrevistar as pessoas, tornou-se cada vez mais freqüentes.

A parte descritiva se aperfeiçoa cada vez mais pela precisão científica, pela análise metodológica de todos os fatores pela verificação da morfologia e da dinâmica dos fenômenos e pelo emprego de aparelhagem mecânica na pesquisa (ALMEIDA, 1971, p.15).

É interessante notar que o estudo do folclore também é motivado pela cientificização dos vários conhecimentos, mas é alvo de preconceito, uma vez que é considerado como uma ciência "menor" ou menos importante que as demais, privilegiando-se o estudo da política e da economia, em que os costumes da elite se sobressaem se comparados a este.

Após uma apreciação geral dos primeiros autores que construíram a biografia de Ibiapina, seguido de uma breve análise da historiografia da época, se foi possibilitado um suporte para se observar quais as motivações destes religiosos em escrever sobre esse missionário. Assim, se tem uma noção de como os estudiosos da área viam a escrita da história, maneira esta não compartilhada neste estudo, em que se dedicará a análise dos discursos da época principalmente, através de Michel de Certeau e Gilbert Durand.

1.3.1. Padre Ibiapina na visão dos seus biógrafos

Ao se observar o discurso dos biógrafos de Ibiapina, percebe-se como eles iniciam não pela sua infância, mas pela forma como seu pai, Francisco Miguel de Pereira, tinha sido escolhido pela família para ser padre, desistindo, para casar-se com Thereza Maria de Jesus. Ambos, apesar de pertencerem a famílias ricas, sofrem o seu desprezo por irem de encontro ao desejo de seus pais, tendo que morar no povoado de Ibiapina, pequena povoação de índios.

Tal relato serve para chamar a atenção do leitor, com o intuito de que se perceba como, desde a ascendência de Ibiapina, havia um desejo da rica família sobralense por ter um sacerdote, enfatizando a predestinação de seu filho. Vale destacar que Fonseca (1888), antes de descrever a vida de Ibiapina, buscou mostrar a importância das virtudes cristãs, adquirindo Ibiapina, portanto, um caráter exemplar. Esta prática era incentivada pela Igreja Católica, desde o período medieval, estando direcionada para aqueles que, lendo sobre a vida desse religioso pudessem buscar a santidade, segundo os valores cristãos.

O nascimento de Ibiapina foi narrado pelo Beato Antonio Modesto de forma bastante romanceada, dando ênfase ao seu primeiro nome "José", mesmo nome do

esposo de Maria, o qual, segundo os valores da tradição católica, era visto como uma figura casta, que deveria ser servido e obedecido por Jesus e Maria. Para o Beato Antonio, como José, Ibiapina possuía suas qualidades morais. O Beato trazia, portanto, em seu discurso um forte imaginário heróico e cristão, o qual foi adquirido a partir da presente convivência com Ibiapina e com a própria sociedade, imbuída de valores cristãos. Fonseca (1888), por sua vez, trouxe consigo uma imagem heróica de Ibiapina, vendo Sobral como lugar que deveria honrar-se “[...] de ser um berço de um varão que honrou a pátria e a humanidade, a história e a religião [...]” (Fonseca, 1888, p 161).

Os valores cristãos, existentes nesses primeiros relatos biográficos sobre Ibiapina, são explícitos principalmente quando ressaltam suas qualidades, anteriormente presentes em Jesus Cristo e narrados nos evangelhos canônicos, ou seja, neles são atribuídas ao religioso a mansidão, o desinteresse e a boa índole. Além disso, nesses relatos é comum se colocar Ibiapina como tendo “boa inteligência”, como predestinado ao sacerdócio e como exemplo de vida para os demais, tais como os hagiógrafos. (Beato Antonio Modesto, 1883)

Além de se enfatizar a sua aptidão para os estudos e de apontar Ibiapina como grande mestre, havia uma preocupação do Beato Antonio e de José Paulino Nogueira em trazer a tona a sua dedicação à Igreja Católica. Beato Antônio Modesto afirmava que, nas horas vagas, Ibiapina ouvia missa e assistia aos atos religiosos, buscando desde a sua infância sinais de que este era, de fato, um “predestinado”. Essa idéia de predestinação é presente também na hagiografia, pois: “[...] a hagiografia postula que *tudo é dado na origem* como uma “vocação”, com uma eleição ou como nas vidas da Antiguidade, com um ethos inicial [...]” (CERTEAU, 2007, p.273).

Dessa forma, essa luz apontada no imaginário do Beato indica o início de uma vida que, para ele, seria santa e que essa iluminação estava sendo demonstrada pela dedicação aos estudos e aos sacramentos da Igreja daquele que, em sua visão, sempre foi um predestinado para a santidade.

Ao relatarem sobre o período em que Ibiapina esteve no Crato, após a remoção de seu pai no ano de 1819, o Beato Antonio e o relator José Paulino Nogueira fazem questão de colocar que, apesar de ter que interromper momentaneamente os seus estudos, Ibiapina não havia deixado de praticar os exercícios de piedade e de manter

contato com o Reverendo Manoel Felipe Gonçalves. Ibiapina é visto como aquele que estava atento às virtudes e que seria um predestinado e escolhido por Deus para realizar a missão. Sobre essa visão Madeira (2003, p.40) coloca que:

Certamente, a tradição da escrita hagiográfica marcou as biografias de personagens de uma determinada época, em especial daqueles ou daquelas com um prestígio social, seja econômico, político e/ou religioso. Em todas as escritas biográficas sobre Ibiapina expressam de algum modo intenções e preocupações na formulação de um perfil de um missionário, predestinado a cumprir um destino traçado pela Providência Divina. Existe assim um Ibiapina santo, na política, no Direito, na situação de clérigo e peregrino: para as órfãs, irmãos de caridade, para o povo, para o rico e o piedoso.

Dessa forma, o Beato Antonio Modesto, imbuído dessa visão e apegando-se aos detalhes da natureza que envolvia Ibiapina, apontou o Crato como um local em que a primavera era inalterável e que lembrava a infância do “predestinado”. Segundo ele, a paisagem não se diferenciava muito de sua terra natal e estimulava a meditação.

A maneira como os biógrafos, em especial Antônio Modesto, descreveram as paisagens do contexto narrado revela, em seu pensamento, o que aquele local simbolizava para eles. Sendo assim, ao descreverem um momento negativo da vida de Ibiapina, eles destacam as “nuvens negras”, seca, sol, entre outros elementos que trazem a tristeza de um determinado local. Ao abordarem sobre fatos que lembravam momentos extremamente agradáveis, houve uma descrição de flores, luz e estrela que brilha, mostrando que tratava-se de um momento especial de modo que conseguiam envolver o leitor com as imagens apresentadas.

Um grande marco na vida de Ibiapina, segundo esses primeiros relatores de sua vida, foi a sua entrada no Seminário de Olinda durante sua juventude, bem como sua discordância em relação às idéias racionalistas³⁶ (o Beato acusou como ausência de moralidade e de religiosidade) e, conseqüentemente, a sua transferência para o Convento Madre de Deus. Outros fatores importantes foram: a morte de seu pai e o

³⁶O Seminário de Olinda, fundado em 1800, pelo Bispo Azeredo Coutinho, foi um dos principais divulgadores do germe do liberalismo e da cultura das *luzes*. Veja-se: AZZI, Riolando. **A crise da Cristandade e o projeto liberal**: história do pensamento católico no Brasil, vol. II, Paulinas, 1991.

exílio de seu irmão mais velho, Antonio, para a Ilha de Fernando de Noronha, onde morreu pouco tempo depois, devido ao envolvimento na Confederação do Equador, e a morte de sua mãe, em 1823, vítima de um aborto natural. Ibiapina teve, então, que abdicar de seu sonho de ser sacerdote, para sustentar a sua família, deixando suas irmãs órfãs em casas de parentes.

A experiência de assumir os negócios da família certamente foi difícil para ele, pois, tal como consta no testamento de seu pai, eram os seus irmãos; Raimundo e Francisca, que já casada tinha o conhecimento de suas dívidas e das coisas de valor que seu pai possuía. Dessa forma, assumir uma realidade que não tinha realizado outrora foi bastante difícil, assim como abandonar o desejo de ser sacerdote e seguir a carreira jurídica e política.

Entretanto, sendo considerado herói por Fonseca (1888) e também pelo Beato Antonio Modesto, Ibiapina foi descrito sempre como homem forte, inteligente e que logo superou as dificuldades, resolvendo as pendências familiares no Maranhão, indo para o Convento São Bento (já que o Convento Madre de Deus estava fechado) e estudando no Curso de Direito. Nessa ocasião, recebeu o incentivo do Bispo Thomas de Noronha para sua vocação religiosa, pois, segundo seus biógrafos, o padre do Convento Madre de Deus pediu para que este estimulasse sua vocação.

O fato dele não exercer o sacerdócio na juventude faz com que Fonseca (1888), utilizando-se do discurso da predestinação, afirme que não era o tempo que Deus havia reservado para ele “trabalhar na vinha do Senhor” e que estava escrito no livro do destino, trazendo consigo o caráter hagiográfico de como ele desenvolve o seu relato.

Todavia, mesmo passando muito tempo para optar pelo trabalho missionário, cada atividade que ele realizou é vista pelos autores que o descreveram como sinais de que este já era um predestinado. Sua carreira como mestre, advogado, juiz e político foi tida, por eles, como formas de demonstrar que esteve sempre contra a injustiça e a favor dos pobres.

Sendo assim, dedicar-se-á um tópico específico para a descrição daquilo que é considerado pelos biógrafos como vida pública, finalizando com o suposto contato místico, que fez com que Ibiapina deixasse tudo para seguir a missão. Além disso, se

traz um ponto em que se discute como ele era visto por esses biógrafos e por outros contemporâneos de suas obras quando começou seu trabalho missionário.

1.3.2. A vida pública de Ibiapina

Na visão dos autores que buscaram colocar Ibiapina como predestinado, o início de sua carreira, como lente substituto, foi um sinal de seu talento e de sua dedicação. Francisco Sadoc de Araújo (1996), escritor que se dedicou ao estudo da obra de Ibiapina, posteriormente, foi mais além nessa análise, ao comentar que essa conquista foi também devido ao seu “bom comportamento” e ao seu não envolvimento em movimentos estudantis.

O Beato Antonio Modesto, por sua vez, demonstrando toda sua crença na predestinação do futuro missionário, afirmou que, mesmo quando Ibiapina conseguiu adentrar a Assembléia Legislativa, havia sempre a voz de Deus orientando e afirmando que aquele não era o caminho correto a seguir e que o caminho dele era outro, pensando, pois, que o sacerdote tinha esse contato sobrenatural. Havia, portanto, uma missão divina a ser seguida, demonstrando todo pensamento cristão que o envolvia e a sua fé na santidade de Ibiapina, nos moldes de uma hagiografia cristã, não entrando em detalhes em sua estadia na Assembléia e limitando-se a citá-la brevemente.

Essa forma mais eloquente de se referir a Ibiapina é compreensível pelo contato direto que o beato teve com Ibiapina e pela mensagem messiânica que este trouxe não só para ele, mas também para as pessoas que atuaram em sua missão, conforme pode-se observar em Della Cava (1976). A maneira como esse beato se sentiu útil para a obra de Ibiapina fez dele uma pessoa que o considerasse como santo e como alguém que tinha a missão de ajudar a população, tomando os outros caminhos que ele percorreu como fatos que não merecem tanta importância quanto a sua missão, pois acreditava que, caso Ibiapina tivesse atendido ao chamado antes, teria tido tempo de construir mais coisas para aquela sociedade carente.

Todavia, Fonseca (1888) buscou trazer a atuação de Ibiapina na Assembléia como justa e defendeu a forma como este, ao invés de ajudar aqueles que eram companheiros de seu pai na Confederação do Equador, manteve-se na posição

conservadora de criticar a falta de ordem do país, não sendo de maneira alguma simpático aos ideais de liberdade do período regencial em que ele esteve na Assembléia como deputado. Ou seja, entre os anos de 1834-1837, era um período muito conturbado para o país por corresponder a fase intermediária da Regência³⁷, em que se teve a difusão de diversas revoltas³⁸ com fundo emancipatório, diante da vacância do trono.

Construído nos moldes do discurso hagiográfico, ou seja, buscando ressaltar o caráter sagrado da vida pública de Ibiapina, não houve lugar para um estudo profundo sobre sua atuação na Câmara, sobre a sua ligação com o grupo dos moderados³⁹ e sobre qualquer aspecto de sua vida que não revelassem o caráter heróico de seu pensamento, trazendo apenas elementos que, na visão dos seus biógrafos, comprovavam seu comportamento justo e a sua predestinação.

Esse caráter heróico adquire grandes proporções no discurso de Fonseca (1888), que comparou o sofrimento vivenciado por Ibiapina com a *Tragédia de Hércules*, caracterizando, porém, as reações distintas de ambos os personagens considerados pelo autor como heróis, pois, enquanto Hércules buscou vingar a morte de seus familiares e da sua pátria, Ibiapina demonstrou ter uma aversão sobre toda e qualquer desordem, buscando sempre manter a ordem através dos seus projetos e sua participação na construção de leis.

³⁷O período regencial iniciou-se com o Golpe da abdicação de Dom Pedro I em 1831 e terminou com o Golpe a maioria de dom Pedro II em 1840. Essa fase foi considerada como “laboratório político da história brasileira” onde as experiências descentralizadoras e centralizadoras foram colocadas em avaliação. Os anos de 1834- 1837, correspondem aos períodos da segunda fase da Regência Trina Permanente (1832-1835) e a Regência Una do Padre Antônio Diogo Feijó (1835-1837) em que, mesmo concentrando as atividades em uma única pessoa, existiram grandes dificuldades devido as críticas de Feijó a magistratura, o afastamento de Evaristo da Veiga seu grande aliado, e a forma como ele se referia a Questão Religiosa, devido a sua oposição ao celibato e a postura liberal por ele adotada. Consultar: REINATO, Eduardo José. O pêndulo liberal a Regência como laboratório político. Estudos. **Revista da Universidade Católica de Goiás**, Vol. 23, nº 1 /2, pp. 45-56. Jan/ Junho, 1996.

³⁸As principais revoltas do Período Regencial foram: a Revolta dos Malês (Bahia,1835), a Balaiada (Maranhão, 1837-1838), a Sabinada (Bahia, 1837-1838), a Farroupilha (Rio Grande do Sul 1835-1845), a Carneirada (Pernambuco, 1835), a Revolta dos Bem-te-vis (Piauí, 1840), a Abrilada (Recife, 1832), bem como uma Revolta ocorrida posteriormente no litoral de Sorocaba-SP no ano de 1842 dentre outras.Ibid.

³⁹A ala moderada após a abdicação do Imperador sofre um processo de congraçamento, ou seja, os liberais puros que anteriormente eram favoráveis aos exaltados, passam a apoiar as idéias de ordem, reclamando reformas constitucionais. CASTRO, Paulo Pereira de. A experiência republicana, 1831-1840. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **História geral da civilização brasileira**. II O Brasil Monárquico. 2. Dispersão e unidade. 6ª ed. Tomo II, 2º volume. São Paulo: Difel, 2002.

Analisando as atas da Assembléia Legislativa, disponíveis atualmente no Arquivo Santa Fé, percebe-se que as medidas intransigentes tomadas por Ibiapina, como membro da Comissão Jurídica Criminal juntamente com Cerqueira Leite e Martins Fontes, que condiziam com o pensamento dos políticos moderados, como por exemplo, a coibição do movimento denominado Cabanagem⁴⁰ no Pará, não foram ressaltadas pelos que primeiro relataram a sua vida. E, quando se comentou rapidamente sobre seu caráter conservador, buscou-se mostrar que era uma forma de repor a ordem no país, repudiando as Revoltas da época e vendo nelas não uma busca pela liberdade ou pelos ideais das pessoas excluídas, mas sim como revoltas de cunho anárquico que precisavam ser combatidas.

Autores como Araújo (1996), que vieram posteriormente, além de concordarem com a opinião desses de que, na realidade, a “ordem” era a principal motivação para Ibiapina se manter ao lado do grupo moderado, ressaltaram atitudes justas que ele tomou como na sessão de Assembléia em 1835, em que lutou para que o direito em receber uma diária de quinhentos réis concedidos a sedições em Pernambuco fosse estendido às pessoas feridas e às mulheres viúvas das vítimas da sedição em Ouro Preto - MG.

Araújo (1996) lembrou ainda o desgaste que vinha sofrendo Ibiapina na Câmara dos Deputados e que, no ano de 1837, a maior parte da suas intervenções foi com relação a substituições e ordenados do corpo docente dos Cursos Jurídicos, bem como a promoção de alunos. Nesse mesmo ano, a morte de Evaristo da Veiga, líder do partido liberal moderado, a exoneração de Feijó e sua substituição por Araújo e Lima foram acontecimentos significativos para a Regência, acompanhados também do fim do mandato de Ibiapina. Apesar dele ter sido convidado para Presidente da Província,

⁴⁰A cabanagem foi uma rebelião que teve como líderes o Cônego Batista Campos e o fazendeiro Antônio Malcher, entre os anos de 1834-1837. As pessoas que nela atuaram tinham tradição de luta e, em 1832, contando com a liderança do Cônego, conseguiram sublevar a comarca do Rio Negro, dissolver a Guarda Nacional e submeter a sua orientação o presidente do governo central Machado de Oliveira sendo reprimidos em 1833 com a chegada das autoridades Bernardo Lobo de Souza e o tenente Joaquim Jose Santiago reagindo através de um levante armado que instalou Feliz Antonio Clemente Malcher como primeiro governo cabano, mas este não atendeu as expectativas da população gerando revolta e sua execução. Contudo a população apesar de tentar uma fuga para o interior da província é detida com uma grande esquadra do Governo. Veja-se: WERNET, Augustin. **O período regencial**. São Paulo: Global, 1982.

recebendo a pasta de ministro da Justiça, recusou-se devido ao desgaste sofrido em seus anos como político.

Entretanto, para Fonseca (1888), o desgaste político não foi o único fator que fez com que Ibiapina visse que sua vocação não era aquela. Havia também, o fato de ter sido rejeitado pela sua noiva Caroline Clarence, que era filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, por sua vez, irmão do senador Alencar, Presidente da Província, a qual havia fugido com seu parente. Tal acontecimento trouxe a questão de que a decepção amorosa tenha sido um forte motivo para ele se dedicar posteriormente ao sacerdócio e se essa contrariedade reprimida o fez tomar outro caminho. Segundo Mariz (1997), esse fato ocorreu ao encerrar-se a sessão de 1834, ao chegar em Fortaleza, quando passou um tempo como juiz de Quixeramobim, depois, por ser íntegro e frenético, logo se demitiu. Para ele, um dos maiores aborrecimento que Ibiapina teve foi ver um criminoso de nome Alberto Amaral ser absolvido no júri por poderosos locais.

Também é enfatizado por Celso Mariz que Ibiapina estava se comunicando sempre com o Presidente da Província, a fim de adquirir meios de combater os criminosos e pedir a construção de alojamentos e de praças para reforçar a sua segurança, reclamando da impunidade local e recebendo sempre a resposta do presidente, já que a busca pela “ordem” era de seu interesse. Essa busca de trazer Ibiapina como homem justo pode ser compreendida ao se observar a seguinte citação:

O esquema de Celso Mariz não fugia a outros, inumeráveis, da hagiografia acadêmica. O santo, o grande homem, era acima de tudo aquele que mostrava aspectos de alguém separado da vida pelos seus contemporâneos, só interessando aquilo que, nele, cabia no esquema considerado oficialmente, como o único válido. (CARVALHO, 1983, p.104).

A visão de Ibiapina como homem justo perceptível nas colocações de Mariz (1997) é antecipada por Fonseca (1888), ao afirmar que o rompimento com Alencar se deu ao buscar manter a decisão do júri em libertar um assassino chamado João Rodrigues do Nascimento, ao invés de prendê-lo, conforme era o desejo do mesmo.

É interessante notar que, fazendo novamente uma leitura mítica desse fato, Fonseca (1988) afirmou que “a espada de Damocles chegou a estar na cabeça” ⁴¹ de Ibiapina, fazendo sempre comparações entre o seu objeto de estudo e contos, mitos e histórias antigas, mostrando que, em sua visão, existia uma similaridade entre os arquétipos e símbolos de seus antepassados. Sua atuação na Assembléia foi tida por seus biógrafos como uma busca frustrada em fazer com que se fizessem leis capazes de diminuir a criminalidade e de tentar minimizar as injustiças.

Entretanto, uma atitude citada pela maioria de seus biógrafos como marcante, já que grande parte da construção de suas narrativas visava heroizá-lo e de trazer à tona o seu caráter justo e honesto, a fim de enaltecê-lo, foi quando ele tentou convencer a Assembléia em afastar o Ministro da Fazenda, Manoel do Nascimento Castro e Silva, de suas atividades devido às suspeitas de corrupção e o roubo do Tesouro Nacional. Este fato ameaçava o país de uma crise financeira, mas não conseguiu resultados, sofrendo críticas por parte do Ministro, que, indignado, acusou-lhe de prática de nepotismo, ou seja, de retirar pessoas do trabalho para colocar parentes e amigos.

Encerrado seu mandato na Assembléia Legislativa, Ibiapina começou a exercer a advocacia. Seus biógrafos novamente ressaltam suas qualidades e a forma como este conseguiu obter vários clientes. Além disso, seu poder de argumentação e também a forma como este demonstrava ser justo chamava a atenção daqueles que se dedicaram ao seu estudo. Um dos casos mais conhecidos de sua atuação como criminalista foi no ano de 1827, solucionando o caso de um homem simples, Filipe José, que, recém-casado, havia sido traído por sua esposa e a matado. O promotor Dr. José Luis queria condená-lo a morte, mas, diante da defesa realizada por Ibiapina, houve uma comoção do júri, que resolveu absolvê-lo. Em Recife, por sua vez, Araújo (1996) nos trouxe que

⁴¹A expressão “a espada de Damôcles chegou a estar na cabeça” faz parte de uma lenda que teve origem em Siracusa por volta de 386 a. C e serve para mostrar a insegurança de uma pessoa diante de uma determinada situação, já que, nessa narrativa, um serviçal chamado Damôcles sempre afirmava que o Rei Dionísio tinha grande sorte por ocupar esta posição. Para demonstrar as dificuldades em ocupar aquele cargo o Rei concedeu ao seu serviçal que por um dia estivesse ocupando seu lugar, mas pendurou uma espada próxima a sua cabeça que estava segura apenas por um fio da crina de um cavalo que a qualquer momento poderia cair, tal como o reinado dele. Consulta-se: TILLELLI, Antonio Oniswaldo. **Damôcles, as filantrópicas e o STF**. Jornal Indicador Jurídico nº4 abril/maio de 2002.

ele morou dez anos e se dedicou ao estudo de Direito e à profissão de advogado e se voltou para advogar as causas da diocese e clero, o que mostra que ele de fato manteve o vínculo com a Igreja mesmo saindo do Seminário há muito tempo.

O autor destacou ainda sobre as dificuldades sofridas por ele devido à seca de 1844⁴², a qual fragilizou muito a saúde de Ibiapina, diminuindo consideravelmente o ritmo de seu trabalho. Diante do sofrimento das pessoas, Ibiapina pôde obter contato com as missões populares desenvolvidas pelos capuchinhos⁴³ do Convento da Penha, tendo em vista que o futuro sacerdote morava na paróquia São José e tinha contato com o responsável pelas pregações o Frei Luis de Belfort, recebendo, portanto, suporte espiritual e moral para a posterior carreira sacerdotal, do então advogado, e fazendo com que ele buscasse uma maior aproximação com esses religiosos.

No ano de 1848, o futuro missionário foi ao brejo paraibano, a fim de resolver um problema de demarcação de terras na propriedade Mucuriti e retornou ao Recife em 1849, segundo Araújo (1996), desanimado com a profissão de advogado e com a política, afastando-se por três anos da vida pública.

Analizando as colocações de Araújo (1996) e de Mariz (1997), percebe-se uma preocupação em detalhar a vida de Ibiapina, não abandonando, todavia, algumas características próprias da hagiografia, que buscava no passado elementos para identificar a forma como tal religioso, passado algum tempo, dedicou-se inteiramente à missão. Contudo, esses autores fazem uma leitura que se aproxima mais da realidade, pois identificam situações em que o religioso se exaltou, esteve do lado do partido conservador, humanizando mais a vida de Ibiapina.

⁴²A seca de 1844 teve um caráter tão sério que o governo imperial brasileiro, que administrava a capital, admitiu oficialmente, pela primeira vez, a necessidade de desapropriar terras particulares em torno das nascentes para reflorestá-las. MAYA, Raymundo Ottoni de Castro. **A Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro, Centro de Conservação da Natureza. 1966.

⁴³Desde 1646 existem capuchinhos atuando no interior de Pernambuco, estabelecendo aos poucos “hospícios” em Olinda, em 1649, Recife (1656) e Rio de Janeiro (1653), para sustentar o trabalho para com os índios. Foi, sobretudo, no Sertão do rio São Francisco que os capuchinhos atuaram, até que houve rompimento das relações diplomáticas entre Portugal e França, com consecutiva retirada dos missionários bretões. Estes foram substituídos pelos italianos a partir de 1705 que foram, por sua vez, expulsos do Brasil por decreto de 25 de agosto de 1831. Os capuchinhos eram “missionários apostólicos”, isto é, dependiam da congregação romana De Propaganda Fide (fundada em 1622 para combater o Padroado Real da Espanha e Portugal), em oposição aos “missionários reais” cujo sustento proveio do Padroado Real estabelecido em Lisboa. Conferir: HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil – Colonial (1550-1800)**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

Enquanto isso, Antonio Modesto (1883) e Fonseca (1888) se limitam a narrar aquilo que, para eles, foi prova de que Ibiapina era um predestinado e como em todos os momentos de sua vida pública ele demonstrou ter um caráter heróico e religioso, pois, sendo na visão deles um homem justo e religioso, tudo garantia que ele fosse cumprir a missão que lhe fora destinada. Essa justiça e religiosidade de Ibiapina, que os beatos buscavam enfatizar, são também mencionadas por Ibiapina. Durante sua missão, ele buscava mostrar que estava a favor da Igreja:

Lutamos infelizmente com a maçonaria, que tem decretado a prisão, perseguição aos Padres Catholicos, que se pronunciaram contra ela em favor da religião não podia eu por isto ser esquecido. Tive aviso de ser preso; mas isso ainda não se realizou por abalo que causou no povo; contudo estou tranqüilo em sofrer por Deos a prisão ou a morte⁴⁴.

Entretanto, o ápice dessa religiosidade foi manifestado no período de silêncio que Ibiapina obteve, após ter deixado de exercer a advocacia, pois, para esses estudiosos, esse momento condiz com aquele em que ele conseguiu elevar seus pensamentos a Deus, sendo similar, portanto, aos vários santos narrados na hagiografia cristã.

1.3.3. Da experiência mística à missão

Analisando o ano de 1850, em que Ibiapina, desanimado com a política e com a profissão de advogado resolveu abandonar suas atividades profissionais e se voltar para si mesmo, sob o olhar dos seus primeiros biógrafos, pode-se constatar fortemente características de um discurso hagiográfico, pois se concebe esse período como “tempo de ascese que contém a sua iluminação” (CERTEAU, 2007, p.277).

Para seus biógrafos, esse foi o momento da vida de Ibiapina em que ele se encontrou com Deus, refletindo sobre suas ações, buscando saber do Ser Supremo

⁴⁴ Carta escrita por Ibiapina a Pedro Lobo de Menezes, regente da Casa de Caridade de Barbalha em 26 de dezembro de 1874. In: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)**. Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará

qual a sua missão na terra, enveredando-se pelo trabalho missionário. Segundo Certeau (2007), após uma análise da vida dos santos, a maneira dos hagiógrafos, existe um tempo de epifania, de milagres e conversões que correspondem ao início da missão, ou seja, é quando o indivíduo atende ao chamado de Deus.

Leonardo Boff (1999, p.11) atribui o período de isolamento como sendo um momento em que as pessoas buscam:

[...] descobrir em si as várias dimensões do mistério da vida e os níveis de profundidade da indagação humana. Identificando aí grandes sonhos e visões de um novo mundo e de relações humanas e sociais mais benevolentes e amorosas que povoam o imaginário e que, de tempos em tempos, incendeiam os corações.

Esse contato místico, portanto, é enfatizado por vários autores que observam o cume da conversão de um indivíduo. É certo que, a partir de um período de isolamento, há realmente condições de uma pessoa refletir sobre sua vida. Caso se esteja predisposto a acreditar num contato com uma divindade, naturalmente se irá atribuir a um ser sobrenatural a possibilidade de refletir e de tomar novas decisões, fazendo com que outras pessoas, envolvidas com os mesmos ideais, passem a conceber o indivíduo como santo ou pessoa especial.

De acordo com Possebon (2008), as pessoas que tiveram essa experiência com o sagrado podem ser denominadas de *homo religiosus*. Tal manifestação estava fortemente presente no cotidiano dos seres humanos durante a Antiguidade. Sobre essas pessoas, o autor comenta que:

O *homo religiosus* é aquele que vive de maneira plena a experiência com o sagrado, ou seja, estando predisposto para tal, ele percebe as manifestações da natureza, que se lhe apresentam como diferentes, assustadoras e superiores à experiência do cotidiano. (POSSEBON, 2008, p.18)

Essa manifestação do sagrado recebida pelo homem religioso e vista pelo mesmo como uma revelação, na qual a divindade irá transmitir uma mensagem mítico-religiosa, é analisada por Mircea Eliade no seu livro *Sagrado e Profano*. (1992).

A concepção de hierofania e de homem religioso, apontada tanto por Eliade quanto por Boff, contribui para a análise da experiência religiosa de Ibiapina. Apesar dele não afirmar que teve contato direto com o sagrado, seus estudiosos acreditam que esse período de silêncio, vivenciado por ele, bem como sua religiosidade, corroborou para que tivesse contato com o sobrenatural e pudesse iniciar seu trabalho missionário.

É importante lembrar ainda que Johnson (1959), trazendo uma visão da psicologia, observa a conversão genuína como um momento de crise, vivenciado por uma pessoa. Tal autor afirma que, embora existam variedades de formas e circunstâncias para sua ocorrência, ela parte sempre de um conflito desesperado, fazendo-a decidir por ter sua vida radicalmente transformada. Esse momento condiz com a situação de desesperança que encontrava Ibiapina, pois diante de tantos conflitos na área profissional, ele resolveu silenciar e fazer certamente uma análise pessoal de sua vida.

Este conflito pessoal foi bastante motivador para seus primeiros biógrafos, pois gera, na visão deles, a santidade, havendo uma concepção de que: “Como na tragédia grega, conhece-se o resultado desde o início, com a diferença de que lá onde a lei do destino supunha a queda do herói, a glorificação de Deus pede o triunfo do santo” (CERTEAU, 2007, p. 273).

Esse pensamento presente na hagiografia cristã, em que se prima pela predestinação e busca-se glorificar o santo, pode ser considerado como um mito que compõe o pensamento dos religiosos. O caráter mítico passado por Fonseca (1888), ao descrever a forma como Ibiapina passou pelo isolamento, é composto de idéias presentes nas narrativas dos Evangelhos canônicos. Esse autor comparou a busca pelo silêncio da vida de Ibiapina com a água viva que se assemelha a maneira como Jesus, segundo é narrado nos evangelhos, passa quarenta dias e quarenta noites no deserto a fim de purificar-se, conforme pode ser constatado no Evangelho de Mateus 4,2.

O Beato Antônio Modesto registra na sua narrativa que é por meio do silêncio que se pode entrar em contato com o ser supremo. Porém, esse ser se manifesta na natureza e cada fenômeno natural revela a sua presença, seja pela manhã ou à noite. Portanto, na visão desse autor, foi contemplando a natureza que Ibiapina conseguiu escutar a voz de Deus.

A admiração e a adoração manifestada pelo Beato revelam um respeito para com aquele que, em sua visão, tudo criou. Tal situação nos remete aos estudos de Eliade (2008), que identifica nesse criador alguém que está no alto e que é poderoso, além de ser saturado de sacralidade, manifestado entre os maoris, os iroqueses e entre diversas outras sociedades.

Contudo, essas divindades, por serem consideradas, na maioria das sociedades, como distante de suas realidades, pois “[...] são empurradas para a periferia da vida religiosa até o ponto de caírem no esquecimento; são outras forças sagradas, mais próximas do homem, mais acessíveis à sua experiência cotidiana, mais úteis, que desempenham o papel preponderante” (ELIADE, 2008, p. 43).

Enfim, esses três anos de isolamento de Ibiapina são descritos pelos seus primeiros biógrafos como um período de descoberta de sua missão. Atribui-se a este isolamento a manifestação do próprio Deus, permitindo que ele decida-se pelo sacerdócio e passe um tempo exercendo atividades puramente clericais e, logo em seguida, se entregue ao trabalho missionário:

Nomeado Vigário geral e provedor do Bispado, Professor de Eloqüências do Seminário de Olinda, cedo conseguiu dispensas desses cargos realmente distintos e de confiança do chefe e eclesiástico. Preferiu a vida mais livre e mais penosa, que considerava de maiores horizontes espirituais e sociais de missionário (MARIZ, 1997, pp. 55-56).

Tal missão por ele realizada tem aproximações com o modelo lucano⁴⁵, uma vez que deu preferência aos marginalizados da sociedade, através da caridade. Esta ação contou com a participação da própria população na construção de hospitais, cemitérios, igrejas e casas de caridade, nas então províncias da Paraíba, Ceará, Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte, e também com a capacidade dele persuadir a população.

⁴⁵A proximidade de Ibiapina com o Evangelho de Lucas se dá devido a preferência demonstrada pelo mesmo pelos excluídos da sociedade já que o evangelho anuncia a vinda de Jesus para os excluídos socialmente, ou seja, mulheres, pobres, samaritanos e cobradores de impostos. BOSH, David. **Missão transformadora**: mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 2002.

É importante destacar que a maioria dos seus biógrafos enfatiza o caráter heróico da missão compreendido a partir de sua forma de lidar com as pessoas. Conforme se constata na seguinte descrição de Fonseca (1888) ao afirmar que o religioso: “Alliviou o enfermo, visitou os enfermos, instruiu o ignorante, enxugou as lagrymas do infeliz, fez derramar as de arrependimento, fortificou o fraco, consolidou as virtudes das almas perturbadas pela tempestade das paixões” (p.50).

O Beato Antônio Modesto, além de ter afirmado o caráter cristão de sua obra, ressaltou ainda a sua devoção a Maria e a forma como acrescentou o nome dela ao seu. Além disso, viu em Ibiapina alguém que quis ser útil a humanidade “sacrificando-se pelo bem de seus compatriotas”. É interessante notar que o sofrimento do sacerdote adquiriu um caráter heróico, pois, a partir dele, muitos foram beneficiados, tendo um caráter diferencial por unir as obras morais e espirituais às materiais.

Vale salientar que não foram apenas os biógrafos de Ibiapina que ressaltaram o caráter heróico de seu trabalho missionário. Também existem, nesse período, relatos de jornais que descrevem sua atuação e a forma como ele era capaz de persuadir a população. Tal fato é visto no Jornal “O cearense”, contemporâneo de Padre Ibiapina:

No dia 21 do passado entrou nesta cidade (Sobral) o Revdo. Padre-mestre missionário apostólico José Antonio Maria Ibiapina para pregar missão nesta cidade Foi bem recebido pelos patrícios sobralenses e, no dia seguinte, começou a pregar com muito bom resultado porque os ouvintes prestaram-lhe muita atenção e respeito e mostraram muita contrição [...]. Quando eu ouvia pregar parecia-me que estava ouvindo o Padre Antonio Vieira⁴⁶, por que ele tinha belos rasgos de eloquência e tinha o dom de saber ornar bem os seus sermões. E na pratica parecia que estava vendo outro São Francisco de Paula⁴⁷. Enfim meu amigo

⁴⁶O padre Antonio Vieira foi um jesuíta que atuou durante o século XVII e desenvolveu grandes atividades na catequese dos indígenas fundamentando seu discurso na exegese de profecias bíblicas, na Patrística, nas visões de santos, ortodoxia católica e textos proféticos messiânicos milenaristas. Consultar: LIMA, Luís Filipe Silvério. **Padre Vieira: sonhos proféticos, profecias oníricas**. O tempo do quinto império nos sermões de Xavier dormindo - 1ª edição. - São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.

⁴⁷Esse santo serviu de inspiração a Dom Bosco que em 1859 criou o Oratório conhecido pela tradição na educação e por afirmar que oferecem para os jovens “pão, trabalho e paraíso”. FERNANDES, Francisco Assis M. **A internet na propaganda religiosa**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVI, 2003. Anais do evento. Belo Horizonte- INTERCOM, 2003, p.1-10. disponível em <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0214.pdf> acesso em: 28 de julho de 2009.

esse missionário tem colhido bons frutos de suas missões porque prega não só com a palavra, mas com bons exemplos.
(Jornal “O Cearense”, Fortaleza edição de 14-10-1862, p.1).

Esse comentário é exemplo dos muitos outros publicados nos jornais da época de Ibiapina. Ele traz, em seu discurso, a visão do religioso como um verdadeiro herói devido à sua disposição em ajudar a população carente e amenizar o sofrimento da população. Através de seu discurso persuasivo, Ibiapina trabalhou intensamente na construção de obras sociais e mobilizava a população em busca de melhores condições de vida, arrependendo-se dos seus pecados, segundo os valores cristãos.

A devoção a Ibiapina chegou a tal ponto que as pessoas, motivadas pelos seus discursos e por sua pregação, tal como menciona Comblin (1993), passaram a realizar mutirões para cumprir sua obra missionária, garantindo que se conseguisse a construção, em pouco tempo, de muitas obras sociais por todo o Norte do país.

Sob a ótica do imaginário durandiano, deduz-se que a imagem sobre o padre Ibiapina, tal como a dos seus primeiros relatores, era, sem dúvida, a heróica e perpassava da mentalidade interiorana a respeito da devoção aos santos e à Maria. O santo, como Ibiapina, era considerado um enviado de Deus capaz de reverter à situação em que ele se encontrava através do esforço da própria população, reanimando o seu cotidiano.

Sendo assim, o momento em que Ibiapina passou a atuar na sua missão é trazido na memória daqueles que resolveram propagar a sua história. Fonseca (1888), ao descrevê-lo, chega a reconhecê-lo como um apóstolo único no Brasil, ao afirmar que não existiu outro igual, levando em consideração que, ao contrário dos frades, ele preparou a população não para uma vida futura, mas para uma vida terrena. Esse diferencial é um forte motivo para fazer, em sua visão, sua obra bastante peculiar e única. Silva (1915), que, como já se viu, foi o responsável pela compilação de relatos de beatos da época de Ibiapina, ao descrever a missão não colocou apenas o discurso do Beato Antônio Modesto, mas realizou uma rica descrição da quantidade de obras sociais por ele realizada. Segundo Carvalho (2008), baseado em relatos de leigos e de pessoas anônimas que, convivendo com o sacerdote, acreditavam que era importante expressar o grande número de construções por ele realizadas.

Entretanto, um local mencionado não apenas pelos seus primeiros observadores, mas também por aqueles que vieram posteriormente como Araújo (1996) e Mariz (1997) é Santa Fé. Como já foi dito, o local foi o escolhido por ele para passar seus últimos dias após ser acometido por uma paralisia nas pernas. Santa Fé, portanto, representou um lugar de destaque quando comparado às demais casas de caridade devido ao forte controle de Ibiapina, servindo como modelo, *tipo ideal* para as demais. Finalizando, era um local de acolhida para as vítimas da seca, sendo visto, pela população, como lugar sagrado. Nele a discussão do presente trabalho será conduzida.

Capítulo 2- O funcionamento da Casa de Caridade Santa Fé.

2.1.Santa Fé como espaço sagrado para a população.

Feita a explanação de como os primeiros biógrafos viam o padre Ibiapina, considerando o religioso como verdadeiro santo, destacar-se-á, neste capítulo, a importância da Casa de Caridade Santa Fé como sendo um local sacralizado pelo sacerdote e no qual se desenvolveram suas atividades nos últimos anos de vida.

Para se entender essa dimensão sacralizadora do missionário em Santa Fé, mostrar-se-á, neste capítulo, a forma como a Casa de Caridade Santa Fé foi construída e como Ibiapina a considerava um modelo a ser seguido por outras instituições. Além disso, será exposto o funcionamento do processo educativo desse religioso e também a importância do papel das mestras ou das irmãs da caridade, através do Estatuto, da Instrução e Máximas Morais e das Cartas, que enfatizam a importância dessa instituição como padrão para as demais.

A propriedade, na qual se construiu Santa Fé, foi doada em 1866 pelo fazendeiro Antônio José Cunha e sua esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, e localiza-se no atual município de Arara, próximo ao Santuário do Padre Ibiapina, para onde são dirigidas constantes peregrinações relembrando os seus feitos. O estabelecimento dessa instituição é narrado nas crônicas das casas de caridade em HOONAERT (2006, p. 48):

Em fevereiro de 1866 chegou na Villa de Alagôa Nova, ali [...] foi vizitar a Santa Caza de Caridade d'Areia [...] D. Cândida, mulher do Capitam Cunha, que lhe tinha dado a propriedade de Santa Fé, ordenou-lhe que fosse preparar a Caza- que já estava feita - para se instalar e deo-lhe para esse fim três Irmans de Caridade.

Percebe-se que o zelo e a dedicação de Dona Cândida pela Casa de Caridade Santa Fé era tanto que concedeu a permanência de três irmãs de caridade no local. Vale destacar que, após a morte do seu marido, Dona Cândida doou todos os seus bens e passou a se dedicar inteiramente à Casa de Caridade Santa Fé como irmã de

caridade⁴⁸. Como ela, muitas mulheres aderiram a essa instituição e passaram a cuidar da educação das órfãs e dos serviços das casas.

Apesar de se conhecer a dedicação e a disponibilidade oferecidas pelas Casas de Caridade, Santa Fé foi modelo para as demais. Ibiapina constantemente a mencionava como exemplo e como instituição seguidora de suas ordens. Mesmo diante de quaisquer dificuldades, vividas também por outras instituições, Ibiapina mostrava que havia uma perfeição do cotidiano em Santa Fé. Ele sacralizava essa instituição, fazendo com que as outras se intimidassem e buscassem obedecer a suas regras (BANDEIRA, 2003).

Essa sacralização do local é perceptível quando, em momentos de dificuldades vivenciados pelas outras casas de caridade, era de Santa Fé que vinham os recursos necessários para o seu sustento e a contribuição de pessoas para ajudá-la. Assim, em períodos difíceis como a Seca de 1877, que será mais detalhada posteriormente, muitos retirantes se dirigiam para esse local atrás de alimentos, de água para beber e de acolhimento espiritual⁴⁹. Pode-se observar tal fato em uma de suas cartas em (12/11/1875):

Recebi sua carta que he sempre de consolação por noticiar-me a boa ordem na marcha da Caza, a que nada falta. Com tudo de Sta Fé virá fava ou feijão para ajudar essa Caza.
Senhorinha Orfan de Sta Fé ficou Mestra de Letras em Souza, Felicidade Vice-Superiora, e S. Joaquim companheira da Superiora, que sairá a pedir esmolas para sustentar a Caza [...].

Essa instituição admirada por Ibiapina e influenciada por seu trabalho é considerada padrão para as demais, pois se acreditava que nela todos conseguiam seguir as regras determinadas pelo religioso

A partir da influência de Santa Fé e da conduta das irmãs de caridade e órfãs, ou seja, da realidade vivenciada por essas pessoas, se pode observar as demais casas de

⁴⁸Ordem religiosa criada por Padre Ibiapina que não tinha o Beneplácito de Roma e que se dedicavam principalmente as casas de caridade por tempo integral.

⁴⁹Carta de Ibiapina descrevendo a situação de Santa Fé em dezembro de 1877. Arquivo de Santa Fé.

caridade, que, muitas vezes, se distanciavam ou se aproximavam do padrão ou tipo ideal.

Analisar Santa Fé como tipo ideal⁵⁰ para as demais casas de caridade é também analisá-la como espaço mítico para a sociedade, através do caráter sagrado. Caráter este determinado pela presença de Ibiapina em Santa Fé, que a tornou como espaço sagrado não apenas pelas outras casas de caridade, mas também pelas pessoas da região, as quais presenciavam o trabalho realizado pelo sacerdote e a grande movimentação naquela instituição.

Nessa instituição, certamente se conseguia obter êxito nas funções mediante a cobrança diária de Ibiapina, pois participando do seu cotidiano de perto, não precisava enviar cartas de recomendações, para controlá-la, pelo contrário, enviava religiosos de Santa Fé para ajudar nas outras casas quando necessário. É certo que as demais casas tinham um estatuto para seguir, bem como normas gerais através da Instrução e Máximas Morais, mas não tinham um contato direto com seu principal líder, a quem consideravam como santo.

Nesse contexto, observa-se tanto uma dimensão mítico-heróica, quanto uma dimensão pedagógica. As casas de caridade precisavam obedecer-lhe como seu mestre e escutar suas recomendações, pois caso contrário, elas seriam punidas. Perpassa ainda em Santa Fé, além da admiração pela obra de caridade de Ibiapina, a forte devoção a Maria, fruto da devoção do próprio sacerdote que acrescentou o nome da mesma logo ao ser ordenado, e, quando estava perto de morrer afirmou está visualizando a santa.

Enfim, Santa Fé foi esse padrão para as casas de caridade do Padre Ibiapina, sofrendo influência direta de sua presença, o que a garantia um caráter mais rígido e um sentimento de maior segurança desfeito após sua morte. Segundo o Beato Antonio Modesto, essa instituição sofreu fortemente com a perda do religioso por estar acostumada com sua coordenação nas suas atividades diárias, conforme será enfatizado no terceiro capítulo. Portanto, para se entender a sacralização, presente nessa instituição, considerada como *tipo ideal*, analisar-se-á o seu cotidiano e as

⁵⁰ Ressalta-se que não se trata aqui da utilização do conceito científico criado por Max Weber.

dificuldades encontradas, através de documentos que regem essas casas, bem como de cartas escritas nesse período.

2.2. A educação moral na Casa de Caridade Santa Fé

Entre os anos de 1856 e 1883, quando fazia seu trabalho missionário construindo hospitais, açudes, cemitérios e casas de caridade, o Padre Ibiapina, em suas casas de caridade, propagava lições de conduta, cujo foco era a obediência à sua vontade, ao silêncio, ao trabalho e à penitência.⁵¹ Tudo isso se baseava na Instrução e Máximas Morais, que continham aconselhamentos direcionados às Irmãs de Caridade, no Estatuto, que ditava o regimento, e nas cartas dirigidas às Irmãs quando se julgava necessário.

Esse modelo educativo estava em sintonia com o de sua época. Durante o século XIX, houve o surgimento de decretos de criação de escolas normais, a partir da lei geral de ensino de 1827, e também do Ato Adicional de 1834, que buscou regulamentar as atividades dos magistrados. Entretanto, os educadores e religiosos dessa época tinham incutido em seu pensamento que era mais importante ordenar e controlar que propriamente instruir. Além disso, o curso feminino nas escolas normais brasileiras, apesar de serem mencionados como criados na Bahia em 1836 e em São Paulo em 1846, não foram implantados. No Rio de Janeiro, por sua vez, houve uma tentativa frustrada de colocar o estudo masculino e feminino em dias alternados. Portanto, por um longo período, o ensino dirigido ao público feminino ficou a cargo de instituições religiosas ou escolas particulares leigas (VILLELLA, 2003).

Na época de Ibiapina, o preconceito contra a mulher, a disciplina e o controle tão presentes no pensamento dos educadores de todo o país, guiados quase sempre pelo método lancasteriano, sendo, portanto, fruto de uma visão predominante daquele

⁵¹ A penitência utilizada por Padre Ibiapina foi igualmente enfatizada pelos monges do Contestado por a verem como “um ato de purificação, significando que a própria experiência social coletiva é vivida como uma situação de pecado e culpa”. Conferir: MOURÃO, Lais. **Contestado**: A Geração social do Messias. CERU - Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Cadernos Nº7- 1974. p. 72.

momento, buscando-se formar as pessoas de acordo com seus interesses particulares.

Para Foucault (2001, p. 127):

[...] a disciplina não pode se identificar nem com um aparelho: ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos, ela é uma física ou uma anatomia do poder, uma tecnologia.

O castigo existente nas instituições como um todo, inclusive nas do missionário, foram considerados como meios essenciais para conseguir conter ímpetos tidos como “rebeldes” por não se adaptarem a rotina escolar. Para a elite, o acesso à educação garantido aos pobres não poderia ser considerado como um meio de diminuir as desigualdades, mas de fazer com que o povo não se desviasse do caminho traçado por ela (FARIA FILHO, 2003).

Os princípios cristãos, que existiam nas instituições ibiapianas, coexistiam nas instituições laicas e eram agregados ao ensino das primeiras letras, como forma de doutrinar as pessoas e, sobretudo de conformar a população com a situação vivenciada, impedindo possíveis questionamentos. Sendo assim, a seguir será analisado o funcionamento da instituição de caridade do Padre Ibiapina e quais os mecanismos de controle por ele utilizado.

2.3. O espaço da casa de caridade no processo educativo: horários e normas.

Para manter a rigidez almejada, Padre Ibiapina contou com o apoio de mulheres simples das localidades em que atuava, ou de moças ricas que resolveram colaborar com o seu projeto missionário seguindo um rigoroso Estatuto e observando as instruções fornecidas pela Instrução e Máximas Morais, primordiais para que essas funcionassem.

As atividades exercidas dentro de suas instituições iam desde as mais simples, como os serviços domésticos e atendimento a pessoas estrangeiras, que adentravam as casas em busca de conselhos, como também a atividades cujo grau de confiança

era maior, como as exercidas pelas Superiores e Irmãs Zeladoras, principais responsáveis por manter a ordem em suas instituições (COMBLIN, 1993).

Vale destacar que todas essas funções compunham o universo educativo e tinham papéis fundamentais, já que, tal como a escola, ela deve ser entendida como um conjunto de hierarquias, normas e códigos, não podendo limitar o processo educativo ao simples ato de ensinar as primeiras letras (JALLES, 2005).

A responsabilidade da Superiora, todavia, era intensa, conforme pode ser constatada através dos artigos 11, 12 e 14 do Estatuto das Casas de Caridade, pois tinha como função fazer com que todas as repartições funcionassem regularmente, observando, principalmente, o adiantamento da doutrina cristã, a fim de mensalmente construir um mapa, declamando o trabalho na casa ao Inspetor Geral, o adiantamento da Escola e repreendendo as Irmãs desobedientes.

A Irmã Zeladora, por sua vez, como consta no Regime Interno do mesmo Estatuto, era designada pela Irmã de Caridade como responsável pela conduta das órfãs, punindo-as, caso desobedecessem às regras estabelecidas.

Cauteloso ao escolher as pessoas de sua confiança, conforme consta nos artigos 5, 6, 7 e 8, Ibiapina admitia que as mulheres que lá estiveram, podiam dedicar parcial ou integralmente seu tempo em suas instituições. Mas, só após cinco anos, demonstrando obediência aos seus serviços e total dedicação, era concedido o direito de serem denominadas de Irmãs de Caridade.

Conseguir obedecer tais regras, porém, não era simples. Havia o cumprimento de uma rotina árdua que ia das quatro horas e trinta minutos (4:30) da manhã até a noite, obedecendo grande número de atividades como, por exemplo, oração, trabalho ou estudo, em silêncio e sem questionamentos, sob o constante toque da campã que indicava qual era a atividade a ser realizada naquele momento. Tudo isso exigia uma dedicação profunda e um estado de constante vigilância. A consagração de todas as atividades diárias a Deus pode ser constatada também no pensamento de Clemente de Alexandria, que, considerado um dos primeiros educadores, afirma ter o mestre a função de encaminhar para as virtudes da vida (MANACORDA, 1989).

Esse estado de vigilância sobre as órfãs em Santa Fé tinha a contribuição até mesmo da arquitetura do local, pois segundo Madeira (2003), a forma como os

dormitórios⁵², estavam localizados no andar de cima possibilitava a observação de toda movimentação embaixo no salão, sendo, certamente, o lugar preferido das Irmãs Superiores, por conseguirem visualizar a produção de artefatos feitos por mulheres e meninas.

Para a vigilância da produção de artefatos, além de contar com as Irmãs Superiores, Ibiapina se servia de cartas para fazer recomendações de como deveria ser o andamento das atividades, como agiriam com as órfãs, e para constatar se de fato aquilo que era exigido em seu Estatuto, Instrução e Máximas Morais estava sendo cumprido, como pode-se observar em um dos trechos de uma carta datada de 28/3/1875:

Convém que tenham bom panno, redes, e pannos de cor, e eu receberei tudo isso aqui para ir suprimdo o que por outro meio puder. Convem animar a escola preparando as órfãs para receber a doutrina escolar que a seu tempo estabelecerei lá mandando pessoa habilitada.

O trabalho diário nessa instituição era tão valorizado pelo missionário que, em sua Instrução e Máximas Morais, ele o colocou como um tipo de oração, destacando dois tipos de orações: “um é levantando o pensamento ou dirigindo a palavra a Deus, e o outro é trabalhando por amor de Deus, em desempenho do dever do próprio estado” (Comblin apud IBIAPINA, 1984, p.34). Essa idéia de trabalho como melhor remédio para driblar a ociosidade trazida por Ibiapina está igualmente presente na Ordem de São Bento, que, além de trazer este pensamento para os religiosos, também se utilizava de um Inspetor para fiscalizar se esses estavam seguindo seus preceitos, sendo, contudo a presença masculina era predominante (LUZURIAGA, 1989).

Esse trabalho foi enfatizado por Ibiapina, não apenas nas casas de caridade, e atingiu todo o campo de sua missão, de maneira que o colocando como mortificador do corpo, conseguia obter êxito em atividades bastante organizadas, como pode ser

⁵² Os dormitórios dessa casa de caridade eram escuros e sem janelas ou apenas mezaninos com janelas de porão que permitiam a ventilação. MADEIRA, Maria das Graças de Lóiola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883).** Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

destacado através das Crônicas das Casas de Caridade publicadas por Hoornaert (2006, p. 53):

Dividido o serviço por turmas, estabelecerão-se onze decorias com seo respectivo Chefe que fazião tijollo, 20 pedreiros com os serventes correspondentes trabalhavão no serviço da capela; 30 carpinas apromtavão as madeiras, 200 ou 300 homens trabalhavão em um açude; outros tantos conduzião nos ombros as madeiras tiradas a uma duas legoas de distância, o resto do povo, homens e mulheres e meninos, formigavão n carreto do material de lenha para queimar o tijollo e o mais que lhe ordenava.

No caso das casas de caridade, o trabalho diário tinha como modelo a figura de Maria para a educação das órfãs e também das Irmãs, sendo essencial que elas tivessem a obediência à vontade divina e ao silêncio, fortalecendo o desejo do religioso em manter total controle sobre a instituição. Tal pensamento se assemelha ao agostiniano, uma vez que primava pela disciplina e obediência. Assim, tal como na Idade Média, nessas instituições não havia espaço para indagações e liberdade, pois se prevalecia a disciplina externa e o zelo pela obediência inquestionável, próprios da educação tradicional cristã (MANACORDA, 1989).

O silêncio mariano tão requisitado por Padre Ibiapina foi retirado de uma passagem bíblica, pois os evangelhos narram que, ao completar 12 anos, Jesus vai até Jerusalém com seus pais, para comemorar a páscoa, mas fica por lá, sem que seus pais soubessem. Quando eles voltaram, sentiram falta do menino, que estava no templo, assentado entre os doutores. Ao ser questionado por Maria por não ter comunicado que lá ficaria, ele a surpreende, dizendo que deve seguir as coisas que o Pai celestial mandasse, e ela permanece em silêncio, guardando todas essas lembranças no íntimo de seu coração. (Bíblia de Jerusalém, Lucas 2, 41- 51).

Esse ideal de silêncio também foi perceptível quando ele pediu as religiosas das casas de caridade a busca da mortificação discreta e do jejum. De acordo com as Máximas Espirituais de Padre Ibiapina: “Mortificar-se com discrição pelo jejum, cilício e só tomar alimento nas horas próprias de refeição, almoço, jantar e ceia. Na sexta feira, em honra de Jesus, mortificará a língua falando o necessário [...]”.

Esse silêncio não foi enfatizado apenas nas instituições de Ibiapina, mas também pela Igreja Católica. O jornal *Tribuna Católica*, por exemplo, trazia a visão de que a língua podia ser comparada a um fogo devorador, lembrando aos fiéis que a bíblia mostra que esta é uma “faca de dois gumes” e afirmando ainda que:

A missão do maldizente é a perturbação da sociedade. Planta a intriga, os ódios na corte, nas cidades: envenena as mãos puras, ternas e sinceras amizades. Por toda parte debaixo de um manto de delicadeza ele faz guerra a paz e a civilidade. Entra no seio da família, desgraça os maridos, desgraça as donzelas, intriga os filhos (Jornal *Tribuna Católica*, 22 de setembro de 1867).

Para manter o controle sob o silêncio e obediência das órfãs, consta-se no Estatuto e Regulamento Interno que existiam três passos a serem dados pela Irmã Zeladora ao verificar a desobediência de alguma órfã. O primeiro era quando se vigiava se cada uma estava exercendo suas atividades na normalidade e constatar um possível desvio de conduta, de início far-se-ia uma advertência branda e amigável; caso permanecessem no erro, existiria a repreensão e, por fim, o castigo (Regulamento Interno In: MARIZ, 1997, p. 288). As pensionistas, por sua vez, também não ficariam de fora das duras atitudes da Irmã Zeladora, pois, orientada pelo Estatuto, caso estas manifestassem a imodéstia, seriam impedidas de ir à missa conventual, ficando fechadas em um cubículo (Regulamento Interno In: MARIZ, 1997, p. 292).

Além da obediência irrestrita as ordens de Ibiapina, a pureza de Maria fazia dela exemplo de castidade, imprescindível para a base da educação das órfãs, segundo os padrões da época. Desse modo, após aprender os ensinamentos cristãos, as primeiras letras, a costurar, a bordar e a saber sobre algum gênero industrial específico de cada Casa de Caridade, a órfã tinha o dote fornecido pela instituição para o seu casamento. Um desses casamentos foi narrado no jornal *Tribuna Católica* (12/07/1868):

Celebrou o Rvdo Capelão da Caza o casamento de três e fez intra missam os casamentos de três de suas filhas de educação; e este acto tão santo, tão sublime, tão consolador, me comoveu bastante, 3 raparigas achadas no meio das ruas, nos alcances, nos prostíbulos,

arrancadas pelas mãos da caridade a miséria, ao avillamento,e talvez, a uma futura prostituição, vestidas de noiva, corroídas de flores, dando nobremente a mão as esposas, debaixo das benções e aplauzo d'um concurso tão numerozo, é um espetáculo que so a religião santa de Jesus Cristo sabe oferecer á admiração do mundo (Bernardino Araújo, Missão Velha, 8 de junho de 1868).

Nessa citação, é perceptível a satisfação do relator em colocar Ibiapina como uma espécie de salvador para essas mulheres as quais poderiam tornar-se prostitutas, vivendo à margem da sociedade.

O silêncio e a obediência enfatizados nesse período e o modelo mariano conduta era seguido rigorosamente nas casas de caridade. Esse tipo de ensinamento fornecido em suas instituições interessava até mesmo crianças de famílias abastadas que faziam questão de pagar uma quantia em dinheiro para que suas filhas fossem educadas sob os costumes religiosos, sendo chamadas de pensionistas⁵³. Essa postura de seus pais se justifica mediante a forma como eram tratadas as mulheres nesse período, pois:

Raramente aprenderam a ler e quando o fizeram foi com professores particulares, contratados pelos pais para ministrar aulas em casa. Muitas apenas conheceram as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome. Enquanto seus irmãos e primos do sexo masculino liam Cícero ou Virgílio, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, aprendiam ciências naturais, filosofia, geografia, enquanto elas aprendiam, a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura e a música (FALCI, 1997, p. 251).

A diferenciação entre homens e mulheres, ainda nesse período, era explícita e a busca por casar as filhas logo na adolescência consistia numa preocupação geral, independente de serem ricas ou pobres. As moças ricas deveriam casar logo na

⁵³ Ao adentrar as casas de caridade o pai da pensionista a quantia de 10\$000 a 13\$000 por mês, em trimestres adiantados precisaria trazer 2 cobertas de chita, 2 lençóis brancos, 2 travesseiros, 4 fronhas, 4 saias e 2 toalhas, 2 guardanapos, 6 camisas, 4 pares de meia, 4 sapatos, 2 lenços de mão e 1 saco para roupa servida, 1 baú, agulheiros, agulhas, dedais, tesouras, 1 manual de missa, 1 dicionário português, 1 cama ou rede, 1 pente fino e 1 de alisar. Estatuto das Casas de caridade do Padre Ibiapina.in: MARIZ, Celso. *Ibiapina, Um apóstolo do Nordeste*. 2ª Ed. João Pessoa. Ed Universitária /UFPB, 1997.

adolescência e só corriam o risco de não se casarem caso não encontrassem alguém com o mesmo nível social (FALCI, 1997).

A situação das pobres, no que diz respeito à exclusão social, não era diferente, contudo, quando estas se casavam, precisavam ajudar seus maridos no sustento de suas casas. Pensando nisso, havia nas Casas de Caridade o ensino de atividades manuais. Assim, muitas das mulheres pobres tornavam-se cozinheiras, fiandeiras ou roceiras e trabalhavam junto a seus irmãos, pais ou maridos, realizando algumas vezes serviços pesados.

Sendo um homem conhecedor das necessidades do seu tempo, Ibiapina fez a sua instituição agregar elementos de instituições como a Casa dos Educandos Artífices que, como já foi visto, ensinava aos adolescentes atividades industriais e da Santa Casa de Misericórdia, por acolherem órfãos e doentes. Sendo assim, Ibiapina trouxe para suas instituições as atividades industriais e, em alguma delas, o cuidado para com os doentes, buscando suprir as suas necessidades com o apoio da própria população e das atividades industriais existentes no seio das casas de caridade (MARIZ, 1997).

A fim de manter as Irmãs de Caridade sempre vigilantes e atentas aos serviços das casas de caridade, o Padre Mestre, além de colocar a Superiora na administração da Casa, instituiu um conselho composto por boa parte das Irmãs de caridade. Desse modo ele estipulou que:

Artigo 17º Haverá um conselho das mulheres mais prudentes e discretas das Casas que com a Superiora ocorra as precisões da Caza com a lembrança de meios vantajosos.

Artigo 18º Esse conselho reunirá tantas mulheres quantas discretas houverem na Caza e sob a presidência da Superiora deliberará sobre os meios de melhorar os costumes máos da Caza, augmentar e facilitar o trabalho, corrigir qualquer abuzo que se vá entroduzindo afinal é um corpo vivo a bem da caridade não temendo nem se acovardando e reclamando com doçura sim, mas com empenho em favor da caridade. Nenhuma Irmã do conselho é responsável por suas opiniões no conselho.

Artigo 19º Qualquer Irmã póde propôr o que entender e interessar em favôr da Caridade e a superiora porá a discussão dando-se a palavra a primeira que a pedir e depois dessa findar poderá outra fallar, sendo prohibido falar duas ao mesmo tempo.

Artigo 20º Quando falte a Superiora, suba ao govêrn o a Vice-Superiora; fica vago por isso o lugar de Vice Superiora que é de eleição do conselho; portanto se reunirão na capella em oração antes de fazer essa

nomeação e todas as vezes que tiverem de reunirem para deliberar e nomearão por maioria dos votos a Vice-Superiora.

Artigo 21° O conselho deliberativo das Irmãs da Casa se reunirá de 15 em 15 dias ou antes e todas as vezes que a Superiora reclamar ou qualquer Irmã requerer para tratar negócio grave e urgente.

Artigo 22° Haverá uma Secretária que escreverá o que se passar no conselho e assignarão as Irmãs marcando dia, mez e ano (In: MARIZ, 1980, pp. 284-285).

Entre a autoridade do Padre Ibiapina e das Irmãs Superiores, existia ainda um grau intermediário de hierarquia na figura da Visitadora, responsável por fiscalizar anualmente as casas de caridade e a administração das Superiores. Além disso, até mesmo a Superiora era fiscalizada através da presença anual da Visitadora, já que esta, além de visitar as casas, precisava trazer um mapa de como estava o andamento das Instituições para Padre Ibiapina. Caso fosse observado que a Superiora não estivesse cumprindo o estabelecido pelo Estatuto, esta sofreria punição direta.

Essa atitude aparentemente democrática por dar liberdade de expressão para as mulheres das casas eram um meio de manter-se informado de tudo que nela ocorria, exercendo um demasiado controle sob as mesmas em um curto espaço de tempo, ou seja, quinzenalmente.

O sacerdote podia contar ainda com o auxílio de homens da região que contribuíam com suas obras, principalmente quando Ibiapina foi acometido pela paralisia nas pernas e não mais podia ir aos locais e pedir ajuda para sua instituição. Sobre esse auxílio, Comblin descreve que:

[...] Eram homens que tudo abandonavam para servir a Deus nas Casas de Caridade. Ajudavam no sustento das casas: pediam esmolas, cuidavam dos rebanhos e da agricultura, ensinavam ofícios, eram vaqueiros; às vezes eram professores quando havia uma escola anexa para os meninos. Dois, sobretudo, ocuparam lugar quase mítico na história das Casas de caridade, Irmão Antonio e Irmão Inácio [...] (COMBLIM, 1993, p. 37).

Hoornaert (1992) nos informa que os beatos se vestiam como eremitãos, usando camisa azul e cruz, viviam descalços e sem chapéu, distribuíam bentinhas, além de praticarem a penitência e o jejum, demonstrando aceitação e resignação mediante o

sofrimento da vida que, na visão deles, era consequência dos muitos pecados que cometiam.

Além disso, tal era sua importância que Ibiapina “os queria por perto, em Santa Fé, para que pudessem ocupar a função de mensageiros, no que se refere às ordens do fundador para as superiores.” (MADEIRA, 2003, p.197). Dentre esses homens merece destaque o Beato Antonio Modesto, analisado anteriormente no capítulo inicial, e o Beato Inácio, descrito no impresso *A Voz da Religião no Cariri*, cujo título da matéria é *O Irmão Ignácio*.

Um homem de estatura regular, corpo cheio e musculosos, de raças calcazes, nação potugueza; faces brancas e coradas como são todos os portugueses; mas crestadas pelo [...] do sol; cabellos e barbas, castanhos, grossos, vista encravada em cima dos passos, silencio profundo, trazendo uma camiza singular que lhe dava até o joelho, e siroula de algodãozinho (Crato, 24 de fevereiro de 1869, nº12, p.4).

Dessa forma, esses homens deram uma importante contribuição à obra de Ibiapina, principalmente, no período de sua doença, quando eles ficaram responsáveis pela manutenção das casas de caridade. Segundo Hauck (2008), tais homens ficaram conhecidos por acreditarem que a conversão era dada a partir do isolamento do mundo. Entretanto, Mariz (1997) destaca que nem todos os beatos conseguiram manter-se na rigidez exigida por Ibiapina, mostrando, por exemplo, que o Irmão Francisco se casou e saiu da instituição, e o Irmão Antonio, apesar de receber o convite para estudar no Seminário, não aceitou e preferiu ficar os últimos anos de sua vida em Santa Fé, sendo conhecido por ter escrito as memórias de Ibiapina e ensinar numa pequena escola para meninos órfãos em Santa Fé. Já o Irmão Ignácio era realmente conhecido por não ter hábitos de higiene e pela maneira que se vestir, chamando a atenção da população e conseguindo adquirir mantimentos para as casas de caridade.

A presença dos Beatos Antonio Modesto e do Irmão Francisco, homens tidos como simples, muito colaboraram com sua obra, exercendo a função de esmoler das casas, ou seja, buscando recursos para mantê-las e auxiliando nos serviços mais pesados. As esmolas conseguidas pelos beatos eram de suma importância para Ibiapina, já que, segundo Ribeiro (2003, p. 57):

A oferenda de esmolas era um ritual imprescindível para a realização das missões, pois com o oferecimento de esmolas os fiéis poderiam pagar suas promessas e as de parentes e amigos que, por um motivo ou por outro, não tinham condições de comparecer às missões. Dessa forma, os votos dos fiéis eram renovados, assegurando a continuidade do compromisso firmado para a garantia dos recursos necessários à realização das obras pias, tão valiosas para Ibiapina, que as tinha como medida para avaliar os frutos das missões [...].

Esses beatos, tão importantes na colaboração com as Instituições de Ibiapina, não podiam ter muito contato com as Irmãs de Caridade, observando-se que nas cartas ele sempre as alertava para o perigo desse contato com o sexo oposto. Tal era o zelo pelas Irmãs, que ele evitava que essas mantivessem contato com os beatos, caso eles fossem uma ameaça para a sua castidade. Essa situação pode ser comprovada em um trecho de uma carta dirigida a uma Irmã Superiora em 18 de julho de 1876:

[...] Irmã Superiora, em segredo lhe digo, e ordeno, que fuja de toda comunicação com Mel. Januato, trema a vista do perigo que há nessa comunicação. Vossê sabe que ele está viúvo, neste homem não há que fiar, p.s é um inimigo que mata mais depressa com atagos de outros com fogo e veneno. Por isso advirto-lhe com tempo, acautele-se com elle, proíba-lhe toda comunicação e por isso escrevi agradecendo-lhe e o dispensando de esmolar, por isso que já encarreguei ao Irmão J. e Rodrigues [...].

As cartas eram importantes instrumentos utilizados por Ibiapina, pois por meio delas ele aconselhava, apontava soluções para os problemas mais diversos, e comentava como estava à Casa de Caridade Santa Fé. É interessante notar ainda que, em todas as cartas, ele se dirigia as Irmãs de Caridade como Pai Espiritual, buscando passar para elas a imagem paterna de alguém que se dedica a orientá-las como filhas e isso, certamente, proporcionou uma busca por manterem-se obedientes as suas regras, apesar de existirem aquelas que não as cumprissem. Dessa maneira, as cartas que ele escrevia foram formas de motivar as Irmãs de Caridade e de demonstrar que elas não estavam desamparadas e de exercer um controle sobre todas as atividades nela realizadas.

Sendo assim, as Cartas, a Instrução e Máximas Morais e o Estatuto foram fundamentais para o modelo educativo imposto as instituições do Padre Ibiapina. Modelo este sentido principalmente por Santa Fé por ser constantemente vigiada pelo seu idealizador, admirando seu trabalho e sabendo que ele a escolheu para morar quando ficou paralisado.

2.3.1. As representações teatrais como moralização das Casas de Caridade

Através do Arquivo Santa Fé e da posterior publicação do livro Instruções Espirituais do Padre Ibiapina, pode-se tomar conhecimento da utilização de três peças teatrais encenadas nas casas de caridade e readaptadas para o seu cotidiano, a fim de trazer para seu interior ensinamentos já contidos na sua formação.

A primeira de suas peças tinha como foco o pecado original e inicia com uma reflexão de uma mãe chamada Raimunda e suas quatro filhas em meio a um novo ano que se inicia. Nela, suas três filhas mais velhas demonstravam um sinal claro de arrependimento diante do sofrimento da mãe, uma vez que cada uma delas expressava como era difícil “lutar contra o pecado, seduções do mundo e vaidades”. E, após suas respectivas falas, eram entoados cânticos de arrependimento a Deus, seguidos de uma palavra de sua mãe, que declarava saber o quanto também pecou durante a mocidade, lamentando a ausência de uma direção espiritual. No final dessa peça, apontava-se Maria como guia espiritual para a vida delas, alegrando seus corações. A fala da mais nova mostrava sua maneira ingênua, pois ela preferia brincar a trabalhar, mas só o fazia por temor, à mãe. Quando era permitida aproveitava para conversar histórias das bonecas, finalizando ao cantar Vivas a Jesus e a Maria.

Ibiapina se utilizava dessa peça para difundir, de maneira ilustrada, como os personagens, que faziam parte de seu cotidiano, no pensamento das órfãs, a existência das dificuldades em cumprir com zelo as atividades por ele exigidas, mas que este era possível. Para isso, a obediência devia ser mantida e o arrependimento era necessário, para que se seguisse adiante. Ele também mostrava o exemplo de uma senhora que, já idosa, lamentava por não ter se dedicado à vontade divina e não ter tido apoio

espiritual, o que nos faz lembrar a atitude do Rei Salomão⁵⁴, tão admirado pelo missionário.

A segunda peça era uma readaptação da história de Caim e Abel, em que uma catequista, dialogando com os dois irmãos, mostrava a inveja e a ânsia de destruição de um irmão e a inocência do outro, mostrando como elas prejudicavam e destruíam a vida de um indivíduo e o quão ele seria castigado por Deus perante essa atitude. Com isso, se tornava explícito o desejo de Ibiapina em educar as órfãs sem desejar o que a outra tinha. Nesse caso, as únicas crianças que tinham algo a mais eram as pensionistas. E, ao que tudo indica, eram tratadas igualmente as demais.

Por fim, a terceira peça foi uma readaptação da passagem do “Filho pródigo”, que consistia na história de um jovem que saiu da casa de seu pai e passou a desfrutar aquilo que, para a moral cristã imposta por Ibiapina, é considerado como pecado, ou seja, a bebida, os jogos e “a imoralidade”, sendo influenciado por “más companhias”. Tudo isso o abandona quando perde sua fortuna e, após sofrer duramente, resolve voltar para a casa paterna. Nela, acrescenta Bernardina, que interagindo com as crianças, mostrava que aquela realidade não estava distante da que elas se encontravam comparando com as pessoas desobedientes ao Pai e que o faziam chorar.

Analisando o conteúdo das três representações teatrais, fica explícito que, até em momentos de entretenimento, como a execução de peças teatrais, havia uma constante busca por essas transmitir para as órfãs a necessidade de se obedecer aos seus ensinamentos e de mostrar como era importante o arrependimento dos pecados.

Esse apelo constante às órfãs as incitava a uma vida em constante conflito, pois carregavam consigo a culpa por algumas vezes não cumprir os mandamentos da Instituição, os quais Ibiapina os considera como divino. Além disso, elas também possuíam um medo do castigo celeste, por isso viviam em constante vigilância e em estado de penitência através da oração e do trabalho⁵⁵. Vale destacar que, de acordo

⁵⁴ O rei Salomão é admirado por Ibiapina por ter sido um homem que segundo os relatos bíblicos havia se convertido depois de idoso. Veja-se: WHITE, Ellen G. **Profetas e Reis**. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

⁵⁵ O incentivo ao trabalho aos mais pobres como meio de melhorar as suas condições de vida e a busca por manter a ordem na sociedade, presentes na missão do Padre Ibiapina, também pode ser constatado

com Bandeira (2003), tais peças eram encenadas não apenas no interior das casas de caridade, mas durante as missões trazendo comoção para as pessoas que as assistiam.

Sendo assim, órfãs e Irmãs de Caridade participavam das missões e davam sua contribuição, colaborando com o trabalho missionário de Ibiapina. Nesse contexto, tinham papéis muito importantes as Irmãs de Caridade de Santa Fé, por serem tidas como modelos de religiosas a serem seguidos. Para se compreender um pouco mais sobre essas mulheres, será exposto um tópico especial dedicado a uma breve análise sobre a participação de cada uma delas em Santa Fé.

2.3.2. As Irmãs Superiores de Santa Fé

No que diz respeito às Irmãs Superiores de Santa Fé, Mariz (1997) conseguiu obter o nome de todas elas e, de maneira resumida, descreveu um pouco sobre as mesmas, demonstrando a que classes sociais pertenciam e seus respectivos interesses na Casa de Caridade Santa Fé.

A primeira das Irmãs de Caridade, como já foi citada no primeiro e segundo capítulo, foi a Irmã Cândida Americana de Miranda Cunha, que, após viúva, quis permanecer na casa de caridade. Ela foi doadora de verbas para manter as casas ao lado de seu marido.

Posteriormente, veio a Irmã Felismina Maria dos Santos Peregrino, que era irmã do capitão Felinto Rocha, poderoso chefe em Bananeiras. Ela impressiona porque, mesmo diante de tantas riquezas de sua família, tinha tão forte apreço a Ibiapina que por ele foi convencida a ter uma vida dedicada a caridade.

A terceira das irmãs de caridade Maria do Sacramento iniciou sua vocação em Souza e seguiu para Santa Fé, exercendo o papel de enfermeira e depois de Superiora.

após a sua morte, com a criação da encíclica *Rerum novarum* no ano de 1891. Essa encíclica, se utilizando do discurso de que os pobres deveriam se erguer da pobreza e miséria através do trabalho se voltava para os direitos trabalhistas e primava pela ordem da sociedade, se contrapondo ao ideal de sociedade sem classes presente nas idéias marxistas da época. LEÃO XIII. **Rerum Novarum**. Carta Encíclica sobre a condição dos operários. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

É bom lembrar que ser enfermeira, nesse ambiente, não era algo fácil, já que havia nesse período inúmeras epidemias, atingindo a população.

A Irmã Maria de Lourdes foi órfã da caridade, mas se casou e, depois de viúva voltou para Santa Fé como superiora, pois, estando acostumada com o regimento da casa, não apresentou dificuldades em obedecer às normas e se destacar no meio delas.

Maria Ibiapina foi à última das diretoras, contactada por Mariz (1997) por meio de entrevistas e, como veremos adiante, buscou sempre seguir as normas das Casas trazendo, inclusive, meios para garantir seu sustento.

A maioria das mulheres que estavam em Santa Fé era rica. Tal constatação confirma a afirmativa de Comblin (1993) ao colocar que o poder de persuasão de Ibiapina era tão forte que foi capaz de fazer com que até mesmo as moças mais ricas chegassem ao ponto de apanhar os ossos que estavam espalhados pelas ruas e colocá-los nos cemitérios.

Com relação a essas mulheres, que estiveram em Santa Fé, é importante destacar que não foram apenas as diretoras que abandonaram as riquezas para seguirem Ibiapina, uma vez que o Beato Aurélio (sic), ao narrar sobre a sua convivência com o religioso, afirma que, em dezembro de 1873, Ibiapina trouxe para lá “[...] 6 moças que abandonaram as vaidades do mundo e vierão recoherem-se na Caridade para melhor amar e servir a Jesus Christo a quem elas tomavão por esposo [...]” (HOORNAERT, 2006, p. 160).

A forma como mulheres ricas resolviam se dedicar as instituições de Ibiapina também é enfatizada nas Crônicas das Casas de Caridade ao relatar sobre a conversão de duas moças no ano de 1863 em Bananeiras, conforme podemos observar em HOORNAERT (2006, p.45):

Com efeito 2 virgens da principal família, que representava na sociedade, forão estimuladas pela graça e penetraram as verdades que ouvião, e o rezultado foi despirem as gallas, os enfeites e as esperanas illuzorias do mundo, para seguirem o estreiro e áspero caminho da Cruz, acompanhando o doce Jesus a quem se consagrarão como esposas amantes e depois se recolherão na Santa Caza de Santa fé, onde estão a 16 anos.

Enfim, as Irmãs Superiores da Casa de Caridade Santa Fé, geralmente, eram mulheres ricas que se dispunham de bens materiais para direcionarem as Casas de Caridade. É importante ainda, observar que a posição de destaque ocupada por muitas delas, certamente era uma forma que Ibiapina encontrou de recompensar pelos bens que outrora disponibilizaram a serviço de sua instituição, tal como Antonia Candida que doou a propriedade de Santa Fé.

2.4. A Seca de 1877 em Santa Fé

Entre todas as preocupações do Brasil, a seca certamente merece destaque, por ter sido vivenciada duramente pelo Norte do país. Ela foi mencionada até mesmo no discurso do Imperador em 1º de julho de 1877 como o pior dos problemas enfrentados pelo país, apesar de informar que houve uma considerável queda nas epidemias, apontando o auxílio da *Comissão de Socorros Públicos* e as iniciativas particulares como amenizações da situação.

Esse sofrimento da sociedade foi vivenciado também nas casas de caridade, devido à impossibilidade de seu líder em se locomover e de, portanto, conseguir pessoalmente as verbas necessárias para seu sustento. Sendo a solução encontrada por ele o envio, através de seu beato Ignácio, de uma carta relatando a situação das casas, em que apelava para versículos bíblicos que tinham como intuito, comover a quem eram destinados:

[...] É o padre Ibiapina que vos pede uma esmola pelo amor de Deus. Lembrai-vos, cristãos: a esmola apaga o pecado e faz achar misericórdia na presença de Deus no dia do juízo. Quando Deus julgar o mundo, dirá para os da direita: vinde, bendito de meu eterno Pai! Vinde receber o prêmio da glória que vos está preparada, pois estive com fome e me deste de comer, estive com sede e me deste de beber [...]⁵⁶.

⁵⁶ Carta do Padre Ibiapina entregue em mãos ao Beato Ignácio em 2 de novembro de 1877 para dirigir a todos que ele pedisse esmolas. Arquivo de Santa Fé

Um mês depois de enviar essa carta, Ibiapina fez uma descrição dramática de como estava Santa Fé, mostrando que os alimentos ficaram escassos e até mesmo a água já estava acabando, afirmando que as órfãs que lá estavam eram, em sua maior parte, menores de sete anos e que, diariamente, retirantes procuravam suas casas, nus e carentes de alimentos.

Nas cartas escritas por padre Ibiapina percebe-se, portanto, o quanto a seca de 1877 colocou Ibiapina em um estado de desespero mediante a fome e as freqüentes mortes que assolavam a região, bem como a indisponibilidade dos recursos, apelando para a comunidade com versículos da Bíblia que se voltam para o juízo final, e afirmando que quem fosse “bom” seria salvo enquanto as pessoas más pereceriam, apelando para o sentimento de partilha cristã.

Além do sentimento de autopiedade, presente nesse pensamento, e da visão de que, através do sofrimento, haveria uma maior aproximação com o ser supremo, ou seja, de freqüentes idéias de cunho mágico-religiosas, Gomes (1995) aponta que essas pessoas acreditavam ser as principais responsáveis por esses acontecimentos devido aos muitos pecados que eles acreditavam ter cometido:

É preciso refletir sobre o significado que tem para os sertanejos a convicção de que merecem viver a seca como uma condição de compromisso com o seu Deus, expiando nessa passagem de “fogo e dor”, de desencontro e agonia, os pecados em carne viva no envelhecimento precoce, nos molambos de gente em se tomam na dieta receptiva de cuscuz, feijão e arroz – quando isso é possível (GOMES, 1995, p. 112).

No entanto, a dimensão da seca vai além da ausência de água, ou seja, representa a ausência de comida e de recursos básicos para a sobrevivência, restando às pessoas a esperança por dias melhores e a fé de que essa situação seria passageira, já que, na visão deles, haveria o tempo bom após esse período de martírio, revelando, portanto, a expectativa por dias melhores.

As dificuldades no pensamento messiânico como um todo, portanto, eram passageiras; as privações, sinais de uma felicidade futura. No caso da obra missionária de Ibiapina, contavam, pois, com a providência divina aguardando-a através da

sensibilização do Estado, da Igreja e de pessoas que os beatos tivessem contatos. Para Thomas (1991, p. 78):

[...] A doutrina da Divina Providência consolava os homens pela morte de seus parentes próximos, reconfortava-os em seus infortúnios terrenos e apresentava a perspectiva da felicidade eterna como compreensão pelas efêmeras dores na existência na terra [...]

Thomas (1991) ainda observa que esta doutrina é bastante elástica, por fazer com que os mais ricos se sentissem confortados com a sua situação por ser garantia da providência divina. Além disso, faz com que as pessoas mais religiosas vejam os momentos de sofrimento como passageiros e que, o ser supremo providenciaria o melhor para eles, não devendo se desesperar. Vale destacar que este pensamento é mencionado em todas as cartas que Ibiapina dirigia as suas instituições.

Apesar de se diferenciar de muitas missões de caráter messiânico, a obra de Ibiapina possui a profecia como um elemento comum as demais. Um exemplo claro disso é quando ele brada profeticamente “o Cariri Novo não me verá mais” ou ainda na Villa Teixeira no momento em que ele afirma que “a justiça divina faria recair os raios de sua ira” (MARIZ, 1997, p.141).

Diante da seca, a Villa de Teixeira realmente passou por grandes provações, que podem ser constatadas no Relatório realizado pela Comissão de Serviços Públicos, em 1879, direcionada ao presidente da Província da Paraíba José Rodrigues Pereira Júnior, em que a fome chegou a tal ponto que até mesmo cachorros eram disputados como alimentos pelos os mais pobres. Esse quadro de horror, segundo Gomes (1995), ao invés de gerar um espírito de revolta no sertanejo, lhe trouxe uma visão heróica de si mesmo por enfrentar essas dificuldades com resignação. A sua força foi demonstrada por meio do conformismo e do apego ao sobrenatural.

A população, em sua maioria, não se questionava pelo fato de a elite não ser prejudicada com a situação e nem tinha conhecimento dos freqüentes desvios de verbas que impediam a Comissão de realizar serviços a que eram destinados. Dessa forma, a Comissão de Socorros Públicos narrava esses fatos para o Presidente da Província, demonstrando-se insatisfeita ao presenciar o grande número de emigrações

de pessoas pobres em busca de melhores condições de vida. Via-se a esperança do povo e, concomitantemente, a sua fé de que estavam tendo o castigo merecido, sem saber que, na realidade, esses eram vítimas de uma constante exploração dos mais ricos que lucravam sem pensar na penúria vivenciada por eles.

As emigrações ocorriam porque o povo queria uma realidade melhor, sendo fruto do desespero, da falta de alimentos e da sede, que assolava a região. A emigração também pode ser considerada como esperança em encontrar em outra localidade uma terra que fornecesse frutos em abundância, assim como os hebreus que saíram em busca da “terra prometida”, conforme é narrado nos textos bíblicos. Essa não foi, contudo, a atitude das casas de caridade que buscavam elementos externos para socorrê-las, enviando o Irmão Ignácio para o Rio de Janeiro, a fim de que trouxesse verbas para essas instituições, conforme consta na carta escrita por Ibiapina (2/11/1877).

Essas doações foram agradecidas pelas órfãs que, motivadas por Padre Ibiapina, relatavam sobre a seca e o sofrimento vivenciados e demonstravam o quanto tinha sido importante a colaboração oferecida pelas pessoas do Rio de Janeiro, pois enviaram vultosas esmolas, conforme é mencionado no livro “Textos Inéditos” lançado em 2006, em que a UNIPÊ reuniu manuscritos da Casa de Caridade Santa Fé.

Nesse ano, ficam evidentes as necessidades da população através da Veneranda responsável pela Casa de Caridade em Cabaçeiros. Ela pediu recursos ao Presidente da Província mostrou que as 18 (dezoito) senhoras que nela residiam não conseguiam suprir as necessidades das 38 (trinta e oito) órfãs. Vale destacar que esta conseguiu os recursos solicitados, mas em uma ínfima quantidade, pois, em pouco tempo, reivindicou novamente o envio de recursos que durassem, no mínimo, quatro meses.

Enfim, o estado calamitoso nesse período é explicitado em narrativas de pessoas que o vivenciaram e que procuravam apoio de autoridades como os presidentes das províncias, líderes religiosos ou até da própria população, apelando para o sentimento de partilha cristã. É a partir de tais fontes e da abertura dos estudiosos para um estudo dessas temáticas que eles são possíveis de serem

realizados, como se verificará melhor no quarto capítulo dessa dissertação, que dedicará um tópico para análise das cartas escritas durante a Seca de 1877.

A situação de morte e de sofrimento vivenciada pelos mais pobres, portanto, fazia com que, através desse quadro de terror, as pessoas tivessem em seu imaginário medo e assombro diante das constantes mortes e da fome que assolava o norte do país. Contudo, a esperança maior existente nas casas de caridade era certamente a de Santa Fé por manter um contato direto com Ibiapina. Porém, esta foi a que mais sofreu com sua morte por ter um contato direto com ele e por estar acostumada com sua presença na resolução dos seus problemas, conforme se verá no capítulo posterior.

Capítulo 3 - A população e a Igreja antes e depois da morte de Ibiapina

3.1 A fé da população na época do Padre Ibiapina.

Após a análise do funcionamento da Casa de Caridade Santa Fé e das regras existentes nessa instituição, realizados no segundo capítulo, observar-se-á neste terceiro capítulo, qual era a relação entre o catolicismo praticado pelos admiradores de Ibiapina e aquilo que a Igreja Católica enquanto instituição trazia como ensinamento, levando-se em consideração a distinção entre as práticas do Norte Imperial, do Nordeste atual (após a morte de Ibiapina) e aquilo que é proposto pela Sé.

Logo de início, pode-se constatar que o trabalho missionário do Padre Ibiapina se deu em um período conturbado entre parte do clero e o Estado, ou seja, quando a Igreja desejava se auto-afirmar diante do poder secular, contrapondo-se, principalmente, ao controle que o Estado queria exercer sobre a mesma. Entretanto, Ibiapina não tomou partido nesse conflito, preocupando-se em doutrinar e em realizar obras sociais que atendessem às expectativas dos mais pobres. Ele julgava que as necessidades dos pobres tinham um caráter urgente, ocorrendo até a falta de padres para celebrar as missas, já que:

No Brasil retirando um raro Frei Caneca, e o presbítero de São Pedro o solidário intelectual e mártir de revoluções eloquências liberais. Deles parte uma mística de ação, imposta pela personalidade irresistível, Padre Ibiapina, Padre Cícero, Padre João Maria. O frade não se tornou íntimo porque o homem-do-interior não os conheceu pastoreando a freguesia, mas tempestuosos e ameaçadores nas Santas missas, bradados pelos apocalípticos capuchinhos. Serão, para o povo os videntes, profetas natos, sabedores do futuro, Frei Vital de Frascarolo e Frei Serafim de Catania, adivinhando pecados e “obrando milagres”. (CASCUDO, 1974, p 17).

Foram poucas as missões de religiosos ou beatos no Norte, porém merece destaque o Padre Hermenegildo Herculano Oliveira, contemporâneo de Ibiapina, por ter atuado na construção de cemitérios, igrejas e cruzeiros. Existiram, ainda, outras poucas missões de alguns Freis Capuchinhos que tiveram breve passagem. “Anteriormente aos dois só nos ocorre missionários no Sertão da Paraíba Frei Caetano de Messina, em

1843, Padre Manuel Jose Fernandes, em 1848 e o capuchinho Frei Serafim da Catania, entre 1849 e 1853, todos em perlustrações ligeiras” (MARIZ, 1997, p. 58). Esta escassez de clérigos foi uma constante na história do Brasil até então.

Ibiapina, não esquecendo o conteúdo das missões dos capuchinhos⁵⁷, acrescentou em sua missão elementos de ordem prática. Seu discurso dirigido à população buscava convencê-la de que, trabalhando juntos por melhores condições de vida, a situação mudaria. Era nessa esperança que grande parte da população se mobilizava para construir hospitais, cemitérios, igrejas e casas de caridade, contando com o recurso financeiro de pessoas mais ricas do local visitado. (COMBLIN, 1993)

Nesse contexto, essa esperança era movida pelo apego aos santos⁵⁸, prática essa que sofreu influência dos portugueses não podendo ser observada como sendo tipicamente “nordestina”. Tal situação desagradava aos bispos, que buscavam centralizar as atividades pastorais, e também ao clero iluminista, que almejava racionalizar a religião, condenando o culto aos santos. O catolicismo praticado pela população é descrito por ANDRADE (2002: 153):

Foi nas regiões mais interioranas ou nos Sertões para onde era mais difícil atrair os clérigos que mais se disseminou o catolicismo popular ou rural. De fato a situação de penúria de padres em certas regiões do país favoreceu o desenvolvimento de um catolicismo menos ortodoxo com a participação ativa dos leigos e beatos que investiam principalmente na criação de santuários domésticos e na organização de romarias para esses santuários.

A distância do clero, naquelas regiões, fez com que a população criasse maneiras diferenciadas de atingir o sagrado, de tal forma que grande parte da

⁵⁷ Em 1843 pelo decreto 85 (21.06.1843), o governo imperial foi autorizado a mandar missionários capuchinhos para a Itália. Esse decreto é explicitado por outro, de nº373 (30/08/1843) que, todo impregnado de realismo, restringia os direitos dos superiores regulares e da Santa Sé, ao mesmo tempo que, colocava ao missionários sob uma grande dependência em relação ao governo e aos bispos diocesanos. No Brasil eles exerceram longa atividade através das missões populares no Brasil colonial e, de modo especial, pelo Nordeste. Sua atividade missionária sofreu restrições com o movimento de independência do Brasil, devido aos constantes apelos patriótico voltado contra os estrangeiros.

⁵⁸ Na realidade esse tipo de culto aos santos nem sempre era vinculado à prática sacramental. Seguindo ainda a mentalidade medieval, a prática das promessas foi geralmente considerada a mais importante na devoção popular do que mesmo a recepção dos sacramentos. AZZI, Rioldo. **O catolicismo popular no Brasil**. Aspectos históricos. Petrópolis. Vozes, 1978.p.8.

população tinha uma visão bem peculiar em relação à Santíssima Trindade, e a imagem de Deus Pai era sempre a de severidade e autoritarismo, enquanto a de Jesus era a de acolhimento. Já o Espírito Santo era algo muito distante deles, ao contrário do que a Igreja oficialmente coloca, pois, para ela, o Espírito Santo é visto como sopro divino presente no meio da Igreja, dando a ela a renovação e o batismo e sendo invocado em Pentecostes. Maria era alvo de grande devoção, a figura mais próxima do homem rural que sempre a invocava nas horas difíceis. (CASCUDO, 1874)

Assim, teve-se por parte da população mais pobre uma adaptação do catolicismo à sua realidade que, desconhecendo os dogmas da Igreja, conseguiam captar apenas o que era mais perceptível e que estava mais próximo da sua realidade, ou seja, às imagens da Igreja que, na visão deles, traziam consigo soluções para os seus problemas. Dessa forma, a figura do leigo desenvolveu “papéis rituais a nível local e informal. Esses ritos, nas mãos do povo, geralmente são portadores de suas culturas, seus projetos vitais, sua espiritualidade” (IRARRÁZAVAL, 1993, p. 140).

É interessante observar ainda que, as práticas populares conseguiam abrigar em si dor e penitência ao lado da alegria. Para Ribeiro (2003), este fator não é meramente popular, pois os cristãos em geral vêem em Jesus, um Deus que teve seu corpo flagelado, morreu na cruz e depois ressuscitou.

Sendo assim, Ibiapina trouxe a sua missão, elementos festivos, pois era recebido com festas nos locais por onde peregrinava e, concomitantemente, enfatizou a prática da procissão penitencial⁵⁹ a fim de conseguir a obediência das pessoas, o arrependimento dos pecados e de fazer com que as ordens por ele estabelecidas fossem cumpridas. Conforme podemos observar em um relato de Bernardino Gomes de Araújo na segunda parte da publicação literária denominada de *História das Missões no Cariri nos anos de 1856 e 1868* que se encontra no jornal *A voz do Cariri*, nº 21 em 2/5/1869:

⁵⁹“Procissões penitenciais são feitas como expressão de arrependimento dos pecados em missões populares ou para afastar alguma desgraça que se considera como castigo divino”. Ibid, p.136.

O 2º e o 13º da missão foi destinado para a procissão da penitencia. Desposta as cousas, e preparados os instrumentos de penitencia, findo o sermão do Reverendíssimo Missionário deo ordem que se recolhessem a matriz todos os que se devião amortalhar, e a matriz com suas sacristias, e o vácuo que há entre esta e a rua visinha foi pequeno espaço para toda a multidão. O clarão delicioso da lua contrastou nesse dia o horror da penitencia. A magestade do ato, o retinir de algumas milhares de assoranges, os dobres plangentes do sino da matriz unidos aos suspiros de dor, aos ais de compunição, as vozes sonoras que pedião misericórdia, formavão uma muzica tão lúgubre, tão melancólica, tão enternecedora, que trasia ao coração arripendimento das culpas e aos olhos as lagrimas de verdadeira dor e compunção.

Através da descrição acima, observa-se o incentivo ao castigo como demonstração de arrependimento pelos pecados. Pode-se verificar ainda, que essa autoflagelação só se dava ao término de um sermão, cujo conteúdo deveria estar voltado para o incentivo à penitência e a importância de se voltar para Deus.

Dessa forma, como mesmo é mostrado nesse trecho, diante do seu poder de persuasão, uma multidão se “amortalhava” e seguia a procissão, com os instrumentos necessários para participar do ritual. Fica explícito, portanto, o sentimento de culpa pelos desvios de conduta, a emoção dos expectadores e como eles viam naquele gesto uma maneira de se libertarem do pecado e de renovarem os laços com o sagrado (RIBEIRO, 2003).

Esse controle e persuasão de Ibiapina sob essas pessoas adquiriam maiores proporções nas casas de caridade por ser ele o diretor das instituições, e pelo seu interesse em fazer com que as Irmãs cumprissem seus preceitos e mantivessem as instituições de acordo com sua vontade.

O arrependimento dos pecados como prática essencial para o andamento dessas instituições não se limitava à Procissão Penitencial, mas também pelo convencimento de que todos que estavam nas casas de caridade precisariam do sacramento da confissão como meio de se libertar dos pecados. Essa ênfase nesse sacramento é acompanhada do desejo de Ibiapina em ministrá-lo, como se observa em uma carta em que ele, descrevendo sua situação em Santa Fé, pede autorização para continuar como confessor em carta endereçada ao Bispo Dom José Pereira da Silva Barros (16/ 4 / 1881):

[...] Impossibilitado de continuar nas missões, recolhi-me em uma cozinha próxima a Santa casa de caridade de Sta Fé e na capela do Cemitério da mesma ocupo-me em confessar a gente da Casa e povos de outras Freguesias que me procurão, explico nos domingos o Evangelho e exercito outros atos do meu ministério e que tenho feito com as faculdades que me concederão os senhores Bispos e Vigários Capitulares e não posso continuar a confessar sem autorização de V. Exc^a não para pedir a continuação dessas faculdades mas para que à vista do exposto determine como devo obrar achando-me velho e constantemente doente.

Analisando o conteúdo do trecho da carta percebe-se que o pedido realizado por Ibiapina de continuar realizando o sacramento da confissão não foi apenas um sinal de reverência ao Bispo e um desejo de ministrar este sacramento, mas de mostrar que estava de acordo com os ensinamentos da Igreja, por ensinar, no domingo, o evangelho e por exercer atos do ministério concedido pela mesma.

Apesar da preocupação em trazer em seu discurso que estava coerente ao pensamento predominante na Santa Sé, sendo a ela submisso por pedir autorização para ministrar o sacramento da confissão, Ibiapina conduzia suas obras de maneira individual sem contar com membros externos, isso fica claro ao orientar as irmãs para que, caso se confessassem com outro sacerdote, não contassem os problemas existentes em sua instituição e repreendessem aqueles que desejassem saber (sic):

Se o Padre fizer perguntas que não tenham relação com a declaração dos pecados dirá: Vossa Revma. me perdõe que so fiz exame do que é pecado, e por isso, fora deles não estou habilitada a responder” ou ainda Quando algum Padre, por menos discreto, contrariar os estatutos da Casa, por isso Vossa Revma. me perdõe, que obedeço a Instituição (Comblin apud IBIAPINA, 1984, p.74).

Essa atitude nos revela um caráter dúbio no pensamento de Ibiapina. Apesar de ter demonstrado zelo pelos sacramentos e de pedir autorização ao bispo para confessar as pessoas da região, ele construiu uma instituição, cujo foco principal eram os leigos, que só deveria obedecê-lo cegamente sem admitir que qualquer sacerdote opinasse (BANDEIRA, 2003).

Para seus biógrafos, essa postura se justifica por não haver quem tomasse a frente de seu trabalho, já que os sacerdotes tinham, em sua maioria, outras preocupações, e por serem essas pessoas pobres as mais interessadas nas missões.

Contudo, a forma como Padre Ibiapina não quis aderir a qualquer ordem religiosa mostra o personalismo de suas obras, pois, agregando elementos de outras ordens, ele criou uma instituição de acordo com o seu próprio pensamento, onde os leigos dificilmente divergiriam de suas opiniões e com maior facilidade obedeceriam as regras impostas pelo Estatuto e Instrução e Máximas Morais de sua autoria.

Analisando o papel da Igreja Católica no Brasil nesse período, se percebe, logo de início, a pluralidade de pensamentos existentes no país a qual não condizia com o pensamento romano⁶⁰, pois as idéias liberais que penetraram no Seminário de Olinda desagradavam tanto a Igreja enquanto instituição, como individualmente os sacerdotes mais conservadores.

Enquanto essas divergências de pensamento atingiam o seio da Igreja, culminando com as encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus*, a população mais pobre as desconhecia e pouco tinha contato com os padres que, segundo Andrade (2002), celebravam a missa apenas uma vez por mês e poucas missões surgiram nesse período.

Mesmo tendo pouco contato com a população, o clero se indignava com a atitude dos fiéis que ao acompanhar as missas mantinham-se dispersos. Tal afirmativa pode ser confirmada no jornal *Tribuna Católica*, em 17 de agosto de 1867, na sessão denominada “A falta de respeito nas Igrejas” ao destacar que muitas pessoas tratavam a Missa como teatro e não se concentravam naquilo que os padres estavam pregando, não percebendo a importância do ritual de sacrifício e mantendo-se desconcentradas.

A busca por manter essa ordem nos recintos também era compartilhada pelo Padre Ibiapina que, em suas Máximas Morais, expressava como era importante a

⁶⁰ A romanização é um projeto elitista, europeu e romano que se choca parte significativa do Brasil luso e popular. Enquanto os bispos e o clero brasileiros esforçaram-se por ficar o mais próximo possível da Cúria Romana, vindo a viver no Brasil os dramas da Questão Italiana, Ibiapina e Cícero estão mais ligados à tradicional maneira de viver do povo, embora possamos encontrar idéias modernizadoras e civilizadoras”. Veja-se : SILVA, Severino Vicente. Modelos da Igreja no Brasil do século XIX. in: SILVA, Severino Vicente. **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: paulinas, 1988.p.78.

comunhão e a confissão, demonstrando que estes precisavam ser vivenciados pelos fiéis de maneira profunda. Ele não apenas orientava os fiéis para a importância do ritual, mas também fazia deles participantes da missão por ele implantada no Norte do país, principalmente, no que diz respeito à atenção que ele dava as Irmãs de Caridade, mulheres leigas que tiveram um papel fundamental na sua obra.

Padre Ibiapina, portanto, fez com que todas as suas obras estivessem sob seu controle. Contudo não pensou que a ausência de vinculação com uma ordem religiosa seria simultaneamente seu “sucesso” e seu “fracasso”. O sucesso de sua obra foi devido à peculiaridade da época e pela motivação que estas pessoas tiveram de unir forças e construir suas obras e por pessoas leigas se disponibilizarem em estar à frente das missões. No entanto, o fracasso de sua obra foi justamente a ausência de uma vinculação a uma ordem religiosa, já que, após sua morte, foram “cortadas as verbas” que alguns padres faziam e estas ficaram sem o apoio da Igreja, impedindo que fossem suscitadas novas vocações.

Diante dessa busca de se manter sempre de acordo com o pensamento do clero, pode-se compreender o motivo pelo qual houve apenas uma situação que Ibiapina demonstrou estar em discordância com o pensamento da época, mas sem reagir. Isto se deu quando o Bispo da Diocese de Fortaleza Dom Luis⁶¹ em 1863, impediu Ibiapina de construir novas obras sociais em Sobral e na Região Norte do Ceará, permitindo, todavia, que ele continuasse a realizar missões e construir casas de caridade. Não obstante, em 1869, ele foi definitivamente proibido de se manter na direção das Casas de Caridade do local, que foi assumida pelo então Bispo, conforme será exposto no próximo item.

⁶¹O Bispo da Diocese de Fortaleza também é tratado com devoção pelas pessoas da região certamente por representar o poder de uma autoridade eclesiástica. Tal situação é perceptível ao observarmos a descrição do Jornal Tribuna Católica no dia 22 de setembro de 1867 de sua chegada no Colégio Nossa Senhora da Conceição já que este é tratado com grande reverência pelos seminaristas e pelas Irmãs de Caridade.

3.2 Ibiapina e a relação como Bispo Dom Luís.

Apesar de se ter escolhido, como foco de estudo, a Casa de Caridade Santa Fé, é importante compreender a situação vivenciada por Padre Ibiapina ao sair da direção das suas instituições no Cariri Novo, revelando o caráter ambíguo de sua obra e os motivos de Santa Fé ter sofrido tanto após a sua morte. O fato de Dom Luís não admitir que Ibiapina continuasse a frente da missão trouxe à tona que a peculiaridade da missão de Ibiapina não condizia de fato com aquilo que era proposto pela Igreja enquanto instituição.

Irineu Pinheiro afirma no jornal *A ação do Crato* que Ibiapina, ao contrário de Dom Luiz, não queria constituir bens patrimoniais (se preocupando apenas em colaborar com os fiéis acreditando na providência divina e no apoio dos mesmos). Pois, na visão dele, o bispo se preocupava em garantir a população dotes capazes de manter a população. Em sua obra, no decorrer do tempo, essa diferença, segundo o relator, foi à causa do desentendimento entre eles, por estarem convencidos de que seus respectivos pensamentos estavam corretos.

Contudo, o discurso de Irineu Pinheiro ao colocar o Bispo como alguém que prima pela estabilidade dos bens patrimoniais, omite o interesse do mesmo em manter instituições estáveis, cuja função era tê-las sob o controle da Igreja Católica. Dessa maneira fica claro como o modelo proposto por Ibiapina o incomodava por trazer o leigo como figura indispensável e por simplesmente dar-lhes funções que não tinha a autorização canônica, como por exemplo, a criação de um tipo de ordem religiosa, ou seja, das Irmãs de Caridade, composta de mulheres leigas. Sendo assim, desagradava ao Bispo à ênfase dada por Ibiapina às obras sociais que contavam com a providência divina e o apoio financeiro de pessoas mais ricas. Isso se justifica pelo pensamento centralizador do Bispo em torno da Sé fazendo com que ele decidisse assumir a direção das obras construídas por Padre Ibiapina.

Diante dessas divergências e da atitude do Bispo Luís, Ibiapina escreveu uma carta⁶² destinada aos beatos e às irmãs de caridade, na qual afirmava que aqueles que

⁶²Carta escrita por Ibiapina em Gravatá, 29 de novembro de 1872 e publicada no jornal *A ação* no dia 31 de janeiro de 1943.

desejassem, poderiam sair das casas e que, daquele dia em diante, os que permanecessem não deveriam pedir mais esmolas em seu nome, mas sim em nome da caridade. O tom melancólico da carta demonstra a sua insatisfação com a situação, passando a idéia de que sempre esteve de acordo com o pensamento clerical, mas ele não questionou a situação. Pode-se observar ainda que ele, de maneira discreta, incutia em seu discurso a vontade de que os leigos se voltassem para as instituições por ele dirigidas:

[...] Se porem algum biato ou Irman de Caridade, não poder, ou não quiser continuar os seus serviços pode retirar-se para sua casa e se julgar que lhe convem continuar a prestar serviços debaixo de minha direção pode procurar-me, que, com agrado receberei como filho espiritual, a quem amo e quem continuarei a prestar serviços espirituais, tanto quanto minhas pequenas forças permitirem.

O modo como Ibiapina se dirigiu para suas instituições do Ceará trazia consigo o seu poder de persuasão. E a forma paternalista que ele se utilizava para convencer os que já estiveram sob sua direção, mostrava que aqueles que quisessem permanecer sob suas ordens deveriam procurá-lo e seriam acolhidos.

Segundo Ramos (1998), o desejo de se sentir protegido dos devotos, se dá devido à busca pela segurança e a necessidade de se acreditar na coerência do mundo. No caso de Ibiapina, essa segurança dos devotos se dava devido ao suporte por ele fornecido na construção de obras sociais por ele dirigidas.

O paternalismo pode ser observado ainda quando Ibiapina afirma, em carta escrita ao Cap. Lobo⁶³, que resolveu sair da direção das Casas de Caridade para defendê-las das acusações de desobediência e rebeldia, assumindo o papel de culpado e adquirindo o papel de herói e de pai espiritual:

Agora mesmo acabo de officiar ao Shr Bispo do Ceará entregando-lhe as Casas do Cariry Novo, para elle tomar conta dellas e dirigil-as, como verdadeiro Pastor desse rebalho: Cessarão as hostilidades que se faz a

⁶³Carta escrita a Pedro Lobo de Menezes, regente da Casa de Caridade de Barbalha em 16 de março de 1872.in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)**. Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

Cazas, acussando-as de desobedientes e rebeldes, como sou eu o autor da rebeldia quero desaparecer de scena para não comprometer as Casas.

Contudo, Ibiapina, quando não estava na direção das Casas, se lamentava e usava um discurso religioso para afirmar que mesmo sem o seu auxilio estas permaneceriam fortes: “ellas permanecerão por serem obras de Deos, falta-lhe tudo no Mundo porém tem em seu favor o braço onipotente”. Além disso, para demonstrar que não tinha mágoas, enviou um beato de Santa Fé para colaborar nas Casas de Caridade do Cariri Novo⁶⁴.

Novamente constata-se a ambigüidade da conduta de Ibiapina em relação à Igreja, pois apesar de se mostrar obediente às autoridades eclesiásticas e de ser apontado como homem conservador, ele não deixava de buscar a autonomia e a peculiaridade do seu trabalho, sendo desvinculado de ordens religiosas oficiais e buscando o auxílio da própria população para concretizá-la. No que diz respeito à diferenciação entre Ibiapina e os padres de formação mais romanizada, destaca Oliveira (2007, p. 49) que:

[...] Os missionários romanizados agiam com o seguinte lema: “salva a tua alma”. Ibiapina motivado pelas virtudes teologais, atuava a partir do lema “salva o Nordeste da fome, da doença, do pecado, da morte, pela fé pela esperança e pela caridade”.

Ibiapina tinha interesses divergentes aos demais missionários ditos “romanizados” e ao próprio pensamento de Dom Luis, pois estava voltado para a prática e não estava ligado a ordens religiosas que pudessem dar suporte a suas ações. Com isso, conseguia atrair grande número de pessoas para sua missão, mas se afastava das idéias propostas pela Igreja enquanto instituição. Por mais que trouxesse

⁶⁴Carta escrita a Pedro Lobo de Menezes, regente da Casa de Caridade de Barbalha em 26 de dezembro de 1874. MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)**. Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

consigo o discurso de que estava cumprindo suas regras e lutando contra a maçonaria, na prática, percebe-se o caráter personalista de sua obra.

Assim, após a sua morte, as casas de caridade, em especial Santa Fé, não conseguiram se firmar por muito tempo, já que não houve nenhuma pessoa preparada para substituí-lo. Sendo assim, será analisado o que aconteceu com a Casa de Caridade Santa Fé após a sua morte, tomando como base os relatos encontrados em Celso Mariz e a entrevista realizada pelo autor com as últimas irmãs de caridade, bem como as entrevistas⁶⁵ realizadas recentemente com Pe. Gaspar e Padre Floren, por conhecerem a realidade de Santa Fé na atualidade.

3.3. Santa Fé após a morte de Padre Ibiapina: memórias, relatos e especulações.

Nesse dia pude fazer uma idéia ligeira do horror, isto é, do clamor do dia do juízo final, porque pouco mais ou menos de duzentas pessoas choravam e quase todos em alta voz lamentavam a falta incalculável daquele pai dos pobres e diretor das almas puras.

Beato Antonio Modesto, 1883

A descrição da situação de Santa Fé, após a morte de Ibiapina foi realizada pelo Beato Antonio Modesto com o objetivo de trazer à tona como aquele religioso era um exemplo de vida para aquele local, pensamento próprio da hagiografia católica. Tal descrição revela o sofrimento vivenciado por essas pessoas, já que essa casa de caridade estava habituada com a sua presença, sua disposição em resolver os problemas cotidianos, e a forma como ele mesmo não preparou pessoas para cumprir o seu papel de diretor. Esta perda significou para eles o fim de um líder religioso que

⁶⁵ As entrevistas tiveram um caráter exploratório e foram semi-estruturadas, ou seja, apesar de ter-se construído um questionário prévio, foi possível aos informantes discorrerem sobre o tema proposto. Vale salientar que o plano de entrevista e o termo de consentimento dos informantes se encontram nos anexos dessa dissertação. BONI, Waldete. et al. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

trouxe a esperança de um descanso celestial⁶⁶, conseguido com a luta contra o pecado e a colaboração em suas obras sociais.

Diante dessas dificuldades vivenciadas por Santa Fé, sobressaiu-se a esperança de terem um santo no céu capaz de interceder por suas causas, já que, após sua morte, foram encontrados escritos atribuindo milagres ao mesmo. Como se pode observar em um escrito anônimo datado de 1890, encontrado no Arquivo de Santa Fé:

[...] Um mês depois de sua morte uma velhinha a quem ele dava esmolas veio pedir em Santa Fé para visitar o túmulo do Pe. Ibiapina. Lá chegando sozinha, começou a lamentar-se pedindo socorro ao Padre Mestre para não morrer de fome, pois nada tinha para comer. Começou de joelhos a rezar o rosário e pedir socorro ao padre. Quando findou o primeiro mistério, veio voando dos campos uma rolinha, bateu na parede do túmulo e caiu morta. A velhinha alegrou-se e agradeceu dizendo:- “Hoje não morro mais de fome” [...].

Nessa descrição daquilo que foi considerado o primeiro milagre realizado por Ibiapina após a sua morte, há de fato elementos que condizem com o que o religioso acreditava, já que traz a busca por não deixar que as pessoas passassem fome e a devoção a Maria, demonstrada através da oração do primeiro mistério pela senhora. Além disso, a fé na providência divina motivou essa mulher a fazer o pedido a Padre Ibiapina para interceder por ela junto a Maria sob suas necessidades materiais.

A maneira como se atribui o milagre a Ibiapina, é compreensível pela admiração nele depositada em vida e pelo apego já manifestado anteriormente aos santos por considerá-los próximos a sua realidade e por verem na figura do Deus Pai, alguém distante e que castiga os fiéis pelos pecados cometidos. Sendo assim, após a considerada concretização de um milagre, houve certamente a sensação da população de ter um mais novo santo no céu, capaz de atender de maneira fecunda os seus pedidos. Sobre essa confiança nos milagres dos santos, Ramos (1998, p. 28) afirma que:

⁶⁶O descanso celestial, enfatizado por Ibiapina tem como base “[...] a estrutura da espera, cujo losango ou quadrilátero pode ser percebido sob as diferentes combinações que podem afetar seus pólos: o personagem (messiânico), o reino (milénarista), a sociedade religiosa (igreja ou qualquer outro corpo religioso), a sociedade política (a nação, o estado ou a união das nações) [...]”. DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milénarismos**. São Bernardo do Campo, Editora UESP, 2000. p.77.

A fé do devoto produz uma confiança com características próprias. Para o devoto o milagre é plausível. Todos os fiéis contam histórias sobre a realização de milagres, ou seja, possuem 'dados' que confirmam a existência do fato miraculoso. A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos. O mundo do fiel pode ser previsto ou modificado pelas forças do sagrado. A não realização de um milagre desejado pelo devoto não elimina a crença que afirma o poder de um santo, pois qualquer fiel já possui 'dados' que, em certo sentido, sustentam sua crença.

Neste universo mítico do Norte do país, os maiores propagadores da realização dos milagres atribuídos a padre Ibiapina foram os beatos e beatas que com eles conviveram e que fizeram o possível para dar continuidade a sua obra, permanecendo nas casas de caridade e buscando maneiras para que ela fosse provida. Apesar desse conforto espiritual em ter Ibiapina como santo no céu, este local ficou bastante prejudicado por não contar, de início, com o auxílio de pessoas que se dispusessem a contribuir financeiramente com a instituição. Apenas em 1912, Santa Fé contou com a presença do Monsenhor José Paulino Duarte da Silva, que, como já foi visto no capítulo inicial, foi o editor de textos dos Beatos e Irmãs de Caridade e que, através dele, a obra de Ibiapina foi divulgada no Jornal *A Imprensa*. Este trouxe novo ânimo para essa instituição local, pois, quando esteve por lá "[...] levou mosaicos, fez um alpendre, plantou flores, deu um tom de vida ao recanto [...]" (MARIZ, 1997, p. 193).

Todavia, ele permaneceu no local até 1930, pois estava bastante doente e decidiu ir para Recife. A contribuição desse padre durante os anos que passou nessa localidade se deu, principalmente, na sua busca por trazer à tona a memória de Ibiapina, divulgando-a na intenção em adquirir alguns recursos para Santa Fé, conforme ele mesmo pede no final de seu livro.

Apenas nos anos 50, têm-se notícias do que ocorreu com as últimas Irmãs de Caridade, quando Celso Mariz junto com sua equipe foi até Santa Fé. Após essa visita, Mariz (1997) fez um relato dramático sobre a situação do local, por observar a diferença daquele local na época de Ibiapina e naquele momento. Isto foi constatado pelo autor ao verificar o número restrito de órfãs e de Irmãs, quando comparado as centenas de órfãs e pessoas pobres atendidas durante o período em que Ibiapina era vivo.

A descrição realizada por Celso Mariz sobre Santa Fé pôde ser confirmada a partir do acervo fotográfico da Fundação Padre Ibiapina, que atualmente se encontra no Arquivo Afonso Pereira, pois nele há fotografias das últimas Irmãs de caridade e de objetos pessoais de Ibiapina. Através das fotografias, observa-se ainda o olhar de submissão de todas as Irmãs como foi solicitado por Ibiapina através da Instrução e Máximas Morais, já que sempre estavam cabisbaixas ao serem fotografadas. O olhar cabisbaixo reafirma o caráter ascensional diairético da conduta de Ibiapina para o campo do imaginário. A sujeição neste caso não é humilhação, mas humildade. Se Ibiapina tinha noção exata deste símbolo, bem sabia que ele lhe responsabilizava também, na medida em que não há uma autonomia espiritual para as Irmãs. Como pode ser observado na fotografia:



Fig. 1: Acervo fotográfico da Fundação Padre Ibiapina- Foto: Danielle Ventura

O único momento em que a Superiora não apareceu cabisbaixa nas fotografias foi quando essa dirigiu o seu olhar para a fotografia de Ibiapina com orações, demonstrando que, de mestre, ele passou a ser santo, na concepção popular. Vale destacar que a oração do terço continuava sendo uma constante na vida dessas mulheres que receberam de Ibiapina o modelo de vida mariana a ser seguido, ou seja, de obediência, serviço e de devoção a Maria. Essa oração do terço e o respeito ao ícone de Ibiapina pode ser confirmada através da imagem abaixo:



Fig. 2: Acervo fotográfico da Fundação Padre Ibiapina- Foto: Danielle Ventura

É interessante notar ainda, que a Irmã Superiora Maria Ibiapina preservava o costume de usar hábito preto, como era solicitado por Ibiapina. Além disso, através de seu diálogo com o autor Celso Mariz, é possível observar o cuidado que essas tiveram em guardar os objetos pessoais e livros do padre Ibiapina. Dentre esses objetos pessoais, a estola e a túnica têm um lugar de destaque na casa, evidenciado pela maneira como elas o seguraram. Demonstrando que aqueles se tratavam de objetos sagrado, já que eram utilizados durante o ritual da missa, por um homem santo na visão delas. Como pode ser observado na fotografia abaixo:



Fig. 3: Acervo fotográfico da Fundação Padre Ibiapina- Foto: Danielle Ventura.

Os livros que ainda restaram em Santa Fé, destacados por Mariz (1997), revelam como o religioso se voltou para a análise da vida dos santos e como estes servem de motivação para que este demonstrasse o desejo por alcançar a santidade. Entre esses livros, podemos destacar os seguintes: *Gênio do Cristianismo*, *A vida da venerável Madre Thereza* e *Os Sermões do Padre Roquete*.

É válido ressaltar que as Irmãs não se limitaram a guardar objetos pessoais e livros de Ibiapina, bem como a serem devotas de Maria, mas empregaram atividades industriais que garantiriam por um tempo o sustento da Instituição. Isso pode ser constatado quando a Superiora, em entrevista com Mariz (1997), afirmou que todos da Casa trabalhavam na fabricação de flores artificiais, contando com a assistência dos vigários de Serrania. Além disso, permanecia, tal qual na época de Ibiapina, o auxílio das pessoas mais ricas do local, como as alunas de Bananeiras, de Tourinho Moreno, de Antonio Soares de Oliveira, (fundador da firma Soares de Oliveira & Cia), de Epitácio Pessoa (que na época que fazia doações já não era mais presidente, mas que contribuía anualmente com várias instituições carentes da Paraíba) e do próprio Estado, devido às propostas de alguns deputados.

Apesar de Santa Fé não ter ficado totalmente desamparada financeiramente, o fluxo de pessoas no seu interior diminuiu consideravelmente até que se fechasse. O desânimo da Casa de Caridade Santa Fé e o seu posterior fechamento foi, como já se viu, fruto do personalismo da obra de Ibiapina e por não ter preparado um líder que pudesse exercer a sua função. Pois, até mesmo os beatos e Irmãs Superiores tinham papéis diferenciados que não substituíam o seu, principalmente em Santa Fé, Casa em que ele exercia controle direto. Faltou-lhe a percepção de sucessão.

No que diz respeito à situação de Santa Fé, após a morte das últimas Irmãs de Caridade, as informações recolhidas só foram possíveis através de entrevistas com pessoas que conviveram com as mesmas e que moraram na região, entre as quais

podemos destacar o Pe. Gaspar⁶⁷ que, em entrevista⁶⁸, demonstrou sua ligação com o local desde sua infância, conforme pode-se ver no seu relato:

[...] Eu conheci a fundo a história de Ibiapina por que vivi em Arara como menino, convivia com os padres holandeses e senti a história de Ibiapina na história do povo de Arara. Então hoje Ibiapina está na vida de todo ararense [...].

Após demonstrar como conviveu com essa localidade, o Padre Gaspar afirmou que depois da morte das últimas Irmãs de Caridade, esse local se tornou bastante cobiçado e despertava o interesse das pessoas principalmente na época das Ligas Camponesas de Mari, já que o recém-criado na época Sindicato Rural de Arara tentou tomá-lo para si sem sucesso.

Para ele, a presença dos padres holandeses da Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses (OCRL) no local, entre os anos de 1968 a 1969, foi fundamental devido à colaboração desses na manutenção do local. Fato este confirmado pelo Padre Floren, atual reitor do Santuário de Santa Fé⁶⁹ e também entrevistado. Segundo Padre Gaspar, os holandeses estavam fazendo missão na África e, almejando a realização de um trabalho social na Paraíba, foram convocados por Dom José Maria Pires, na época Bispo da Paraíba, para atuarem no Brejo Paraibano. Sobre esses religiosos, Pe. Gaspar destaca que:

Um ficou em Pilões (Mateus), Conrado em Serraria, Lambert em Arara, Irmão Leonardo ficou também em Santa Fé, morando em Santa Fé, aí os holandeses conheceram a história de Ibiapina e começaram a fazer memória de Ibiapina. Uma vez por ano, 19 de fevereiro, dia da morte dele então celebrava uma missa, eu ainda acompanhei muitas missas como menino em Arara e depois que esses holandeses viveram trinta

⁶⁷ Padre Gaspar é um cidadão ararense que se autodenomina como um curioso pela história de Padre Ibiapina. Ele participou do Processo de Canonização de Ibiapina e atualmente é o reitor do Santuário de Frei Damião, localizado em Guarabira.

⁶⁸ Entrevista realizada pela autora em 20 de janeiro de 2009.

⁶⁹ Segundo as informações fornecidas pelo Pe. Floren, Santa fé foi elevada a categoria de Santuário no dia 15 de junho de 2007 por Dom Jaime Vieira Rocha, administrador apostólico da diocese de Guarabira (que assumiu o governo da diocese depois da saída de Dom Muniz até a chegada de Dom Lucena). Este passou a ser isento do regime paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Piedade de Arara, nessa época o entrevistado foi nomeado como seu reitor.

anos em Arara e guardaram a memória de Ibiapina, resgataram a vida de Ibiapina foi tempo que a Diocese de Guarabira foi criada.

A criação da Diocese de Guarabira, mencionada pelo entrevistado, foi realizada no ano de 1980 e após esse acontecimento, houve um incentivo de Dom Marcelo Cavalleira a essa devoção devido a força que vinha adquirindo a teologia da libertação que, dentre outras coisas, se voltava para a busca pela inclusão social dos mais pobres. Dessa forma, em 1988, junto ao CEHILA popular⁷⁰, foi comemorado o centenário de morte de Ibiapina através da realização de um Seminário em Lagoa Seca, que contou com a participação de sociólogos, teólogos, agentes pastorais, religiosos, padres e bispos e que gerou a publicação de um livro denominado *“Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres”*.

Segundo o Padre Gaspar, foi após esse Seminário que a fé em Padre Ibiapina foi propagada na localidade. Em sua percepção, a visão de Ibiapina como santo ficou tão presente que, em 1991, existiam muitos panfletos que já se dirigiam a ele como tal. Tais panfletos estão guardados no Arquivo Público de Santa Fé, sob os cuidados de Padre Floren.

Assim, a devoção se expandiu de tal forma que alguns membros da Igreja resolveram entrar com o processo de canonização do Padre Ibiapina, iniciando a investigação documental no ano de 1993. Contudo, Frei Francisco Sadoc de Araújo, responsável pela compilação desses dados nesse ano, não conseguiu adquirir documentos originais escritos do próprio punho de Ibiapina nas Dioceses de Guarabira e Sobral, adiando o procedimento.

Mesmo diante dessa ausência de escritos originais, já havia nesse período uma dinamização da antiga casa de caridade que possibilitou, no ano de 1995, a

⁷⁰ A CEHILA popular (Comissão de Estudo de História da Igreja na América Latina) é composta por um grupo de pesquisadores voltado para o estudo da história da Igreja na América Latina que em fins do século XX se dedicou a atingir abordagens sobre os pobres, sofrendo influência da Teologia da Libertação. Para isso, foram realizados Simpósios cujo objetivo era aproximar-se da realidade vivida no Nordeste compreendendo os limites da ação institucional, dando uma visão mais próxima desse povo e da ação da Igreja sobre eles. Consulte-se: SILVA, Severino Vicente. Modelos da Igreja no Brasil do século XIX. in: SILVA, Severino Vicente. **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: paulinas, 1988.

reinauguração de Santa Fé por Dom Marcelo Carvalheira, após ter passado por uma reforma que contou com o auxílio financeiro de Instituições alemãs, das quais podemos destacar a Humédica⁷¹, o Misereor⁷² e a Diocese de Hildesheim⁷³, conforme é exposto na placa do atual Santuário do Padre Ibiapina. Assim, esse cuidado com o local cresceu à medida que apareceram novos devotos que acreditavam na santidade de Ibiapina. Essa crescente devoção é justificável por que:

Santo que o povo cria e festeja está nos lugares que o povo escolhe. Os centros de romaria, quero dizer, o lugar do santuário, principalmente a casa ou o local dos ex-votos tornaram-se lugares santos para o povo, lugares dele, onde se sentem à vontade, porque o povo os faz como focos irradiadores do poder sagrado (AZZI,1978, p. 83).

Essa realidade generalizada pelo autor pode ser constatada pela forma como a devoção em Santa Fé se expandiu e pela sacralização do local pela população. Vale lembrar que esse pensamento, assim como o de outras pessoas tidas como santas não canonizadas pela Igreja, como Padre Cícero, Maria Izildinha, geraram dissertações e teses de doutorado, já que compõem o universo simbólico de grande número de brasileiros, merecendo destaque para os nordestinos. Os lugares sacralizados sobreviveram a decadência material da obra de Ibiapina.

No caso de Padre Ibiapina, a propagação de seus milagres e a reinauguração de Santa Fé, fez com que no ano posterior (1996) fossem reiniciadas as investigações para a Causa de sua Canonização. Devido à riqueza de detalhes desse acontecimento, decidimos dedicar um tópico especial para essa abordagem.

⁷¹A Humédica é uma organização não governamental fundada por Wolfgang Gross com sede na Alemanha e que tem como principal objetivo dar assistência a vítimas de catástrofes e guerras. No Brasil, ela se chama Humédica Brasil e atende pessoas carentes que tenham entre 2 a 16 anos.

⁷²A MISEREOR foi fundada em 1958 e se trata de uma organização que luta contra a fome e a doença no mundo, tendo como função de agencia de desenvolvimento da Igreja Católica da Alemanha através de doações de católicos alemães e com fundos de orçamentos diocesanos que lhe são colocados pela Associação das Dioceses da Alemanha.

⁷³A Diocese de Hildesheim é uma instituição alemã conhecida pelo trabalho social que desenvolve nas igrejas.

3.3.1 A reabertura do processo de canonização do Padre Ibiapina

Para o início do Processo de Canonização do Padre Ibiapina foi necessário, no ano de 1996, o recolhimento de documentos existentes nos arquivos públicos e particulares de Olinda e de Areia. Mas, apenas em janeiro de 1997, foram recolhidos documentos da época que, para eles, comprovam a santidade de Ibiapina.

Foram mencionados, na Causa de Canonização, a presença do administrador da Diocese de Guarabira José Nicodemos Rodrigues da Silva, o juiz de delegado Padre Jandeison R. de Alencar, o promotor de justiça Padre Pedro Alexandre da Silva, o Portador designado Monsenhor Francisco de Assis Pereira, o notário Padre Ivônio Cassiano de Oliveira e o Notário Adjunto que na época era seminarista Gaspar Rafael Nunes Costa (que gentilmente concedeu a autora a entrevista), o presidente da Comissão de Peritos Históricos Padre Ferdinand Azevedo e a Irmã Maria Naíse Leite, como Chanceler da Cúria.

A Comissão de peritos históricos reuniu cerca de 40 cartas escritas por Ibiapina e 6 documentos contemporâneos a ele, dos quais pode-se destacar a certidão de casamento de seus pais, a sua ata de batismo, o livro de Máximas Morais e o jornal *A Voz da Religião no Cariri* entre os anos de 1868 a 1870. Também foram utilizados os escritos do Beato Antônio Modesto, o livro de Paulino Nogueira, a coletânea de citações de jornais que mencionam Ibiapina, bem como o livro do Padre Francisco Sadoc de Araújo.

Esses documentos, utilizados para o Processo de Canonização de Ibiapina, reforçam a idéia de que esses escritos tinham caráter similar à hagiografia católica, já que os livros mencionados no primeiro capítulo serviram de base para o encaminhamento do processo canonização de Ibiapina, demonstrando que a maneira exemplar como é analisada a obra dele trouxe para a posteridade que esse precisava ser beatificado. Vale destacar ainda que, a inclusão das cartas dirigidas as Irmãs e as Máximas Morais (analisados no segundo capítulo), revelam como foi importante para eles a observação da sua postura religiosa e do modelo mariano implantado em suas instituições.

Durante esse período, cresceu ainda mais a devoção ao Padre Ibiapina, constatada através de jornais escritos nesse ano e guardados no Arquivo de Santa Fé, demonstrando a ansiedade dos fiéis em fazer com que fosse adiantada a sua beatificação, e comprovando que ele foi consagrado pelas pessoas como santo popular independente do parecer da Santa Sé.

É válido mencionar ainda que, segundo o Padre Floren, mesmo diante dessa crescente devoção para com Ibiapina em Santa Fé, ainda nos dias atuais, o processo de canonização se encontra parado devido à mudança de bispo⁷⁴ e, apesar de partir de Roma o pedido de reformulação desse Processo, não teve quem se encarregasse de acompanhar atentamente o trâmite.

Mesmo como o processo parado, a devoção a Padre Ibiapina e a sua consagração como santo são perceptíveis ao se observar, em Santa Fé, o grande número de cartas a ele dirigidas e a imensa quantidade de ex-votos⁷⁵, de fitas e fotografias de indivíduos que fazem pedidos e os agradecem, pois acreditam que a sua concretização foi possível após a graça concedida por Ibiapina. Segundo Irarrázaval (1993, p. 150):

São as necessidades sentidas por classes médias e pobres; Assegurar trabalho e saúde, expiar a maldade e serem perdoados por Deus, superar dramas familiares e pessoais, reconstruir uma identidade coletiva receber a procissão divina.

Sendo assim, os pedidos destinados a Padre Ibiapina, diferentemente de outros santos populares, são os mais variados, pois vão desde a cura de doenças até mesmo a pedido de empregos. Sobre esses pedidos, Padre Floren destaca que: “Os pedidos

⁷⁴Em janeiro de 2007 o Bispo Dom Muniz foi para Maceió acompanhado pelas Irmãs MFraC Vera e Lúcia que residiam em Santa Fé. Diante da ausência das Irmãs, foram convidadas para assumir as atividades do Santuário, as irmãs franciscanas de Dilligen, Alemanha: Maria Leticia Granjeiro do Oliveira, Maria Candeia de Lima, Maria Higina Bemvenuto da Silva, Maria Verônica da Silva Feitosa.

⁷⁵Os ex-votos podem ser considerados como demonstrações de testemunho público das graças alcançadas, e ao mesmo tempo de promessas cumpridas. Existem desde ex-votos desde os mais simples, como fitas, aos mais elaborados como fac-símiles em cera ou madeira de partes do corpo humano. AZZI, Rioldo. **O catolicismo popular no Brasil**. Aspectos históricos. Petrópolis. Vozes, 1978.

expressam as preocupações do povo. Em 1º lugar vem a preocupação com a saúde. Depois emprego, paz na família”.

Esses pedidos realizados com mais frequência são justificáveis pela história de vida de cada um deles, pois estas pessoas sabiam, através da divulgação da memória de Ibiapina, que o sacerdote buscava ter o cuidado com a construção de hospitais e de fazer com que nas suas casas de caridade tivessem recursos próprios que garantiriam seu sustento, ou seja, ele trazia em suas obras um incentivo ao trabalho acompanhado da oração.

Diante dessa crescente devoção, houve o investimento financeiro por parte do Estado e demais órgãos a Santa Fé, fazendo com que esta se transformasse em ponto de peregrinação e que se transformasse em um ponto importante para o turismo religioso, conforme será analisado com mais detalhes no próximo tópico.

3.4. O Santuário do Padre Ibiapina como ponto turístico religioso do Brejo Paraibano.

O turismo religioso em Arara atingiu grandes proporções, principalmente, com a presença de Dom Muniz como Bispo da Diocese de Guarabira. O Santuário do Padre Ibiapina ficou aos cuidados de Irmã Vera e Irmã Lúcia, ambas pertencentes ao grupo das Missionárias da Fraternidade Cristã- M.Fra.C. (Salvador – BA) e admiradoras do trabalho social realizado por Ibiapina, que incentivaram a construção de trilhas religiosas para que os fiéis percorressem os caminhos de Ibiapina.

Tal projeto foi desenvolvido pelo OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), Paraiwa e financiado pelo Governo do Estado, PBTUR e SEBRAE-PB que, se inspirando nos caminhos de Santiago de Compostela, teve grande receptividade entre os fiéis, principalmente, entre aqueles que já manifestavam devoção popular e que se sentiam honrados ao adquirir a Flor do cedro⁷⁶ como passaporte do peregrino.

⁷⁶A flor do cedro é uma árvore que dá sombra ao memorial do Padre Ibiapina em Santa Fé e que se desabrocha após secar.

Essa peregrinação foi estruturada de forma que, à medida que as pessoas percorressem os locais tidos como sagrados ou voltados para natureza, elas teriam seu “passaporte” carimbado. Ou seja, elas passavam pelo Santuário Frei Damião, pela Igreja Nossa Senhora de Fátima, pela Cachoeira do Roncador em Bananeiras, pela Chã Solânea (Santa Tereza), pelo Sítio sacro de Arara e, por fim, pelo Santuário do Padre Ibiapina, onde fica localizada a antiga Casa de Caridade Santa Fé.

Essas trilhas destinadas ao Santuário do Padre Ibiapina, atraem atualmente grande número de fiéis e contam com o incentivo de várias paróquias. Apesar de possuir quatro vias: Cruzeiro de Roma, Cruzeiro de Samambaia, Cruzeiro do Espinho e Caminho das Artes, apenas uma delas está funcionando, ou seja, a via Cruzeiro de Roma. É importante destacar que, todas essas vias se iniciam no Memorial Frei Damião localizado em Guarabira e se encerram em Santa Fé, Arara. Unindo, segundo o padre Gaspar, o missionário do século XIX com o missionário do século XX, Frei Damião. Sobre os rituais presentes nos Santuários Steil (1996, p.114 -115) destaca que:

Os rituais, ao mesmo tempo que demarcam fronteiras culturais entre os grupos que disputam os sentidos do sagrado [...], também compensam as deficiências de comunicação e integração. Especialmente aqueles que congregam as diversas categorias de pessoas presentes no Santuário possibilitam que as diferentes experiências religiosas trazidas para a romaria pelos romeiros possam interagir ligando os indivíduos e grupos entre si.

A forma como o Santuário do Padre Ibiapina consegue aglomerar grande número de fiéis da própria localidade e as visitas de várias paróquias do Estado e de pessoas curiosas por conhecer este local, trazem de fato a esse local, uma grande diversidade de grupos que tem em comum a devoção e a vontade de conhecer de perto o ambiente, sendo uma troca de experiência bastante interessante.

É importante observar que os rituais dirigidos ao Santuário de Padre Ibiapina, além de unir pessoas de várias localidades, revelam ainda à consolidação daquilo que anteriormente era uma fé popular e local, através do incentivo da igreja, do governo do Estado e demais órgãos públicos por verem nele uma fonte de lucros e investimentos para a cidade e para a Igreja, bem como uma atração de maior número de fiéis. Sobre

essa localidade, Madeira (2003, p. 21) faz uma apreciação do que encontrou durante sua visita:

Encontramos em Arara uma grande veneração à figura do missionário, principalmente, pelo depoimento que se diziam beneficiadas por feitos a ele atribuídos. A casa de caridade de Santa Fé havia sido reformada, mas conforme informações de moradores do povoado, mantiveram os traços arquitetônicos originais. Constando de inúmeras janelas apresentava uma construção pomposa, revelando uma certa imponência, sobretudo ao se comparar com aquela humilde localidade.

Além dos traços arquitetônicos e da devoção a Ibiapina, a autora destaca que a vinda de fiéis no aniversário de morte do religioso pode ser considerada hoje como a terceira maior romaria⁷⁷ do nordeste, atingindo, segundo Padre Floren o número de mais de 15 mil romeiros, e sendo ultrapassadas apenas por Juazeiro e Canindé, ambas localizadas no Ceará.

Observando-se com mais detalhes, não descritos pela autora, pode-se destacar que o Santuário possui, além da Casa de Caridade que Ibiapina passou seus últimos dias, um cemitério, um museu que guarda objetos, os quais eram utilizados na casa na época em que Ibiapina atuou, como por exemplo: máquinas de costurar e cadeiras, um centro de documentação (que ainda está inativo), uma casa de farinha e um espaço aberto de grande porte. Neste espaço se realizam peregrinações em agosto e fevereiro, meses correspondentes ao seu aniversário de morte e de nascimento, onde são feitas orações durante a Missa, tendo lugar especial a recitação de ladainhas e cânticos, tal como no período em que ele atuou na região.

Os quadros dos irmãos Thaize, que homenageiam Ibiapina, encontram-se no interior deste Santuário⁷⁸ e são feitos com pinturas de azulejo. Eles evidenciam as

⁷⁷No que diz respeito à importância da romaria podemos destacar que para “o nordestino corta sua semana de trabalho para ir à romaria, hoje de ônibus ou de caminhão, antigamente a pé ou a cavalo. O tempo para o santo não é sobra de tempo. A semana de trabalho cortada não é semana perdida. É semana investida de poder sagrado. O cansaço da viagem, como as horas de trabalho não pagas, não tem importância. O que conta é o santo na vida dos romeiros” (Azzi apud FREI ROLIM). Ibid, p. 8

⁷⁸O lugar do santuário, principalmente a casa ou o local dos ex-votos tornaram-se lugares santos para o povo, lugares dele, onde se sentem à vontade, porque o povo os faz como focos irradiadores do poder sagrado (Azzi apud FREI ROLIM). Ibid, p. 83.

atividades desenvolvidas nas casas de caridade na época de Ibiapina, durante o decorrer de um dia. Mostram desde as de gênero industrial a orações, peças teatrais e atividades domésticas, dando destaque ao lugar que outrora funcionou atendendo pessoas órfãs e que hoje serve como local de peregrinação. Além disso, a figura de Ibiapina é destacada nas pinturas como aquele que estava sempre vigilante as atividades ali desenvolvidas, característica esta que retrata principalmente o cotidiano de Santa Fé por contar com a presença dos religiosos durante os últimos anos de sua vida.

Sendo assim, o espaço da casa de caridade Santa Fé, que já era tido como sagrado mediante a presença de Ibiapina, continua atraindo grande número de fiéis e devotos que vêm nesse local a sua presença, já que seu túmulo e seus objetos pessoais lá se encontram. Essas manifestações de fé, demonstradas pelas pessoas que se dirigem na atualidade a este local com cânticos, promessas e ladainhas, revela que o sacerdote, que outrora foi tido por seus contemporâneos como santo, é introduzido na vida desses indivíduos como alguém em quem eles depositam esperança na possibilidade da realização dos seus pedidos.

Finalizando essa abordagem, para se compreender o imaginário presente em Santa Fé e incutido por Ibiapina faz-se importante, no próximo capítulo, a aplicação da mitocrítica de Gilberto Durand aos documentos da época, como Máximas Morais, Estatuto das Casas de Caridade e Cartas escritas nesse período, revelando a estrutura mítica vigente em Santa Fé e demais instituições construídas pelo Padre Ibiapina.

Capítulo 4- A mitocrítica como abordagem metodológica para a documentação de Santa Fé.

4.1. A teoria do imaginário e a documentação de Santa Fé.

Nos capítulos anteriores, analisou-se a forma como escritores, beatos e devotos viam Ibiapina, bem como se observou seu cotidiano, agora, neste último capítulo, completando as análises realizadas anteriormente, far-se-á uma apreciação do discurso de Ibiapina e das pessoas com as quais ele viveu.

Com o objetivo de se identificar o caráter mítico, presente na narrativa de Ibiapina e referentes a ele, no período de 1866 a 1883, se fará uma abordagem usando a mitocrítica. Esta é utilizada não apenas em documentos históricos como também em romances literários, servindo para detectar quais os mitos influenciaram o autor e a época em que foram elaborados seus escritos.

Sendo assim, se passará de uma análise mais geral dos fatos históricos que marcam a atuação de Ibiapina, em especial, na casa de caridade Santa Fé, para se observar o discurso das pessoas da época e cada ação por elas praticada. Para isso, se averiguou os verbos mais freqüentes nas narrativas e os símbolos que as envolvem, identificando a estrutura mítica desse imaginário. Essa análise tem uma grande relevância, tendo em vista que, ao se propor uma interpretação do imaginário, subentende-se a existência de algo que está escondido e que necessita ser descoberto. Além disso, esse imaginário está fundido à existência social, já que possui uma consciência inconsciente (LEGROS, 2007).

Sem dispensar a existência social do objeto deste estudo, ao contextualizá-lo historicamente, realiza-se aqui uma mitocrítica de documentos das cartas, regulamentos e reflexões que foram escritas, principalmente, pelo próprio Padre Ibiapina, trazendo à tona certos elementos míticos que estavam implícitos nos discursos.

Assim, na perspectiva durandiana, faz-se um trajeto antropológico através da observação dos reflexos (pulsões humanas) e, concomitantemente, do meio social e material. Os reflexos dominantes (postural, copulativo e nutricional) são dinamizados

pelas ações de “separar”, “interiorizar” e “religar” em símbolos que vão além da cultura. Esses símbolos se voltam para as especificações culturais dos arquétipos e a sua análise possibilita uma compreensão das modificações existentes dos mitos de um lugar para outro. Na visão de Gilbert Durand, essa criação de imagens imaginárias é fundamental para a sociedade, pois faz com que as pessoas criem um mundo desconhecido. Além disso, revela como as pessoas lidam diante do indizível, ou seja, da morte e do infinito.

Diante disso, essa criação de imagens imaginárias ocorre neste estudo ao se identificar, nos documentos citados, dois imaginários o do Regime Diurno e o do Regime Noturno, no decorrer de duas fases ou momentos históricos comuns: antes e durante a seca de 1877.

Melhor dizendo, antes da seca de 1877, a maior preocupação, manifestada nas cartas e nos documentos que ditavam as regras locais, era justamente a de opor o bem e o mal. Esta preocupação é própria do Regime Diurno e das Estruturas Heróicas, através do constante sentimento de luta contra “o pecado da carne”, pertencente ao imaginário cristão ocidental. Já durante a seca vivenciada drasticamente, principalmente, no ano de 1877, o conteúdo do documento sofreu algumas alterações, pois possui elementos do Regime Noturno, já que a dor vivenciada pela pobreza, privações e epidemias, ao invés de ser considerada como purgação contra os pecados, foi tida, neste imaginário, como proximidade de uma vida melhor futura, unindo, pois, esses elementos com o constante apelo ao arrependimento dos pecados.

Dessa forma, a presença recorrente dos verbos esperar, socorrer, pedir e julgar não pode ser considerada apenas como simples apelo, induzido pela seca de 1877 ou por aqueles que passaram por situações difíceis, mas também como uma expectativa por dias melhores. Observa-se que quase sempre eles vêm acompanhados de idéias de cunho apocalíptico, indicando que todo sofrimento é passageiro, mas, por ele ser considerado uma virtude, não lhes deve causar assombro.

Considerando-se elementos do Regime Diurno e Noturno que se aproximam e se distanciam entre si, presentes na documentação coletada, a análise foi dividida em quatro partes: a documentação que regia as casas de caridade, as cartas anteriores à

seca de 1877, aquelas que estão justamente imersas no imaginário da Seca, e a carta em que o Ibiapina fez uma autodescrição, trazendo seu pensamento sobre si mesmo.

4.1.1. O imaginário presente nas leis que regiam as casa de caridade e nas primeiras cartas

Ao se analisar, por meio da mitocrítica durandiana, as leis que regiam as casas de caridade (Estatuto, Instrução e Máximas Morais), pode-se perceber como existia uma busca de separar idéias contrárias como, por exemplo, o bem e o mal, sendo este um imaginário próprio do Regime Diurno e presente em grande parte do pensamento cristão ocidental.

Um verbo instigante que traz em si um conjunto simbólico presente nessa estrutura de pensamento é o verbo “livrar”, mencionado nas Máximas Morais. De fato, esse verbo transmite a busca do afastamento daquilo que é mal e pecaminoso, devendo ser, portanto, evitado, principalmente para o pensamento cristão ocidental, no qual Deus aparece no papel heróico capaz de trazer esse livramento.

Encontra-se também neste documento um caráter obsessivo pelos verbos “obedecer” e “desobedecer”, estabelecendo que o primeiro deles é aquilo que deve ser cumprido, enquanto o segundo consiste numa ação que é digna de punição, por fugir a regra daquilo que, para estrutura heróica de Durand (1997), é o correto, devendo ser travada uma luta contra o mesmo. Dessa forma, ao invés de unir pensamentos contrários ou de eufemizar uma idéia negativa, tal como no Regime Noturno, tem-se a intenção de separar, de afastar tais idéias e de fazer com que aconteça uma luta para a luz prevalecer sob as trevas.

Ao utilizar a expressão verbal “não deixar-se levar”, Ibiapina traz para as Irmãs que elas deveriam se resguardar daquilo que para ele eram “más influências”, trazendo claramente uma oposição do sagrado ao profano. Ou seja, ao negar a expressão, ele propõe uma luta contra o mal para que essas não “caiam no pecado”. A variação entre as constelações míticas noturnas e diurnas não é exclusividade do imaginário de Ibiapina e deste grupo social. Na própria constelação do imaginário “individual” há esta polissemia.

A queda no imaginário durandiano faz parte daquilo que ele denomina de símbolo catamórfico e que, como já foi analisado na introdução desse trabalho, é bastante comum no pensamento cristão, devido ao eterno conflito entre o cair e o permanecer firme, que significa estar coerente com os ensinamentos do Evangelho e da Igreja Católica. Tal queda pode ser vivenciada ainda pelo medo da morte e está presente em grande parte das culturas.

Para evitar essa possível “queda”, ele traz a imagem de Maria como exemplo de modelo de obediência. Tal como é citada nos evangelhos canônicos, se consegue influenciar as mulheres que eram regidas pelo Estatuto e pelas Máximas Espirituais. Vale destacar que Maria carrega o arquétipo da “Grande Mãe” tal como Vênus e, para essa sociedade, sendo mencionada em aparições como modelo de beleza (DURAND, 1995).

Eleonor A. Concha, ao comentar sobre o marianismo, destaca que a Igreja Católica difunde um ideal em torno de Maria e que esta é exaltada por que: “[...] se despojou de sua sexualidade. Todo seu valor reside no fato de ser santa, modesta, silenciosa, humilde e, fundamentalmente, de ser mãe sem ter tido o gozo do seu corpo: a mãe ideal [...]” (1981, p.18). Sabe-se que tal concepção se inicia nas transformações do cristianismo para se tornar oficial em Bizâncio.

Entretanto, essa imagem está sempre em contraposição com a mulher tida como pecadora, ou seja, a vaidosa, a prostituta e aquela que fala demais. O ato de “falar” em demasia é visto como aquele que leva tais mulheres a dispersão, devendo, portanto, ser evitado. O falar, portanto, é visto nas regras estabelecidas por Ibiapina como uma atitude que leva as pessoas para a “queda”. E esta deve ser evitada, travando-se uma luta espiritual através do trabalho e da oração, meios este que, segundo Padre Ibiapina, possibilitariam o fim da dispersão.

Analisando o barulho, na perspectiva durandiana, pode-se lembrar que a agitação é considerada, na estrutura heróica, como sendo próprio do caos e do inferno, estando em oposição à ordem tão enfatizada no Regime Diurno (DURAND, 1997). Portanto, há uma constante busca de moldar as Irmãs de Caridade e órfãs, presentes em suas instituições, ao exemplo de Maria, lutando constantemente contra o pecado.

A busca por “orar”, “rogar” ou “rezar”, presente em todo seu estatuto, revela que ele almejava conduzir a sua instituição conforme a vontade do ser supremo, afirmando que só assim essas mulheres teriam a “recompensa” celeste, já que era profundamente confiante no juízo final. Este pensamento pode ser visto mencionado em suas cartas.

Para Durand (1998), a ênfase do trabalho pode ser considerada como sendo uma característica presente em uma sociedade influenciada pelo mito prometeico⁷⁹. Sendo assim, o pensamento sobre o trabalho como sendo um meio de se evitar a dispersão era fruto da época em que se predominava a busca pelo progresso e redenção através da modernidade. Dessa forma, em padre Ibiapina, a partir da constância com que ele se refere à importância em se trabalhar e obrar, fica explícita a sua percepção: a industrialização, no século XIX, fez com que ele implementasse atividades industriais nas suas casas de caridade, vigiando as Irmãs para que essas não parassem de produzir.

Para a boa conduta de tais atividades, ao adentrarem nas casas de caridade, essas mulheres deveriam abandonar a vaidade e aquilo que para ele era tido como promiscuidade. Males estes que, segundo alguns de seus escritos, eram presentes na conduta de algumas mulheres antes de permanecerem na sua instituição, já que haviam se livrado da prostituição. O fato de que as meninas órfãs estivessem dentro de um lar proporcionaria que estas não fossem levadas à prostituição, devendo estar sempre agradecidas e obedientes às suas regras.

Para manter tal ordem, encontra-se no seu Estatuto e nas suas Máximas Morais a busca por “corrigir” as pessoas que estavam sob seu controle, sendo, portanto, rígido com as mesmas por acreditar que só assim conseguiria manter a sua instituição. Além disso, a frequência com que aparece o verbo “mandar” revela todo seu autoritarismo, considerando-se como aquele que deveria controlar tudo que se passava nessa instituição.

⁷⁹O mito prometeico está relacionado ao progresso porque Prometeu (que vindo do grego significa predestinação) sendo um titã grego filho de Japetos e de juntamente com seu irmão Epimeteu ficou conhecido por distribuir os dons aos animais. Entretanto desobediente a Zeus roubou o fogo para os homens que simboliza o conhecimento e foi acorrentado e diariamente por um longo período, uma águia perfurava seu fígado e sendo ele imortal este se regenerava. Na modernidade os homens buscaram por obter mais tecnologia como facilitadora para a vida das pessoas e buscando ser criadores de novas coisas são relacionados com este herói grego mítico. DURAND, Gilbert.. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Havia a preocupação em opor o “fingimento” e a “verdade”, evidenciando novamente a “separação” dos contrários, principalmente, quando o sacerdote se voltava para fazer com que as Irmãs seguissem todas as regras por ele determinadas, contando, para isso, com o arquétipo da Grande Mãe e do Herói que, neste contexto, era Jesus Cristo, o qual imperava com a ação.

Por fim, ao analisar estas ações existentes nas leis que regiam essas casas, percebe-se um imaginário religioso forte, mas que tinha como diferencial a busca pela prática do trabalho para que elas pudessem se sustentar e progredir. Ação esta que faz dele um religioso não tanto voltado para mística, e sim para a ação, tendo como modelo a forma como Jesus mobilizava as pessoas e ensinava a serem caridosas segundo os Evangelhos canônicos.

4.1.2. A luta contra o pecado nas cartas do Padre Ibiapina.

Após analisar os mitos fundantes, presentes nas regras estabelecidas pelo padre Ibiapina, pode-se constatar que muitos deles aparecem em algumas de suas cartas⁸⁰ destinadas às Irmãs de Caridade. Elas revelam o desejo do religioso em manter a ordem no recinto, a luta contra o pecado e o mito prometeico, próprio dessa sociedade, compondo fortes elementos do Regime Diurno.

Nas oito cartas escolhidas para realizar essa mitocrítica, percebe-se, logo de início, a ordem no recinto e a constante vigilância, sendo esta necessária para serem realizadas as atividades presentes no Estatuto e nas Máximas Morais como vontade divina.

Para conseguir seus objetivos, Ibiapina aconselhava, em suas cartas, a constante vigilância no cumprimento dos horários e no controle das órfãs tidas como inquietas. Ele primava pela punição daquelas que deixassem de seguir seu modelo de ordem no recinto, opondo as órfãs desobedientes às que seguiam seus mandamentos. Ibiapina exigia também que houvesse ordem nos horários das atividades dessas irmãs.

⁸⁰Trata-se de oito cartas que demonstram essas características e que compreendem os anos de 1869 e 1875, ou seja, anteriores ao período da seca, encontradas no Arquivo de Santa Fé.

Tal situação pode ser constatada as recomendações feitas a uma Irmã de Caridade, que recebeu uma nova beata em seu recinto, em 15 de setembro de 1875:

Mandei dizer a D. Isabel, muito interessada que a beata entre nessa Caza que pode entrar advirto-lhe que a aplique a trabalhos pezados; porque xeira-me a preguiça essa pretensão; contudo V. está ahi para vigiar e fazer suas queixas a D. Izabel, quando a Beata não corresponde. Em huma Caza, pezada, e pobre, não se pode aumentar a carga dispendioza.

Novamente Ibiapina enfatiza a importância do trabalho e da vigilância para que as atividades fossem mantidas com regularidade. Nessa carta aparece uma crítica explícita a preguiça e fica claro que a mesma aparece como contrária à disposição em exercer as atividades. O papel das Irmãs de Caridade, nessa situação, era justamente o de observar aquilo que estava fora da ordem imposta por ele pelas suas cartas, Estatuto e Máximas Morais.

As cartas tal como o Estatuto e a Instrução e Máximas Morais transparecem que essas Irmãs de Caridade, assim como as demais mulheres, as quais compunham as suas instituições, precisavam seguir o modelo mariano para que conseguissem exercer as atividades com regularidade através do preparo para o casamento, para o serviço e o silêncio. Essa importância do casamento é revelada em um dos trechos da carta escrita em 28 de agosto de 1868:

Encontrei a caza de Missão Velha em bom estado quanto a sustentação da casa me aprovou a direção interior embora não houvesse novidade. Muito já fica.....⁸¹.Casaram 4 orfãos, sendo o casamento de 3 no dia próximo a festa do mês mariano e a 4^a 15 de agosto.

A subserviência dessas mulheres aos homens pode ser revelada ainda no momento em que se exige de uma delas que faça o almoço de um dos beatos para prepará-lo para o trabalho. Eis o trecho de carta, já analisada anteriormente, que foi escrita em 28 de abril de 1875:

⁸¹ O trecho abaixo está corrompido, inviabilizando a leitura.

Irmã Superiora O nosso Bom Deos a abençoe e as suas Filhas. Esta so tem dizer-lhe que faça comida para os Beatos, por desembaraçal-os para o trabalho o que esqueceo-me escrever-lhe hontem.

Novamente prevalece no discurso de Ibiapina o exemplo de Maria como modelo de castidade, de obediência e serviço a Deus, além da visão de que a mulher deveria se casar ou então se tornar religiosa, sendo este pensamento próprio da sociedade brasileira nesse período. Percebe-se que tal era o zelo pela castidade que essas mulheres deveriam manter um distanciamento dos beatos, como já foi visto.

Outro aspecto a ser ressaltado em Ibiapina é a valorização do trabalho, que é típica do mito prometeico, estando incutida nesse período devido à busca pelo progresso da sociedade próprio do século XIX. A ênfase no trabalho pode ser constatada ainda em alguns trechos de tais cartas, como se pode destacar na carta que Ibiapina escreve em 28 de abril de 1875: Deos a conforte, e ilumine para não perturbar-se e saber dirigir-se. Os tecidos estão bons e eu aprecio o zelo das tecedeiras. Abraço as Orfans, e abenção a toda sua família.

Analisando os verbos desse pequeno trecho tem-se o ato de Deus iluminar e confortar a fim de que a irmã de caridade não se perturbe e consiga dirigir a casa. Tais verbos revelam novamente o arquétipo da luz sob as trevas do pecado e como arma para o pecado. Também transparece o desejo da busca pela luta contra a perturbação para que ela saiba dirigir o recinto. Dessa forma, a ordem deveria se sobressair em relação à desordem, para que o trabalho fluísse.

Vale destacar que Ibiapina era exigente quanto à qualidade dos tecidos encaminhados pelas irmãs, conforme podemos constatar em carta escrita em 7 de abril de 1875:

Recebi os tecidos de algodão, que de lá vierem, e para cá devem vir todos já que não tem extração ahi e eu hei de madar suprimento do que faltar na Caza.
Recommendo-lhe que os tecidos de algodão, que de lá vierem seja mais fino e de cores quando possão ser.

Escreva-me largamente sobre todas as couzas, e quando tiver tecidos que dêem uma carga, dê ordem ao beato para mandar trazer.

Além da exigência em enviar todos os tecidos a Santa Fé, Ibiapina, primando sempre pela ordem e pelo controle de suas instituições, ele ordena, nessa carta, que a Irmã de Caridade contasse tudo o que ocorria nas casas de acordo com sua vontade. Para isso, não bastavam apenas às regras do estatuto e das Máximas Morais, mas também a utilização de cartas que se preocupavam em manter a ordem no recinto, apelando para se ter uma constante luta espiritual, evitando, assim, a dispersão, características encontradas no Regime Diurno.

Enfatizando a luta contra o pecado, nas cartas de Ibiapina, destaca-se a imagem das pessoas tidas como santas. Tal imagem torna-se essencial, pois o santo serve de exemplo a ser seguido pelos homens que almejam a paz celestial. Por isso, vale ressaltar aqui aquelas pessoas consideradas santas pela Igreja, como Santa Terezinha, além de Jesus e seu Sagrado Coração e Maria santíssima. Enquanto Jesus é reconhecido como providente e Maria como exemplo de santidade, Santa Tereza é reconhecida como aquela que renunciou aos prazeres da vida e que o sofrimento terrestre era preciso para se obter a recompensa celeste e a desforra dos pés de Jesus:

[...] o nosso Bom Jesus abra-se ao coração em seu divino amor, que a faça achar leves os trabalhos da vida e sacrifícios, esperando do céu a recompensa, e deste mundo sofrimentos, lembrando-se do dito de Sta Thereza: sofrer, sofrer, e não gozar neste mundo, esperando a desforra dos pés de Jesus [...]⁸².

O trecho da carta mencionado revela a dimensão do sacrifício, este, conforme Durand (1997), possui toda uma dimensão simbólica, já que se trata de uma preparação para glória posterior que é merecida pelos santos. E o fato deles enfrentarem essas dificuldades é por que são heróis.

Segundo Durand (1997), no imaginário das pessoas, o sofrimento, que é vivenciado pelos religiosos e por aqueles que são considerados como santos, adquire um caráter heróico. Isso pode ser exemplificado com a morte de Jesus e sua posterior

⁸²Carta escrita por Ibiapina em 15 de setembro de 1875 pertencente ao Arquivo de Santa Fé.

ressurreição, bem como no ritual védico em que o chamado “homem primordial” dá origem a todos as pessoas, sejam ricas ou pobres, fazendo com que elas tenham uma determinada função na sociedade (LIMA, 2008).

A imagem do céu aparece nesse trecho em franca oposição ao inferno, ao caos e como moradia de tais heróis, sendo o pecado representado no meio cristão como uma queda que deveria ser combatida. Essa imagem heróica dos santos faz com que eles sejam vistos como pessoas iluminadas, conforme destaca Durand (1997, p. 151):

Certamente a imagem da coroa e da auréola, cristã ou budista, parece de fato ser solar. O mesmo acontece com a tonsura dos clérigos e a coroa das virgens, a primeira existindo já entre os padres egípcios do sol que têm também uma significação. Bachelard desvela bem o verdadeiro sentido dinâmico da auréola que pouco toma consciência de sua claridade... a auréola realiza uma das formas de sucesso com resistência a subida.

Essa claridade, transmitida pelas pessoas consideradas santas, proporciona que as pessoas motivadas por seus exemplos busquem no trabalho o serviço contínuo a Deus, a fim de conseguirem uma recompensa celestial similar a desses indivíduos.

Enfim, as cartas escritas nesse período, tais como o Estatuto e as Máximas Morais, revelam uma fase na vida de Ibiapina em que seu principal ideal consistia em manter a ordem na sua instituição, utilizando-se do trabalho e a oração como meios de se realizar uma luta espiritual travadas contra o pecado, opondo “luz” e “trevas”, típicos do Regime diurno. Este período se diferenciou do momento em que Ibiapina sofreu, certamente, uma grande crise existencial, ou seja, durante a Seca de 1877, conforme se verá no próximo item.

4.1.3 O sofrimento da Seca e o Imaginário Messiânico Latente

As quatro cartas⁸³ analisadas se referem ao período em que a seca assolava grande número de pessoas, principalmente, aqueles que eram mais pobres, só obtendo recurso financeiro se enviassem cartas implorando por auxílio ou pedissem esmolas nas proximidades e em lugares mais distante como, por exemplo, no caso do Beato Inácio, que atuou no Rio de Janeiro. Assim, ao se realizar a mitocrítica dessas quatro cartas, observa-se que há a intenção de se demonstrar que todo o sofrimento vivido por essas pessoas pobres seria futuramente recompensado, como também aqueles que os ajudassem.

Vale destacar que essa eufemização que adquire o sofrimento e a morte é uma característica do Regime Noturno, pois a espera por um reino⁸⁴ celestial é o que predomina. Apesar de todo sofrimento generalizado, essas pessoas buscam auxílio financeiro para se manterem vivos e confortam-se ao pensar que todo este quadro de horror e de assombro, por eles mencionados, faz parte do juízo final, obtendo-se a paz futura.

Entretanto, há nesses escritos uma forte carga do Regime Diurno. Apesar de se buscar a amenização proposta pelo Regime Noturno, principalmente, em momentos críticos, ocorre nesse imaginário um conflito entre o bem e o mal, entre aquilo que é tido como santo e como impuro. Este fato é próprio do imaginário cristão, que se faz presente nas leis que regem as casas de caridade, ou seja, no Estatuto e nas Máximas Morais, bem como na auto-análise realizada por Ibiapina.

Diante da fome e das freqüentes mortes que assolavam a região, bem como a indisponibilidade dos recursos, o desespero das pessoas fica explícito através do

⁸³As quatro cartas correspondem a duas cartas da Irmã de Caridade de Cabaçeiros que pede recursos financeiros para sua instituição e as outras duas são as que Ibiapina descreve a situação de Santa Fé em novembro e dezembro do ano de 1877. Retiradas, respectivamente, do Arquivo Público da Paraíba e do Arquivo de Santa Fé.

⁸⁴A espera de um reino no pensamento do Padre Ibiapina se aproxima da busca lusitana por um rei que traria a ordem da sociedade tão almejada. Contudo, esse anseio por um reino entre os portugueses se diferencia de Ibiapina por se aguardar que seja concretizada na terra, enquanto a de Ibiapina é esperada no céu, pois na terra para ele há apenas sofrimentos que seriam superados depois da morte. Sobre o reino lusitano deve-se consultar: MEGIANE, Ana Paula. **O rei ausente**. Festa e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal. (1581 e 1619). São Paulo: Alameda, 2004.

“pedido de socorro” realizado por Ibiapina nas cartas escritas durante a seca de 1877. Nelas, utilizando-se de um *símbolo diairético*, ele apela para a ajuda da comunidade, por meio de versículos da Bíblia voltados para o juízo final, afirmando que quem fosse “bom” seria salvo, mas as pessoas más pereceriam. Assim, o religioso se empenhava em sensibilizar as pessoas através da busca pela partilha cristã.

É interessante notar que, apesar de opor aqueles que representavam o bem e o mal, ou seja, aqueles que colaboram com a situação e os que nada fazem, há um novo elemento na sua narrativa não encontrado naquelas que foram anteriores a seca. Trata-se do imaginário messiânico latente que faz com que, mesmo diante de uma situação desesperadora, onde são mencionados os verbos sofrer e morrer, se predomine o “nada faltará” e a esperança futura. Esse sofrimento é amenizado pela recompensa celestial própria do Regime Noturno que eufemiza a morte.

O caráter messiânico só é conseguido através da alusão aos ideais cristãos, que via as dificuldades como passageiras, sendo as privações vivenciadas sinais de que todo sofrimento terrestre geraria uma felicidade celeste. De modo que a doença e a pobreza faziam parte de provações diárias, para isso não deixavam de recorrer em seu discurso à sensibilização do Estado, da Igreja e de pessoas com as quais os beatos tivessem contatos.

Antecipando os movimentos de Antonio Conselheiro em Canudos e dos beatos José e João Maria no Contestado, Padre Ibiapina era uma figura carismática e praticava um catolicismo diferenciado, movendo grande parte da população. Contudo, ao contrário da Revolta do Contestado, não atacava instituições, nem o governo⁸⁵.

Percebe-se que as cartas desse período, ao contrário dos documentos que regiam as casas de caridade, não fazem mais tanta menção a Maria, mas apelam para a figura de Jesus Crucificado, servindo o seu sofrimento de exemplo. Para os que sofriam as privações e imploravam ajuda para a população, ele representava consolo para suas dores. Analisando o comportamento de devotos, Fernandes (1992:73-74) afirma que “[...] o sofrimento é transformado em gratificação; por isso os devotos deixam as suas rotinas

⁸⁵QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora/Edusp, 1965.

e vão até lá em romarias restabelecer os laços que dão sentido ao tempo e ao espaço que vivem [...]”.

Essa maneira de ver em Jesus um herói pode ser compreensível ao se verificar, através de Durand (1997), que o mito do gigante, que assume qualidades fúnebres, está presente nas mais variadas culturas e se trata de um redobrimento eufêmico, pois aquilo que aparentemente possui características negativas (como a dor, a morte e o sacrifício) é, no contexto religioso, positivo por se tratar de uma demonstração de heroísmo salvífico.

A mudança na maneira de agir não se deu apenas no discurso de Ibiapina, como também no discurso da Irmã Superiora de Cabaçeiros. De mulher obediente, silenciosa e subserviente ao Padre Ibiapina, como era almejado por ele para se conseguir chegar ao cargo de Superiora, ela passa a ser uma mulher firme e cujo poder de argumentação é bastante elevado. Observa-se também que em nenhum momento em suas cartas ela menciona Ibiapina.

[...] Todos esperão que Vossa Excia se digne lançar suas caridosas vistas para as orfãos desvalidas que elles não podem soccorellas, e como pode 18 mulheres e 1 beato que trabalha para a Casa sustentarem se a si e a 38 órfãs? Bem vê Vossa Excia que nestas condições miseráveis por via da crise dolorosa somos dignos da caridade do Governo. Por Deus espero de coração bemfasejo de Vossa Excia que serei attendidas por ser muito justa minha supplica [...]⁸⁶.

Ao se analisar os verbos⁸⁷ que compõem a estrutura o discurso da Veneranda Maria Ibiapina, pode-se constatar que neles há concomitantemente um desespero, mediante o terror causado pelo imaginário da seca, mas uma esperança de socorro pela caridade advinda do Governo. Para isso, a forte religiosidade cristã também era responsável para que, mesmo diante de uma situação de caos, houvesse uma esperança messiânica, um sentimento de que as pessoas que lessem essa carta fossem “tocadas por Deus” devido à justa causa.

⁸⁶Carta da Irmã de Caridade de Cabaçeiros dirigida ao Presidente da Província em 16 de dezembro de 1879, grifo nosso. Retirada do Arquivo Público da Paraíba.

⁸⁷Os verbos que estamos nos referindo são “suplicar”, “esperar”, “pedir socorro” já que eles são os mais presentes e os mais fortes dentro da narrativa.

Essa fase da vida de Padre Ibiapina foi carregada de alusões ao reino dos céus, por exemplo, quando esse religioso pede para os beatos adquirirem mantimentos e levarem uma carta sua mostrando a situação caótica que estava a casa de caridade Santa Fé, ele apela para versículos dos evangelhos canônicos, afirmando que ao se fazer uma caridade para o pobre se faz a Jesus, assim, ao se dar de beber e de comer se obtém o reino do céu.

Percebe-se que, em todo o discurso de Ibiapina existente nesse período, mesmo vivenciando o sofrimento da seca, havia uma esperança de dias melhores num reino que só ocorreria após a morte. Ao contrário de movimentos que movem as pessoas com guerras, ele criava um movimento pacífico, buscando contribuição financeira dos mais ricos, ao invés de partir para luta como em Canudos e Contestado.

4.2. Ibiapina: construção de (auto) identidade

Dentre todos os documentos de Ibiapina, um deles merece ser analisado individualmente, pois revela o pensamento de um religioso sobre si mesmo, ou melhor, a imagem que ele almejava passar para as pessoas. Sendo assim, ao se adentrar o pensamento do missionário Ibiapina, em um momento crítico de sua vida, observa-se qual a construção que ele faz de si mesmo e quais as lembranças que marcam seu subconsciente, mediante um contexto tão difícil como o da seca e da sua impossibilidade em adquirir recursos próprios para as suas missões. Isto o propiciou a refletir sobre as motivações e as escolhas que ele foi fazendo em sua vida no decorrer dos anos.

O sacerdote inicia sua reflexão apontando elementos de sua adolescência, da sua carreira como advogado, juiz e deputado e, finalmente, como missionário, os quais fizeram dele alguém que se voltasse para “as ruínas” e para o sofrimento das pessoas.

A busca pelas ruínas e pelos mais pobres é explicável diante da forte presença de ideais religiosos que este se encontrava, sendo percebido igualmente em pessoas que buscaram a santidade, a fim de agradar a um ser supremo e quase sempre almejando a recompensa celeste.

Tal segmento religioso, no caso do Padre Ibiapina, se deu a partir de algumas motivações pessoais como o fuzilamento de seu pai, a morte de seu irmão e a desestruturação de sua família, em que ele nada pôde fazer para ajudá-la a não ser se voltar para carreira jurídica a fim de garantir o sustento dos seus. Segundo ele, a impotência em que ele se encontrou fez com que, posteriormente, se entregasse totalmente às obras sociais e desempenhasse um papel diferente dos sacerdotes desse período que, como se verá adiante, tinham outras preocupações.

Inspirado nos valores cristãos a todo tempo, Padre Ibiapina, em sua auto-análise, trouxe a imagem de que era pecador e que se inspirava nos santos para alcançar a santidade. Esta imagem é própria da medievalidade e sempre foi reforçada pelo Catecismo da Igreja Católica, em cada Missa através do Ato Penitencial⁸⁸, em que se realiza um momento de reflexão e as pessoas se reconhecem como pecadores diante do Ser Supremo, considerado perfeito, onisciente e onipresente. Assim, segundo os valores cristãos, torna-se, conseqüentemente, impossível esconder dele suas más ações. Tudo isso é reforçado pelo sacramento da Confissão⁸⁹, igualmente obrigatório.

A unção dos enfermos, também chamada de extrema unção, é igualmente valorizada pelo padre Ibiapina, como bem nos relata Hoornaert (2006) em seus registros das Crônicas das Casas de Caridade. Diante da morte de uma delas e após realizar o sacramento, ele se voltava para as demais dizendo:

Minhas filhas, estão vendo? Eis o quadro da vida humana, ninguém escapa do destino. Esta que está na extremidade já foi como você, tinha a mesma saúde, as mesmas forças, mas hoje acha-se no leito de morte, prestes a deixar a vida e aparecer na eternidade. Tomem como esta lição para que não contando com a vida se preparem para a morte (HOORNAERT, 2006, p. 221).

Sendo um sacerdote ortodoxo, perpassava em seu pensamento uma vigilância constante em sua conduta moral em que o pecado era tido por ele como empecilho para sua conversão. Durand (1997), por sua vez, em sua reflexão, irá trazê-lo dentro do

⁸⁸O ato penitencial ocorre logo no início da missa após do rito introdutório sendo feito um pedido de perdão por toda a Assembléia que se declara como pecadora, seguido por um momento de Glorificação pelo perdão adquirido (IELM, n°24).

⁸⁹A confissão é o sacramento em que os fiéis se voltam para os padres para confessar seus pecados e assim obterem o perdão de seus pecados para alcançarem o céu. (Catecismo da Igreja Católica).

imaginário da queda, pois o ato de pecar está relacionado com o “cair” moral, concomitantemente, trata-se de um rito ascensional, pois, após reconhecer-se pecador, segue-se um louvor a Deus através do Cântico de Glória, presente na liturgia católica, indicando que as pessoas que participam desse ato acreditam, teoricamente, que alcançarão o céu.

Essa busca pela perfeição, tão enfatizada no catecismo da Igreja, é movida também pela devoção para com os santos. Por causa de seu ideal de perfeição, eles são tidos como capazes de realizar milagres e identificados como sinônimos de pureza, representada na auréola sobre suas cabeças.

Dessa forma, a idéia de iluminação dos santos fica explícita na visão durandiana. Na tradição católica, esse exemplo de pureza e de ausência de pecado é Maria. E por se tratar da mãe de Jesus tem-se o arquétipo da Grande Mãe, que está presente em várias religiões, sendo esta, para as Irmãs de Caridade, exemplo a ser seguido.

Esse conflito interior vivenciado pelo sacerdote é explicável por ter o ideal de perfeição de Jesus tal qual é narrado nos evangelhos durante a missa. Este ser espiritual é de grande relevância para o ritual católico, já que toda a missa é preparada para o chamado banquete celeste, cujo foco é Jesus Eucarístico, e todas as leituras e cânticos são realizados para preparar os fiéis para a renovação do seu sacrifício.

E como neste divino sacrifício que se realiza na Missa, se encerra e é sacrificado incruentamente aquele mesmo Cristo que uma vez cruentamente no altar da cruz se ofereceu a si mesmo (Heb., 27) ensina o Santo Concílio que este sacrifício é verdadeiramente propiciatório [cân. 3] e que se com coração sincero e fé verdadeira com temor e reverência, contritose penitentes nos achegamos a Deus, conseguiremos misericórdia e acharemos graça no auxílio oportuno (Concílio Ecumênico de Trento, cap. 2, 940).

Vale destacar que, para os cristãos católicos, essa forma de reviver o sacrifício de Jesus durante a missa só tem sentido porque este mesmo Cristo, que foi morto e humilhado, venceu a morte através da sua ressurreição e salvou a humanidade. Segundo Durand (1997), essa morte e ressurreição assumem as qualidades fúnebres de gigante e, conseqüentemente, há uma transmutação de valores, já que o mesmo Cristo morreu e ressuscitou posteriormente, sendo uma forma de eufemizar a morte. Na

cultura brasileira, tal eufemismo está no limite, posto que há uma proximidade redentora da morte diante das dificuldades sociais.

Partindo para uma avaliação da auto-reflexão do sacerdote, logo de início, existe uma presença marcante dos verbos “impressionar” e “convidar”, se referindo às ruínas e à forma como Deus “leva” o homem para aquilo que foi criado, ou seja, ao destino de cada um conforme a vontade celestial. Deixando, portanto, transparecer que ele impressiona como um Ser Supremo que conduz a humanidade para seu destino e como este é autor de todas as coisas. Tal pensamento não se restringe à sociedade judaico-cristã, já que há “[...] uma quase universalidade das crenças num ser divino celestial, criador do universo e assegurador da fecundidade na terra [...]” (ELIADE, 2008, p.39).

Contudo, essas divindades por serem consideradas na maioria das sociedades como distante de suas realidades “[...] são empurradas para a periferia da vida religiosa até o ponto de caírem no esquecimento; são outras forças sagradas, mais próximas do homem, mais acessíveis à sua experiência cotidiana, mais úteis, que desempenham o papel preponderante” (ELIADE, 2008, p.43).

Ainda no primeiro parágrafo, Padre Ibiapina, além de revelar essa fé em um ser supremo que tudo criou, afirma ser um “homem do passado e do futuro” sendo, numa visão durandiana, um pensamento presente nas estruturas esquizomórficas, ou seja, os pacientes portadores de esquizofrenia também não se importam com o presente e sim com o passado e o futuro. Entretanto, não se quer afirmar com isso que o sacerdote é portador de uma anomalia, tendo em vista que o próprio Gilbert Durand mostra que estas estruturas não são manifestadas apenas nos quadros patológicos de uma pessoa.

Sendo assim, a forma como o Padre Ibiapina se ligou ao passado e ao futuro mostra que este trazia consigo a efemeridade da vida, não valorizando as coisas do tempo presente, visão esta própria do Regime Diurno que tende a opor duas idéias opostas e que está sempre em busca da “luz” em detrimento das “trevas”.

O passado lembrado pelo Padre Ibiapina foi aquilo que o motivou a permanecer atuando pelos órfãos e pelas pessoas mais pobres. O futuro é justamente a esperança messiânica em ser recompensado. Portanto, quando o religioso afirmou que toda a

natureza o convidava a refletir e, concomitantemente, ao afirmar que ele se “elevava” até o criador ao orar, observa-se novamente o símbolo ascensional próprio da estrutura esquizomórfica do Regime Diurno.

Em seguida três verbos aparecem para mostrar a atitude perante o criador os quais são “adorar”, “admirar” e “se confundir”. A admiração e a adoração revelam que, na visão de sacerdote, esse acredita que deve existir um respeito para com aquele que tudo criou. Tal situação remete a Eliade (2008), que identifica nesse criador alguém que está no alto e que é poderoso além de saturado de sacralidade, manifestado entre os maoris, os iroqueses e entre diversas outras sociedades. A atitude de se “confundir”, porém, vai além do sentimento de admiração e de gratidão, pois indica uma grande intimidade com o criador, presente na estrutura mística que, segundo Durand (2000), é uma atitude de penetração e de intimidade para com o Ser Supremo.

Através dos verbos “pensar” e “sentir, o religioso revela as motivações que colaboraram para a formação de traços de sua personalidade, ao relembrar sua infância e adolescência diante da morte que, neste caso, não teve um caráter eufêmico, como ele vai encará-la posteriormente após ser imbuído de uma visão religiosa, pois, neste caso, a situação de dor perante esta fatalidade fez com que ele encarasse a vida de outra forma tendo que, inicialmente, abandonar o sonho de ser sacerdote a fim de garantir o sustento de suas irmãs.

O verbo aprender utilizado por ele mostra a presença da estrutura sintética, pois indica amadurecimento diante das circunstâncias da vida. Esse religioso tenta mostrar em seu discurso que é diante das dificuldades passadas que ele consegue adquirir a serenidade para alcançar, posteriormente, o êxito da sua missão.

Contudo, o sacerdote possuía uma postura *antitética*, pois, apesar de buscar uma intimidade com Deus, vivia num eterno sentimento de culpa mediante a sua infidelidade e lamentando seus erros. Tendo, portanto, a partir de uma análise durandiana, a presença das estruturas esquizomórficas que buscam distinguir o “subir” do “cair”. Sendo, como já foi visto, constante esse conflito no imaginário cristão.

No final de sua reflexão, foi principalmente na figura de Jesus e de todo seu perdão para com os pecadores, como se pode verificar nos Evangelhos canônicos, que

se encontrou a principal motivação do Padre Ibiapina em ser aquele que sofreu na terra, que perdoou quando foi julgado, mas que teve a recompensa futura.

Durand (1997) mostra que Jesus está presente no imaginário das pessoas devido às suas características messiânicas e ao caráter heróico de sua vida, mediante sua morte e ressurreição. Sendo eles constante entre a população mais humilde de maneira geral: “[...] as representações sofredoras (o crucificado) e femininas (intenso carinho para com Maria e Santas) [...]” (IRARRÁZVAL, 1993, p. 227).

Essa projeção de uma imagem religiosa em que se tinha uma busca pelo céu, além de ter iniciado anteriormente ao seu trabalho missionário, não se estagnou após ele sair do Seminário para cuidar de suas irmãs. Durante sua longa carreira, como advogado, juiz de direito e político, ele tinha em sua mente o intuito cristão de se voltar para os mais pobres seguindo o ideal de caridade.

Numa historiografia baseada na teoria do imaginário antecede-se para o futuro a análise da trajetória de Ibiapina como fundador vindo de fora inspirado na saudade do impossível. Explica-se. O fundador vindo de fora é um mitologema forte na cultura lusitana que foi, por excelência, fundadora de muitos outros *lôcus* culturais na medida em que seu Império atingiu quatro continentes no século XVI. E mais: a própria fundação de Lisboa é atribuída a forasteiros epifânicos.

Em Ibiapina, a fundação das casas e o périplo catequético que realizava, faz com que o encare como um fundador cristão movido pela obra e pela palavra. Na cultura brasileira - ou luso-brasileira - há duas vertentes fundacionais: a dos colonizados e a outra é a constante (re) fundação interior ao território imenso, da qual Ibiapina é exemplo.

Já a saudade do impossível será, no futuro, base explicativa do imaginário para a uchronia que moveu o padre, ou seja, fazer caridade para enfrentar e resolver as “questões sociais”. Hoje, se sabe que não havia, no Brasil da época, excedente suficiente para isso, mas o “projeto” era, na verdade, o de esperar as pessoas, lançando-as na expectativa de futuro específica do mitologema luso da saudade do impossível.

Enfim, a mitocrítica aplicada a autodescrição de Ibiapina revela muito de seu imaginário, bem como a busca por trazer uma mensagem de esperança em momentos

de crise, a saudade do impossível e, ainda, o conflito interior que ele vivia através da luta contra o pecado. Além disso, mostra que elementos de sua infância e adolescência foram cruciais para que ele tivesse incutido em seu imaginário elementos religiosos profundos, através de seu apego a figuras tidas, nessa teoria, como verdadeiros arquétipos, ou seja, Deus, os santos e a figura da Grande Mãe representada por Maria.

4.3. Análise geral da documentação de Santa Fé.

Como já foi ressaltado no início desse capítulo, há claramente o surgimento de novos elementos nas cartas escritas no momento de crise, ou seja, durante a seca, que durou até 1879. Todavia, essa crise não fez com que deixassem de permanecer no discurso de Ibiapina e da sua Veneranda, a luta contra o pecado e o apego a Jesus e a Maria.

Isso revela a forma como, mesmo diante da “saudade do impossível”, expectativa do reino celestial, e da visão de que todo o sofrimento é purificador, próprio do período de seca, predomina-se nesse imaginário, elementos do Regime Diurno. Esse fato se dá porque em se tratando de um grupo social envolvido com valores cristãos e apegado à leitura sobre a vida dos santos, é normal que se predomine uma luta contra aquilo que para eles é tido como o mal, às trevas e o pecado.

Além disso, é esse desejo de lutar contra o pecado, de se opor a queda e de se inspirar na vida dos santos, que fazia com que Ibiapina sustentasse, em seu discurso, que tais valores precisavam ser cumpridos para o “bom andamento” das atividades das casas de caridade.

Os aconselhamentos das cartas também eram incutidos desses valores, pois, sempre que escrevia, era de fato para fazer recomendações sobre alguma coisa que estava “fora de seu controle”. Dessa forma, para manter constantemente essas instituições sob seu controle nada mais oportuno que os valores cristãos e o exemplo de uma instituição que ele trazia como “perfeita”, ou seja, Santa Fé. Além disso, tinha consigo o mito prometeico, próprio desse período, revelando uma busca pelo trabalho como transformador social e como forma de evitar possíveis distrações.

Entretanto, essa luta contra o pecado e essas recomendações também podem ser constatadas na sua autodescrição, demonstrando em seu discurso que ele também vivia em constante conflito consigo mesmo e que também buscava na figura dos santos, o exemplo a ser seguido. Além disso, o sofrimento nos momentos de crise e a expectativa por dias melhores também foi sentido por ele que buscou vê-lo como purificador.

Enfim, predomina-se no grupo social analisado a constante separação entre bem e mal, luz e trevas, ordem e desordem, próprias do Regime Diurno. Sem deixar de estar imbuído de uma eufemização da morte e do sofrimento, próprios do regime noturno e que estão presentes nesse imaginário, principalmente, em período de crise.

Considerações finais

Certa vez, em uma pesquisa de campo interdisciplinar, realizada durante a graduação de história, uma experiente estudiosa da UNESCO afirmou insistentemente que “o campo de pesquisa é um mistério”. E de fato, passados quatro anos de pesquisa, ao chegar no Santuário de Padre Ibiapina e perceber que toda aquela massa documental continha poucas linhas sobre a instituição, pode-se compreender a riqueza desta pesquisa que se transformou nesta dissertação sobre a Casa de Caridade Santa Fé.

A profundidade das narrativas fez com que Santa Fé fosse apontada várias vezes por Ibiapina como modelo para as suas demais obras sociais. Assim, a suposição

inicial do projeto de pesquisa e o problema que perpassava todo seu objeto condiziam com a realidade daquele período.

Além disso, essa sacralização da instituição pelo missionário e pelas demais pessoas que liam as cartas de Ibiapina ou que viam de longe a movimentação dessa instituição, teve como fundamento a presença do religioso por tempo permanente entre os anos de 1876 a 1883, ou seja, após ter sido acometido de uma paralisia nas pernas.

Analisando as narrativas das primeiras pessoas que se dedicaram a descrever a vida de Ibiapina, percebe-se que a vivência deles em Santa Fé fez com que o teor de suas narrativas se assemelhasse ao da hagiografia católica, cujo foco central é colocar os santos como exemplo de vida e como alguém carregado de virtudes.

Antes e durante o Mestrado em Ciências das Religiões, a pesquisadora deste estudo percebeu a importância da união da historiografia com o olhar cuidadoso da dimensão religiosa desse objeto, permitindo observar como a fé demonstrada pelos primeiros biógrafos, pelas beatas e pelo próprio Ibiapina, não foi apenas um simples fator a ser analisado, mas que movia todo o seu cotidiano, sendo a responsável para que, em período de crise, como a seca de 1877, essas pessoas mantivessem a esperança por dias melhores.

Além disso, através de entrevistas a padres que convivem na atualidade com o Santuário do Padre Ibiapina, onde está localizada a antiga Casa de Caridade Santa Fé, observou-se que a dimensão religiosa dessa instituição adentrou o século XX e ressurgiu, ainda com mais força, no século XXI. Essas maiores proporções adquiridas no século XXI foi devido ao incentivo do turismo religioso por parte da Diocese de Guarabira, do Governo do Estado e por instituições particulares que investem no potencial dos “Caminhos do Padre Ibiapina”.

Dessa forma, a ampla contextualização histórica de Santa Fé e o olhar cuidadoso para a importância da dimensão religiosa daquele local, permitiu se conhecer um pouco do cotidiano dessa instituição e que se verificasse como essa fé estava incutida nos discursos de jornais, cartas e leis que regiam as casas de caridade.

Em cada narrativa é perceptível a presença de figuras que, na teoria do imaginário durandiana, são verdadeiros mitos, ou seja, Jesus, Maria e os santos. Além disso, as narrativas estão cercada de atitudes que revelam o conflito religioso em que

bem e mal, luz e trevas estão em franca oposição, ou ainda, que, em momentos de crise, o sofrimento revela a certeza de uma felicidade futura no reino celestial. Para isso, esse trabalho foi finalizado com a aplicação da mitocrítica em cartas e em documentos que regiam a instituição, servindo como abordagem complementar.

Enfim, se encerra essas linhas da dissertação, observando-se que esse trabalho revelou a importância da dimensão religiosa de Santa Fé e como essa dimensão ainda está movendo o imaginário das pessoas que vivem naquelas redondezas ou que procuram se voltar para aquele local com velas, ex-votos, cartas e fotografias, explicitando como Santa Fé foi sacralizada pela presença de Ibiapina. A qual, na atualidade, é possibilitada pela existência de seu túmulo e pelos seus objetos pessoais que ali se encontram como símbolos de sua “santidade”. Tal abordagem abre espaço para novos estudos que valorizem a dimensão religiosa de uma diversidade de obras sociais construídas nesse período pelo Padre Ibiapina, oportunizando a amplitude dos conhecimentos nessa área.

Fontes e Bibliografia

FONTES

Cartas.

CARTA de autor desconhecido em 7 de outubro de 1862, Sobral-CE para o grande público. In: jornal O Cearense, 12 de outubro de 1862. Biblioteca Menezes Pimentel.

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina de 12 de maio de 1868 para uma de suas Irmãs de Caridade (não identificadas) onde ele faz recomendações sobre o andamento das casas de caridade. in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina de 29 de novembro de 1872 para beatos, beatas e Irmãs de Caridade afirmando que quem desejasse poderia sair das Casas de Caridade do Cariri Novo e publicada no jornal A ação no dia 31 de janeiro de 1943. Biblioteca Menezes Pimentel

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina para Pedro Lobo de Menezes, regente da Casa de Caridade de Barbalha em 16 de março de 1872 agradecendo pelo disposição dele nas Casas de Caridade do Cariri Novo. in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará..

CARTA de Antonio Onorati em 18 de junho de 1874 em Pernambuco para o Pe Francisco de Araújo.p.1. in: Instrução Pastoral de Dom Vital Maria Gonçalves, Bispo de Olinda,1875,p.144. Arquivo de Santa Fé.

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina de 26 de dezembro de 1874 em Barbalha-CE. para Pedro Lobo de Menezes, regente da Casa de Caridade de Barbalha.Oferece auxilio e agradece pelos serviços prestados as casas de caridade do Cariry p.1 in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina em 16 de março de 1875, Santa Fé- PB para uma de suas Irmãs de Caridade (não identificadas onde ele faz recomendações sobre o andamento das casas de caridade. Arquivo de Santa Fé,
CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina em 23 de março de 1875 em Santa Fé para público em geral. Trata-se de uma auto-análise de sua vida.

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina em 15 de novembro de 1875 em Cajazeiras para uma de suas Irmãs de Caridade (não identificadas onde ele faz recomendações sobre o andamento das casas de caridade. Arquivo de Santa Fé. in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina **[carta]** 28 de abril de 1875, Santa Fé- PB para uma de suas Irmãs de Caridade (não identificadas). p.1.Dando conselhos para melhorar o andamento das casas de caridade. in: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará

CARTA da em 16 de dezembro de 1879.Villa de Cabaçeiros- PB para o presidente da província José Rodrigues Pereira. Pedindo mantimentos para instituição. Arquivo Público da Paraíba.

CARTA da Veneranda Maria Ibiapina em 4 de março de 1879.Villa de Cabaçeiros- PB para presidente da província José Rodrigues Pereira. Agradecendo pelos mantimentos para inistotuição. Arquivo Público da Paraíba.

CARTA José Antonio de Maria Ibiapina em 2 de novembro de 1877. Santa Fé- PB para o público em geral. Trata-se de um relato sobre a seca de 1877.p.1. Arquivo de Santa Fé

CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina em 12 de dezembro de 1877. Santa Fé- PB. Para o público em geral. Trata-se de um relato dramático sobre a seca de 1877.p.1. Arquivo de Santa Fé

CARTA José Antonio de Maria Ibiapina em 16 de abril de 1881. Santa Fé- PB para José Pereira da Silva Barros. Trata-se de um carta que tem como foco o pedido de continuar confessando.p.1. Arquivo de Santa Fé

Jornais

Autor desconhecido. **O Irmão Ignácio.** Jornal A voz da Religião no Cariri. Crato, 24 de fevereiro de 1869. Biblioteca Menezes Pimentel.

RAMOS FILHO, João Francisco. **A falta de respeito nas Igrejas.** Jornal Tribuna Católica, 17 de agosto de 1867

ARAÚJO, Bernardino Gomes de. **Publicações a Pedido** em Missão Velha, 5 de junho de 1868 divulgado no Jornal Tribuna Católica, na edição do dia 12 de julho de 1868. Biblioteca Menezes Pimentel.

Seminário Episcopal do Ceará. **O maldizente.** 18 de setembro de 1867 publicado no Jornal Tribuna Católica, 22 de setembro de 1867. Biblioteca Menezes Pimentel.

Manuscritos

MANUSCRITO do Beato Antônio Modesto de Maria Ibiapina em maio de 1883 narrando sobre a morte de Ibiapina. Arquivo Santa Fé.

MANUSCRITO anônimo escrito em 1890. Arquivo de Santa Fé.

Ofícios

OFÍCIO do diretor do Colégio dos Educandos Artífices Antonio de Souza Gouveia dirigido ao presidente da Província da Paraíba Frederico Almeida e Albuquerque em 3 de abril de 1872 encontrado no Arquivo Público da Paraíba.

OFICIO do diretor do Colégio dos Educandos Artífices Antonio de Souza Gouveia dirigido ao presidente da Província da Paraíba Frederico Almeida e Albuquerque em 20 de abril de 1872 encontrado no Arquivo Público da Paraíba.

Relatórios

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província.** Francisco D' Araújo e Lima em 1863. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, Diretoria de Instrução Pública. José Florentino Meira Vasconcellos em agosto de 1864. in: **Relatório apresentado pelo Presidente da Província.** Francisco D' Araújo e Lima em 1864

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Vice-Presidente da Província.** Felizardo Toscano de Brito em 1865. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Vice-Presidente da Província** Toscano de Brito em 1866. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, Provedoria da Santa Casa de Misericórdia, Antonio de Souza Gouveia no ano de 1867 (Anexo 3). In: **Relatório apresentado pelo 2º Vice Presidente da Província** Barão de Maraú em 1867. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, **Relatório pelo Presidente da Província** Machado Freire Pereira da Silva em 1868. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província**. Venâncio José de Oliveira Lisboa em 1869. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, Inspetoria da Saúde Pública da Província, João José Inocêncio Poggi no ano de 1870 (Anexo V). In: **Relatório apresentado pelo presidente da Província** Venâncio José de Oliveira Lisboa Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, Inspetoria da Saúde Pública da Província Abdon Felipe Milanez em 1871. In: **Relatório apresentado pelo 3º Vice Presidente da Província** José Evaristo da Cruz Gôvea. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Frederico Almeida de Albuquerque em 1871. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo 3º Vice Presidente da Província** José Evaristo da Cruz Gouveia em 1872. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, Inspetoria da Saúde Pública da Província Abdon Felinto Milanez em agosto de 1873. In: **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Francisco Teixeira de Sá. 1873. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, Provedoria do Consistório da Santa Casa de Misericórdia. Paraíba Lindolfo Correia das Neves em julho de 1874. **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Sylvino Elvidio Carneiro da Cunha. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província**. Francisco Teixeira de Sá em 5 de setembro de 1875. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Barão de Mamanguape em 1876. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Silva Freire em 1877. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Esmerindo Gomes Parente em 1878. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, Comissão dos Socorros Públicos sobre a Villa de Teixeira ao Presidente de Província José Rodrigues Pereira Júnior em 15 de outubro de 1879. In: **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** Ulisses Machado Pereira Viana.1879. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo Presidente da Província**. Justino Pereira Carreiro em 1881. Arquivo Público da Paraíba

PARAÍBA, **Relatório apresentado pelo 1º Vice Presidente da Província**. Antonio Alfredo de Gama e Mello em 1882. Arquivo Público da Paraíba.

PARAÍBA, Inspetoria de Saúde Pública. Dr. Abdon Felinto Milanez em 1883.In: **Relatório apresentado pelo Presidente da Província** José Basson de Miranda Osório em 1883. Arquivo Público da Paraíba.

Outros documentos:

FALLA do Imperador na décima sexta reunião da legislatura em 1º de julho de 1877. Arquivo Público da Paraíba.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Cruz. **Paulino Nogueira**. Revista trimestral do Instituto do Ceará sob a direção do Barão Studart - Tomo XLVI – 1932. pp. 46-49.

ALENCAR, Pe Carlos Augusto Peixoto de. **Itinerário da Primeira Visita do Sr Dom Luis Antônio dos Santos ao Norte do Bispado no ano de 1862-** Ceará 1863. Arquivo Santa Fé.

ALMEIDA, Renato. **Vivência e Projeção do Folclore**. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1971.

ARAÚJO, Francisco Sadoc. **Padre Ibiapina: peregrino da caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996.

AZZI, Riolando. **A crise da Cristandade e o projeto liberal: história do pensamento católico no Brasil**, vol. II, São Paulo: Paulinas, 1991

_____, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.

BANDEIRA, Andréa. **As Beatas de Ibiapina: do mito a narrativa histórica**. Uma análise histórica usando a Abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de

Caridade do Padre Ibiapina. (1860-1883). Recife, 2003.123 fl. Dissertação (Mestrado) em História do Nordeste e do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco.

BARRETO, Vicente. **Ideologia e Política no Pensamento de José Bonifácio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 1995.7ª impressão.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** – ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2001.

BOFF, Leonardo. **Nas teias da delicadeza**. São Paulo: Paulinas, 1999.

BONI, Waldete. et al. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

BOSH, David. **Missão transformadora**: mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 2002

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Celebrando” obras e carreiras: a função do louvor ao passado e aos líderes na criação e manutenção de uma cultura organização em uma denominação protestante brasileira. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo. (Org.) **Culturas e cristianismo**. São Paulo: UMESP/ Loyola, 1999 p.90-91

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Religião no povo**. Editora Universitária. João Pessoa, 1974.

CASTRO, Paulo Pereira de. A experiência republicana, 1831-1840. In: Buarque de Holanda, Sérgio (dir.), **História geral da civilização brasileira**. 4ª ed. Tomo II, 2º volume. São Paulo: Difel, 1985.

CARVALHO, Gilberto Villar de. **O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. p.169, 103-132, março de 1983.

_____, Ernando Luiz Teixeira de. **A missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHACON, Vamireh. **Deus é brasileiro**: o imaginário do messianismo político do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.

COMBLIN, José. **Instruções espirituais do Padre Ibiapina**. São Paulo: Ed Paulinas. 1984

_____, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulinas, 1993.

CONCHA, Eleonor A. **El poder de la mujer en la Iglesia**. FEM - Publicación Feminista, vol. 5, num. 20, México, ago.1981- enero 1982.

CORREIA JUNIOR, João Luiz. A caridade - um estudo a partir das primeiras comunidades cristãs. In: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. (org.). **A caridade**: um estudo bíblico - teológico. São Paulo: paulinas, 2003. pp. 59-110.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____, Gilbert. **A fé no sapateiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

_____, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1999

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____, Mircea. **O sagrado e o profano** - A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FALCI, Mirian Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Elina Marta (org.) et. all. **500 anos de escola no Brasil**. São Paulo: Autêntica. 2003.

FERNANDES, Rubem César. **Catolicismo**: modernidade e tradição. São Paulo: Loyola, 1992.

_____, Francisco Assis M. **A internet na propaganda religiosa**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVI, 2003. Anais do evento. Belo Horizonte- INTERCOM, 2003, p.1-10. disponível em <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0214.pdf> acesso em: 28 de junho de 2009.

FOULCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRAGOSO, Hugo. O apaziguamento do povo rebelado mediante as Missões Populares, Nordeste do II Império. SILVA, Severino Vicente. **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: paulinas, 1988.p.17.

FRIES, Heinrich. (org.) **Dicionário de teologia**. Conceitos fundamentais da teologia atual. Vol. 4, São Paulo: Edições Loyola, 1970.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário Social da Seca**. Recife: FUNDAJ editora: Massangana, 1998.

HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja no Brasil**. primeira época Petrópolis: Vozes, 1992.

_____, Eduardo. **A Igreja no Brasil – Colonial (1550-1800)**. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____, Eduardo. **Crônicas das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria do Estado do Ceará, 2006.

IRARRÁZVAL, Diego. Prática social, imagem, crença. In: GONZÁLEZ, J.L. et. all. **Catolicismo popular**. História, Cultura, Teologia. Petrópolis, Vozes, 1993.

JALES, Carlos Alberto. Para que serve uma teoria em educação? in: SALLES, Vilmária Fernandes Sales. et. all. **Psicologia na educação**: um referencial para professores. João Pessoa: UFPB, 2005.

JOHNSON, Paul E. **Psicologia da Religião**. São Paulo: ASTE, 1959

LEÃO XIII. **Rerum Novarum**. Carta Encíclica sobre a condição dos operários. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

LEGROS, Patrick. et all. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007. (pp.110-184).

LIMA, Luís Filipe Silvério. **Padre Vieira**: sonhos proféticos, profecias oníricas. O tempo do quinto império nos sermões de Xavier dormindo - 1ª edição. - São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.

_____, Danielle Ventura Bandeira de. A eficácia simbólica do ritual no período védico e no catolicismo. In: POSSEBON, Fabrício (org.) **Os mitos e suas abordagens** - João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2008.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Nacional, 1989.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas**: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

MANACORDA, Mário A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias, São Paulo: Cortez, 1989.

MARIZ, Celso. **Ibiapina**, Um apóstolo do Nordeste. 2ª Ed. João Pessoa. Ed Universitária /UFPB, 1997.

MAYA, Raymundo Ottoni de Castro. **A Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro, Centro de Conservação da Natureza. 1966.

MEGIANE, Ana Paula **O rei ausente**. Festa e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal. (1581 e 1619). São Paulo: Alameda, 2004.

MOURÃO, LAÍS. **Contestado**: A Geração social do Messias. CERU- Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Cadernos Nº7- 1974.

NOGUEIRA, Paulino - **O Padre Ibiapina** – in: Revista do Instituto do Ceará, Ano II, 3º Trimestre de 1888, Tomo II, Ceará. pp. 157-216.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora/Edusp, 1965.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa**: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883). Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues. **Da fé a promoção social**: a atividade missionária do Padre Ibiapina, Recife, 2007, 101 fl. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005 – (Coleção Filosofia).

POSSEBON, Fabricio. **Tò thaumastón: O Maravilhoso**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos**. IJUÍ: Ed. UNIJUI, 1998, p. 24.

REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão**. Campinas: Papirus Editora, 1994.

REINATO, Eduardo José. **O pêndulo liberal a Regência como laboratório político. Estudos**. Revista da Universidade Católica de Goiás, Vol. 23, nº 1 /2, p 45-56. Jan/ Junho, 1996.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)**. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará.

SILVA, Severino Vicente. Modelos da Igreja no Brasil do século XIX. in: SILVA, Severino Vicente. **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: paulinas, 1988.

_____, Alberto Prado e. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo Antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SCHWARCZ, Lílían Moritz. Apresentação. Por uma historiografia da reflexão. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História – ou o ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2001, p.7-12

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII**. SP. Cia das Letras, 1991.

TILLELLI, Antonio Oniswaldo. **Damôcles, as filantrópicas e o STF**. Jornal Indicador Jurídico nº4 abril/maio de 2002.

VERAS, Elias Ferreira. **“O Echo das Maravilhas” O jornal a Voz da Religião do Cariri e as missões do Padre Ibiapina no Ceará (1860-1870)**. São Paulo, 2009.155 flh. Dissertação de Mestrado em História social. PUC-SP.

VILLELLA, Heloísa de O. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Elina Marta (org.) et. all. **500 anos de escola no Brasil**. São Paulo: Autêntica. 2003.

VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WERNET, Augustin. **O período regencial**. São Paulo: Global, 1982.

WHITE, Ellen G. **Profetas e Reis**. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

Entrevistas

COSTA, Gaspar Rafael Nunes. **Entrevista concedida a autora da dissertação, Danielle Ventura Bandeira de Lima**. Guarabira, 20 Jan.2009.

FLOREN, José. **Entrevista concedida a autora da dissertação, Danielle Ventura Bandeira de Lima**. Solânea, 4. mar. 2009.

Sites:

Catecismo da Igreja Católica

[.http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html#top](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html#top)
acessado em 21 de maio de 2008

Concílio Ecumênico de Trento. Montfort Associação Cultural

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios artigo=trentlang=bra> acessado em 18/05/2008

IELM - Introdução geral ao elenco das leituras da missa. In: BUYST, Ione. III Liturgia da palavra de Deus e liturgia eucarística um só ato de Culto: Eucaristia como celebração da nova e eterna aliança. www.cnbb.org.br/documento_geral/III%20Liturgia.doc
acessado em 21/05/2008

ANEXOS

Carta nº3

8 Dezembro: O Monte de sua Cadaverinha de todos os dias está pagando tanta mais confissão, sob os olhos de Deus.

Não temo agora para mim senão de duas coisas: para tomar rapina de três leguas. Os generos em preso supõem as farsas da Caridade, por isso uniram o pessoal de quase duzentas pessoas, sendo mais de noventa orphãos, e a metade de meninos de 8 anos, muitas doentes que demandam tratamento singular. Acabou-se o milho, o feijão, o arroz, restando pouca farinha para nos remediar. Não temos cavalos, e pouco o dinheiro. Os retirantes todos os dias nos pedem pão e não me dá a ver de arrear a mais de cincoenta; também pedem roupa, por estarem nus. Nós, no meio das grandes embarcações da vida, atado de amor atenção e pretenção de ouro. As casas de dentro pedem socorro de suas entranhas necessidades estudo clamor embora nos farte tomar em rede de nós muitos necessitados e a todos a nossa atenção. No meio desse tempo sereno pela tempestade da miséria, estamos tranquilos desconhecados das padalhas de tão penosa posição a sombra da confiança em Deus e esta confiança nos carrega o espírito, que não nos assusta o futuro, por mais escuro e horrível que nos pareça. Como se pôde viver sem Deus? É como é forte a confiança nele! Aprendam os humanos que com Deus se vive, mas sem Ele é impossível a vida. Este quadro visto de longe, assombra, e de perto, entristece o coração mais forte. Porém, não com a vontade de Deus, resignados, olhamos a morte sem susto e sem arreio, uma vez que por Deus nos venha ela, pela peste ou pela fome. Estamos na cruz, penosa, com sinceridade o grande bem de Deus. É como se estivéssemos na véspera do martírio. Se em Deus devíamos pensar e procurar mais a Ele uniu-nos. Facamos assim, que o nosso martírio seja como a fome e o frio, os filhos caros, sem poder.

Carta nº4

5
pelas orações. Escrevi de Santa Fé ao Bispo de Olinda com o desaparecimento de D. Vital em Paris.

Deus do seja N. S. Jesus Cristo.

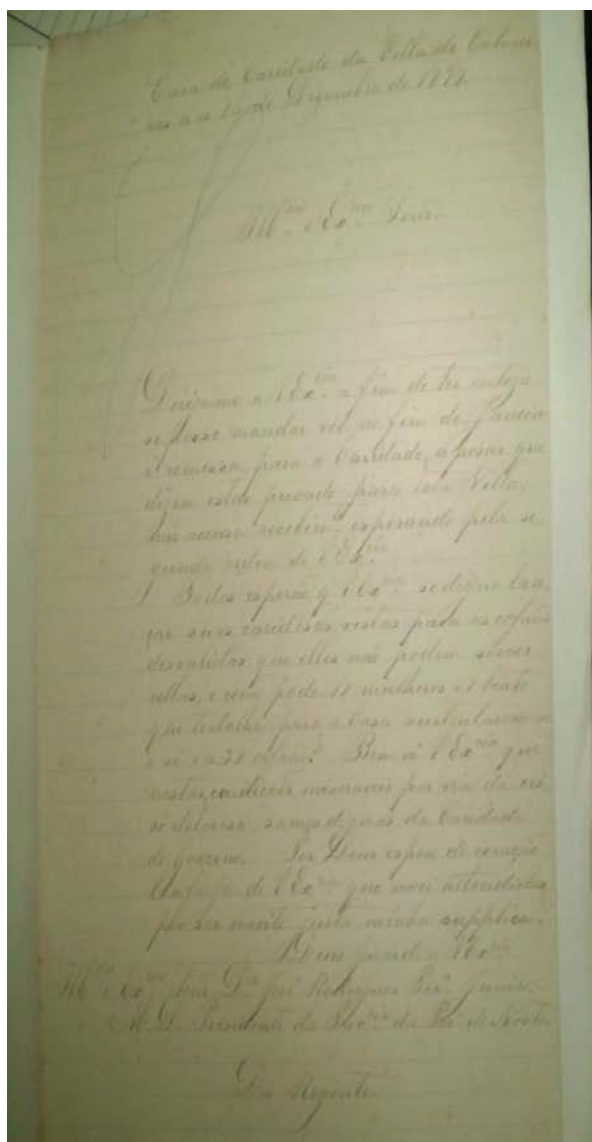
Muito como Sr. Bispo D. José Pereira da Silva Barros.

Baixo reverentemente as sagradas mãos de V. Exa. pedindo-lhe que me abençoe. Como Rmo. Senhor, por alijado das pernas estou privado da consolação de ir pessoalmente receber a bênção e prostrar toda a obediência aos mandados de V. Exa. resto-me fôr a consoladora esperança de ver no meu retiro e no fim da vida os frutos espirituais, que a bênção de V. Exa. derramará neste Bispoado. Tenho razão para esperar. Devo fazer-me conhecer de V. Exa. Humilíssimo por mais de vinte anos neste Bispoado depois do que fui assolado por violenta enfermidade, que me deixou alijado. Impossibilitado de continuar nas missões, recolhi-me em uma casinha, próxima a Santa Casa de Caridade de Sta. Fé, e na Capela do Cemitério da mesma ocupo-me em confessar agente da Casa e posar de outras freguesias que me procuram ephico nos domingos o Evangelho e exerceo outros atos do meu ministério o que tenho feito com as faculdades que me concedeu o Sr. Bispo V. Exa. Capitular e não posso continuar a confessar sem autorizações de V. Exa. por isso apresento-me a V. Exa. não para pedir a continuação dessas faculdades mas para que a vista do espírito determine como devo ocupar-me achando-me velho e constantemente doente. Receberei o que me mandar como diácono espiritual para em paz acabar a vida que me vai deixando. Resta-me de novo pedir a bênção de V. Exa. agradecendo ao Bom Deus o favor que faz a este Bispoado dando-nos hum. Fé depois de tão penosa e infundada. Com todo respeito e amor me de V. Exa. R. Vital substituto e coadjutor.

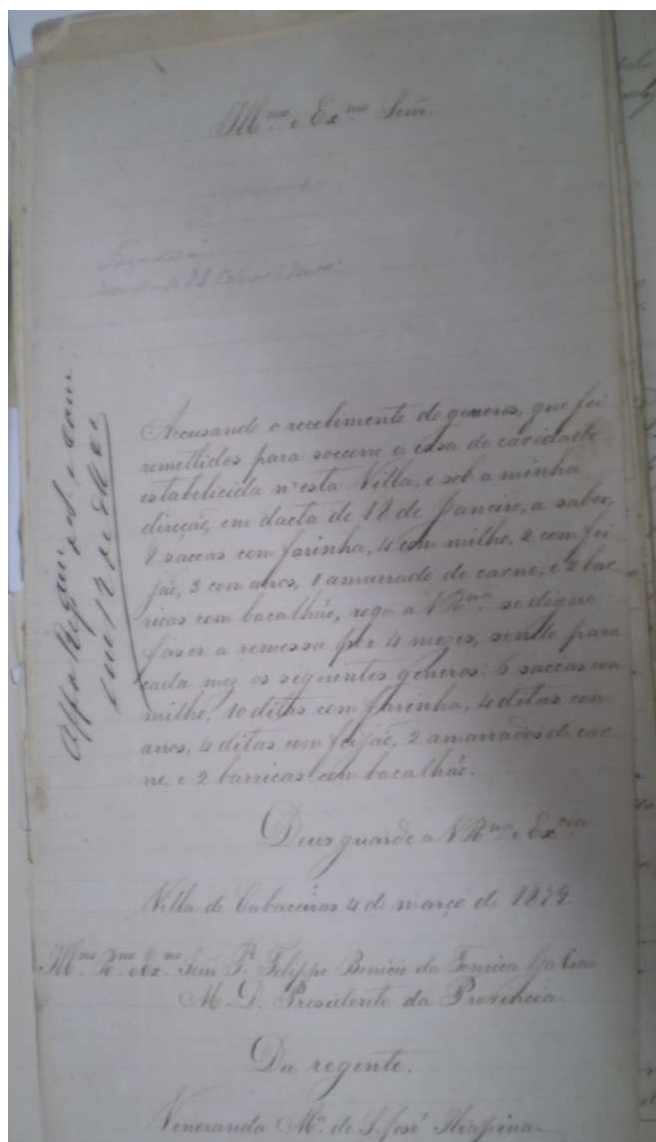
Santa Fé 16 de Setembro de 1861.

Cartas do Arquivo Público da Paraíba⁹¹

Carta n°5



Carta n°6



⁹¹ As cartas do Arquivo Público da Paraíba são fotocopiadas do original.

Outras Cartas⁹²

Carta nº 7

Cópia datilografada da declaração do Pe. Ibiapina sobre a entrega das Casas do Cariri para a Diocese de Ceará (sem data)

Declaração que fez o Pe. Ibiapina aos Irmãos, Biatos, Irmas das Santas Casas do Cariry- Novo. "Fiz entrega das Casas de Caridade ao Exmo. Revmo. Sr. Bispo por segurar-lhes um venturoso futuro, porque debaixo de tão valisa proteção e de um Pai habilitadopelas circunstancias favoráveis que o cercão, não posso deixar

Se porem algum biato ou Irman de Caridade, não poder, ou não quiser continuar os seus serviços pode retirar-se para sua casa e se julgar que lhe convem continuar a prestar serviços de Caridade debaixo de minha direção pode procurar-me, que com agrado receberei como filho espiritual, a quem amo e quem continuarei a prestar is serviços espirituais, tanto quanto minhas pequenas forças permitirem. Todos sabem não pode ser obrigado aos fins que não tem direito aos meios, que o habilitam a conseguir os fins. Tendo o Sr. Bispo aceitado as Casas não está mais sobre minha responsabilidade, a prover os meios de sustentação destas Casas. Não tendo mais oposição moral, que me autorizava a pidir esmolas, os que eram esmoleres que não pedirão ,aos em meo nome pedem para a Caridade"

Carta nº 8-

Ahi mando húma carga para ajudar a Caza na despeza dos eses de algodão pelo molde para ajudar a Caza nas despesas vai tão bem essas folhas para V. aproveitar a bela vida da Virgem Sta Rosa de Lima, não dê importância a essas pinturas, que por virem mostrar a vida daquela Santa não podem deixar de ir mas as pinturas são da Rainha que não ofendem.

Manoel M^a esmoler de lá foi ter comigo em Bezerras, e me pediu licença para esmolar ao sul nos sertões de São Francisco, pretendendo voltar para o Cariri Novo. Eu entendo que elle faria falta, mas ele mi disse que a Casa ficava bem provida, e que ahi havia quem fizesse as suas vezes.

Consenti por isso ainda que reconheço que nem elle, nem eu obramos em regra. Vão tão bem os pequenos títulos de que já fallei para V. estudar, meditar na execução.Somos mortais. Só devemos confiar na Providencia e no nosso trabalho. He logo estabelecer cazas no centro para estar 12 e 18 orfans----- porem pelos azares das seccas, aos cuidados do povo, e----- encarregados da caridade.

Adeus minha estimada filha. Olhe para o ceo onde está a estrela que vos guia agloria. Lá esta o menino Jesus e o Imaculado Coração. Somos feitos para viver para elles. Vosso Pai amigo que muito vos aprecia Pe Ibiapina.

Santa Luzia 12 de maio de 1868

⁹² As cartas foram transcritas na integra em: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Fortaleza, 2003. 240 fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará.

Carta nº 9-

Agora mesmo acabo de officiar ao Sr. Bispo do Ceará entregando-lhe as Casas de Caridade do Cariry Novo, para elle tomar conta dellas e dirigil-as, como verdadeiro Pastor desse rebanho: cessarão as hostilidades que se faz as Casas acusando-as de desobedientes e rebeldes; como sou eu o autor dessa rebeldia, quero desaparecer da scena para não comprometer as Casas.

Alegro-me com a reconciliação do seu genro, e lhe dou os parabéns pelo nascimento feliz de sua neta.

Adeus, Sr. Capitão Lôbo, conte com a estima que lhe consagro, e a sua família porque sou De Vs^a ami. Apreciador V^o e Cr^o.

Pe. Ibiapina

Baixa - Verde, 16 de março de 1872

Carta nº 10-

Ilmo. Snr. Cap Lobo.

Recebi a preciosa carta da V. S^a e muito lhe agradeço o generoso tratamento que deu as minhas filhas em visita às casas de Caridade do Cariry. Graças a Deos

Lutamos infelizmente com a maçonaria, que tem decretado a prisão, perseguição aos padres catholicos, que se pronunciam contra Ella em favor da religião não podia eu por isto ser esquecido.

Tive aviso de ser preso; mas isso ainda não se realizou, pelo abalo que causou no povo; comtudo estou tranqüilo em sofre por Deos a prisão ou a morte.

Não sei como irão as Casas do Cariri porque não podem receber a minha acção e influência ; mas haja o que houver, elas permanecerão por serem obras de Deos; falta-lhe tudo no Mundo, porem têm em seu favor o braço Omnipotente.

V.S^a communica que não continuará na regência da Casa, como primeiro Benfeitor d'ella; mas, não retirando o amor que consagra, Ella experimentará os seus favores sempre.

Para testemunhar-lhe o apreço que dou aos serviços que V. S^o tem prestado à Caridade d'ahi lhe mando uma patente de Irmão remido de Santa fé onde habito, sem nenhum [es pendia?]

Meus respeitos a sua Senhora e filhos.

De V.S^a Irmão e amigo.

Padre Ibiapina.

Santa Fé, 26 de dezembro de 1874.

Carta nº11

Recebi sua carta que He sempre de consolação por noticiarme a boa ordem na marcha da Caza, e que nada falta. Com tudo, de Sta Fé virá fava ou feijão para ajudar a essa Caza.

Senhorinha Orfan de Sta Fé ficou Mestra de Letras em Souza, Felicidade Vice-Superiora, e S. Joaquim companheira da superiora, que sairá a pedir esmola para sustentar a Caza, porque os beatos não prestam.

Em Cajazeiras- Marcolina Mestra de Letras e aprendendo muzica, findo o que será substituído por outra orfan de Sta Fé Irmama Anna de S. Frcº Vice Superiora e Irmã Zeladora desta Caza.

A Caza de Souza prima pela agulha e principalmente pelas flores, por lá não se faz que as igualhe. Em letras mal e pior na ordem interior, Cajazeiras o mesmo, menos a excelência das flores.

Tudo corre regularmente, graças a De.s.

Breve sigo para Misericórdia e dali Baixa Verde e indo Superiora para lá a Irman Sabina , Irman do p.e Mel. (Manuel) J. e Thomaz.

Tenho saúde graças a Deos.

Cajazeiras, 12 de novembro de 1875

Vosso Pai Esp.

Pe. Ibiapina.

Carta nº 12

Ir. Superiora O nosso Bom Deos a abençoe e as suas Filhas.

Esta so tem por fim dizer-lje que faça comida para os Beatos, por desembaraçal-os para o trabalho, o que esqueceo-me escrever-lhe hontem.

Deos a conforte, e ilumine para não perturbar-se e saber dirigir-se.

Os tecidos estão bons, e eu aprecio o zelo das tecedeiras.

Abraço as Orfans, e abenção a toda sua família.

Ads.

Santa Fé 28 de abril de 1875,

Seu Pai. Esp.

P.e Ibiapina.

Carta nº13

S. Fé. 15 de setembro de 1875

Recebi as duas cartas que confortam pelas boas notícias que sempre dá das cazas e das coizas. Mandeí dizer a D. Izabel, muito interessada que a beata entre nessa Caza, que pode entrar advirto-lhe que a aplique a trabalhos pezados; porque xeira-me a preguiça essa pretensão; contudo V. está ahi para vigiar, e fazer suas queixas a D. Izabel, quando a Beata não corresponde. Em huma Casa, pezada, e pobre, não se pode aumentar a carga dispendioza.

Aprovo as mudanças que fêz, e que fará em favor da moralidade e ordem de Casa

Breve por lá passará a companhia que vai para santa Luzia, indo Superiora para aquella Caza, Vice-Superiora e 4 orphas. E com alguns dias mais passarei eu com direção a Baixa-Verde, que está com Casa de Caridade em dismantelo e há outras razões poderosas em favor da Religião que ali vai soffrendo. Não me demorei por ahi, visto a pressa com que vou, mas guardem para minha volta remediar as coizas que mandarem remedio.

A minha saúde é fragil que me impediria de viajar, mas He de Ds. A cauza, e elle me dará forças para vencer.

Por cá vai tudo em paz e boa ordem. Está aberta a escola para as meninas de fóra preparando hum bello hospital para os doentes da Caza, trabalha-se no grande assude do rossado; apanha-se gerimuns, e fava, e tudo vai em abastança, graças ao nosso adorável Bom Jesus e Maria Santissima.

Ads Minhas filhas O nosso Bom Jesus abra-se seo coração em seo divino amor, que a faça achar leves os trabalhos da vida, e sacrificios, esperando do céu a recompensa, e desde mundo soffrimentos, lembrando-se do dito de Sta Thereza: soffrer, soffrer, e não gozar neste mundo esperando a desforra aos pés do trono de Jesus.

Seu Pai Esp.

Pe Ibiapina

Carta nº14

Se em meu coração ainda entrasse a amargura e aflição por causa deste mundo, eu teria tido com o procedimento do Irmão Francisco para com essa Caza. Antes que me esqueça, Você recebeu uma segunda carta que lhe dirigi depois da que lhe mandei pela Superiora de Cabaçeiros?

Não receba direção nem imposição alguma do irmão Francisco, e sua communicação com elle seja só para pedir-lhe o necessário, e receber o que pedir, e quando falte, me faça aviso, que remediarei e prompto, querendo Deus; portanto Você é quem dirige o portão e a Porteira, permitindo, se lhe convier, que as mães Orphãs visitem suas filhas no Domingo, marcando hora para isso.

Ninguém lhe pode impedir de ir a missa no Domingo, somente lhe recomendo muita vigilância sobre as Orphas inquietas para que não pareça que você não pode ou não sabe sustentar e dirigir o governo da Caza; e se alguma couza extraordinária aparecer, mandarei para ahi Superiora que se faça temer e Você terá melhores filhas em outra Caza. Como porem você tem bem acomodadas suas filhas, nada temo, confiando na Divina Providência assim como que aos sábados todas as orphas tenham uma hora para escrever, e ler, e assim não deixar perder o que aprenderão enquanto eu respiro nas grandes fadigas em que estou embaraçado, para manter nessa Caza escola, e o mais que enoutras caza há.

Suspendi tudo lá pelo relaxamento, e desordem, em que cahiu essa casa, mas hoje que promete melhor futuro hei de habital-a como Filha minha muito estimada.

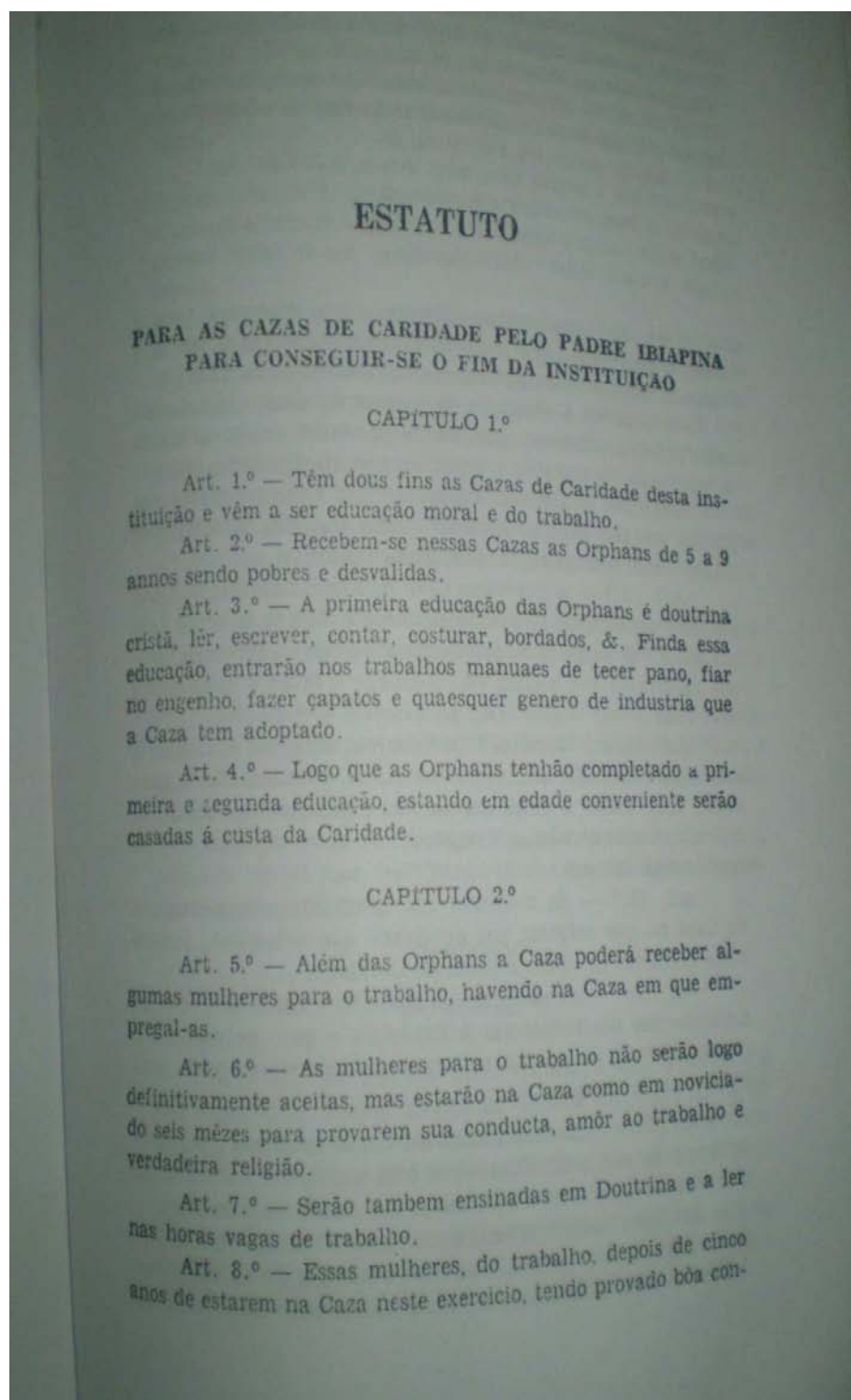
Adeus minha filha, V. perdeu o semtemnario das Dôres, cuja festa há sabbado próximo, 20 do corrente.

S. Fé, 16 de março de 1875

Seu Pai Esp.

Pe Ibiapina.

P.S. Quando vier portador para cá me mande.

Estatuto⁹³

⁹³ MARIZ, Celso. **Ibiapina**, Um apóstolo do Nordeste. 2ª Ed. João Pessoa. Ed Universitária/UFPB, 1997.

ducta, amor ao trabalho e humildade podem ser apresentadas para serem cazadas como as Orphans quando não queiram permanecer na Casa como Irmãs de Caridade.

Art. 9.º — Além dessas mulheres haverão umas outras denominadas Irmãs de Caridade que terão empregos determinados como Mestra cosinheira e Porteira, &c.

CAPÍTULO 3.º

Da Superiora

Art. 10 — Haverá uma Superiora que governará toda a Casa, a quem todas lhe serão obedientes, mantendo a ordem e fazendo executar estes Estatutos e Regulamentos da Casa.

Art. 11.º — A obrigação da Superiora é fazer que todas as repartições funcionem regularmente prestando muita atenção a repartição do trabalho e adeantamento da Doutrina crhistã.

Art. 12.º — Hé sua obrigação dar todos os mezes um Mappa em que declare o trabalho feito na Casa ao Inspector Geral assim como o adeantamento da escola.

Art. 13.º — A Superiora deve regular o trabalho da Casa de sorte que com elle e com as esmolas dos fieis se sustente toda a familia ahí congregada não comprometendo a Casa com dividas advertindo que a Casa de Caridade é pobre e como pobre deve viver.

Art. 14.º — Como a Superiora está obrigada a manter a ordem para alcançar os fins da instituição pelo trabalho e educação, tem direito a empregar os meios punitivos e correctivos segundo as circumstancias e occorrencias, como será marcado no regulamento interno.

Art. 15.º — As mulheres que forem lançadas para fóra da Casa ou que sahirem por desagrado que cauzassem, jamais serão recebidas em Casa alguma de Caridade.

Art. 16.º — As mulheres do trabalho e ainda as Irmãs de Caridade que desobedecerem á Superiora e que aconselhadas, reprehendidas e castigadas, se tornarem incorregiveis serão lançadas fóra da Casa.

Art. 17.º — Haverá um conselho das mulheres mais prudentes e discretas das Casas que com a Superiora occorra ás precizões da Casa com a lembrança dos meios vantajosos.

Art. 18.º — Este conselho reunirá tantas mulheres quantas discretas houverem na Casa e sob a presidencia da Superiora deliberará sobre os meios de melhorar os costumes máos da Casa,

IBIAPINA

285

augmentar e facilitar o trabalho, corrigir qualquer abuso que se vá introduzindo; afinal é uma corpo vivo a bem da Caridade, não temendo nem se acovardando, e reclamando com doçura sim, mas com empenho em favor da Caridade. Nenhuma Irmã do conselho é responsável por suas opiniões no conselho.

Art. 19.º — Qualquer Irmã pôde propôr o que entender e interessar em favôr da Caridade e a Superiora porá a discussão dando-se a palavra a primeira que a pedir e depois dessa findar poderá outra fallar, sendo prohibido fallar duas ao mesmo tempo.

Art. 20.º — Quando falte a Superiora, suba ao Governo a Vice-Superiora; fica vago por isso o logar de Vice-Superiora que é de eleição do conselho; portanto se reunirão na capella em oração antes de fazer essa nomeação e todas as vezes que tiverem de se reunir para deliberar nomearão por maioria de votos a Vice-Superiora.

Art. 21.º — O conselho deliberativo das Irmãs da Casa se reunirá de quinze a quinze dias ou antes e todas as vezes que a Superiora reclamar ou qualquer Irmã requerer para tratar negócio grave e urgente.

Art. 22.º — Haverá uma Secretária que escreverá o que se passa no conselho e assignarão as Irmãs marcando dia, mez e anno.

Art. 23.º — Haverão na Casa tanto; teares quanto mais se possão trabalhar por que é o trabalho por hora mais lucrativo e por isso deixão-se todos os outros que offerecem menos vantagem; em duvida decida o conselho.

Art. 24.º — A Irmã Superiora não se contentte com a industria actual mas descobrindo outras que facilitem o trabalho e ganho admitirá.

CAPITULO 4.º

Da Visitadora

Art. 25.º — Haverá uma visitadora que é Superiora das Superiores; porque corrige os defeitos da Casa, dá os regulamentos que devem ser guardados, remove as Superiores e as admite se tanto fôr mister quando a boa ordem e prosperidade das Casas o demandem.

Se porém houver rebeldia ou desobediencia ás ordens da Visitadora, por esse acto será a Casa abandonada e posta fora do circulo das Casas de minha Instituição.

286

CELSE MARIZ

CAPITULO 5.º

Art. 26.º — Haverá um Inspetor Geral que fará as vezes do Instituidor em socorrer as Cazes, dirigir-as, plantar o sistema do trabalho e uniformizar todas as Cazes em moralidade religiosa e no trabalho.

Art. 27.º — A Superiora nos casos graves recorrerá ao Inspetor Geral ou à Visitadora reclamando providencia como para mandar Mestra se lhe falta; se a Superiora está doente e periga a marcha da Caza ou qualquer providencia extraordinaria que seja mister para salvar a Caza.

CAPITULO 6.º

Art. 28.º — Em regra não se receberão pensionistas que de alguma maneira atrapalham a marcha da Caza e regulamentos dos trabalhos; contudo havendo reclamações justas, a Superiora receberá pensionistas com as condições que serão marcadas no regulamento das pensionistas.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 29.º — A Visitadora é obrigada a visitar as Cazes uma vez por ano ou por outra Irmã a quem ela dellegue esses poderes, officiando ás Cazes, advertindo das funções que a delegada da Visitadora vai exercer que são as mesmas attribuições da Visitadora.

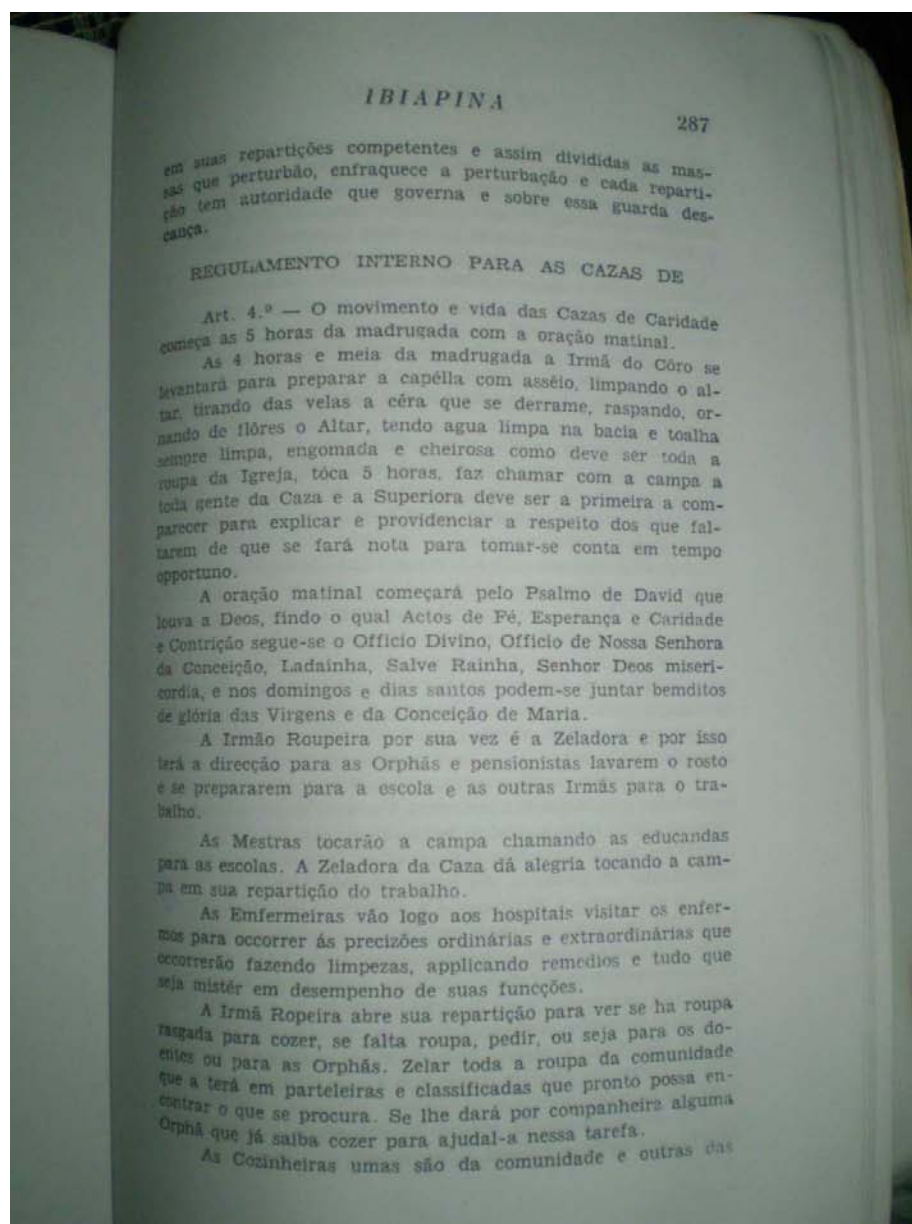
Art. 30.º — Se a Visitadora não poder sahir de visita nem tiver Irmã capaz de exercer essas funções em qualquer das Cazes, providenciará por escripto e de modo mais conveniente.

ADVERTENCIA A SUPERIORA PARA NAO SE PERTURBAR COM AS OCCORRENCIAS DOS PRIMEIROS DIAS ENTRANDO A GOVERNAR A CAZA DE CARIDADE

Art. 1.º — Em primeiro logar hé uma posição e são funções novas que por isso offerecem grandes embaraços aos espiritos tinda não exercitados principalmente aos espiritos dúbios e indecisos a qualquer ocorrência.

Art. 2.º — Qualquer falta de ordem que no começo haja, revista-se de moderação e vá por parte remediando.

Art. 3.º — Em todo caso tenha a Caza com a gente



CELSE MARIZ

288

enfermeiras; cada huma em suas repartições estarão sem perda de tempo se occupando no desempenho de seus deveres.

É absolutamente prohibido que andem pela cozinha e despensa quem não fôr da repartição para não interromper o trabalho e faltar aos deveres que a cada uma incumbe.

A Superiora como centro desse movimento occupa-se em visitar já uma e outra repartição demorando-se em cada uma segundo a precizão, dando providencia e correção como mãe de familia e responsavel por todas as occorrencias da Caza.

Vigiará que cada qual esteja no seu pôsto e desempenho de seus deveres. Empregará como correctivo a advertencia branda-e amigavel, a reprehensão em segundo logar e em terceiro, castigo.

Não convem misturar nem consentir as mulheres do trabalho na Caza senão nos actos de comunidade por não perderem tempo e ainda porque mulheres de todos os costumes somente com o tempo podem ser conhecidas, alem da perda do tempo para o trabalho.

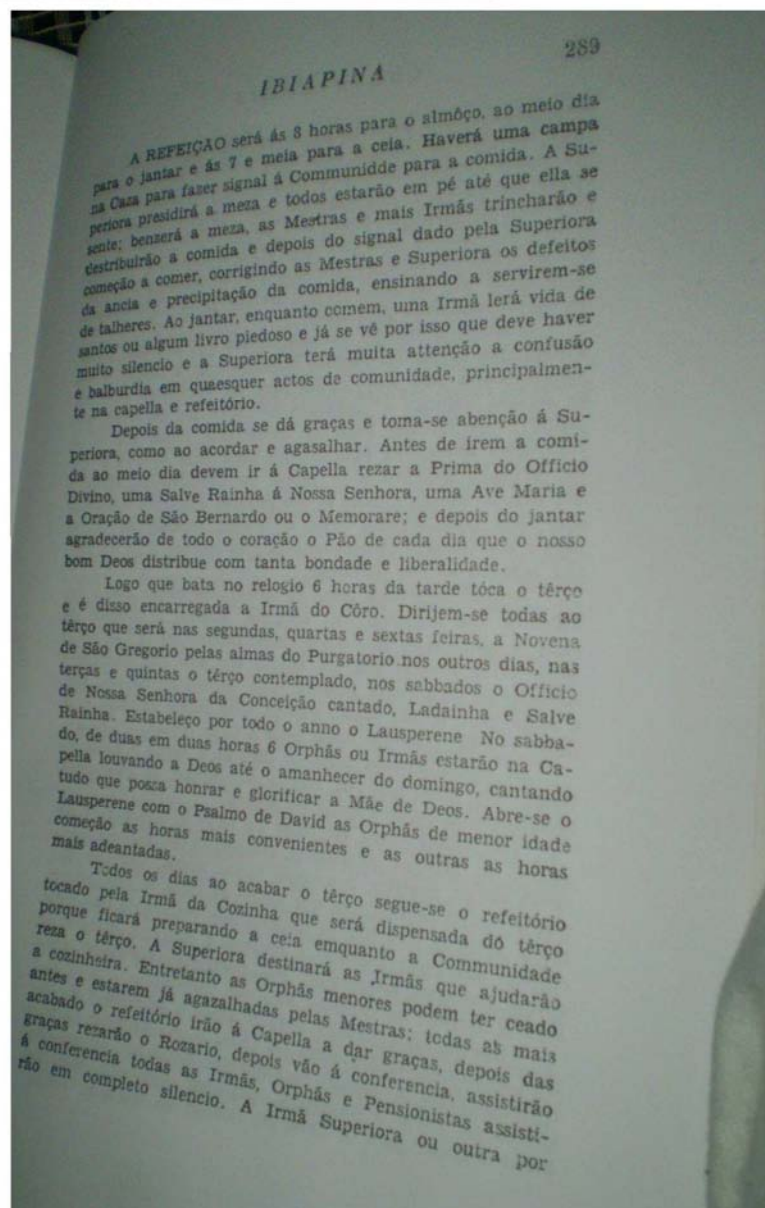
A Superiora se quizer vêr sua Caza alcançar o fim não deixe reinar a preguiça, a ociosidade, a conversa, mas o trabalho, o amor de Deos e o empenho na santificação dessas almas que não deve ter outro fim entrando nessas Cazas.

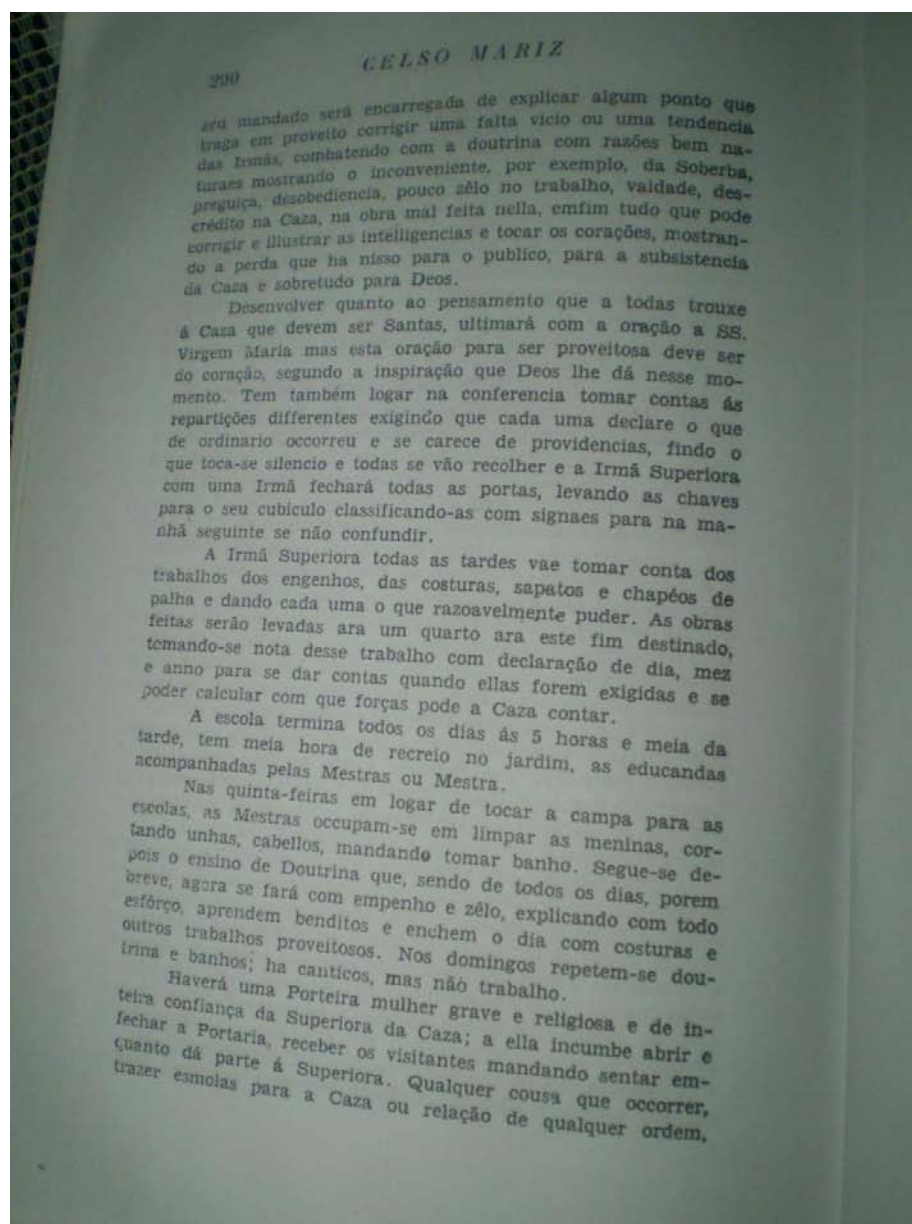
Hé prohibido na Caza conversa presentes e secretas ou que tenham outro objecto que não seja o desempenho das obrigações que a cada uma cabe. Não é licito comunicação de fóra, senão quando os Paes visitão suas filhas e isso será em hora e logar destinado e por uma meia hora somente, quando muito.

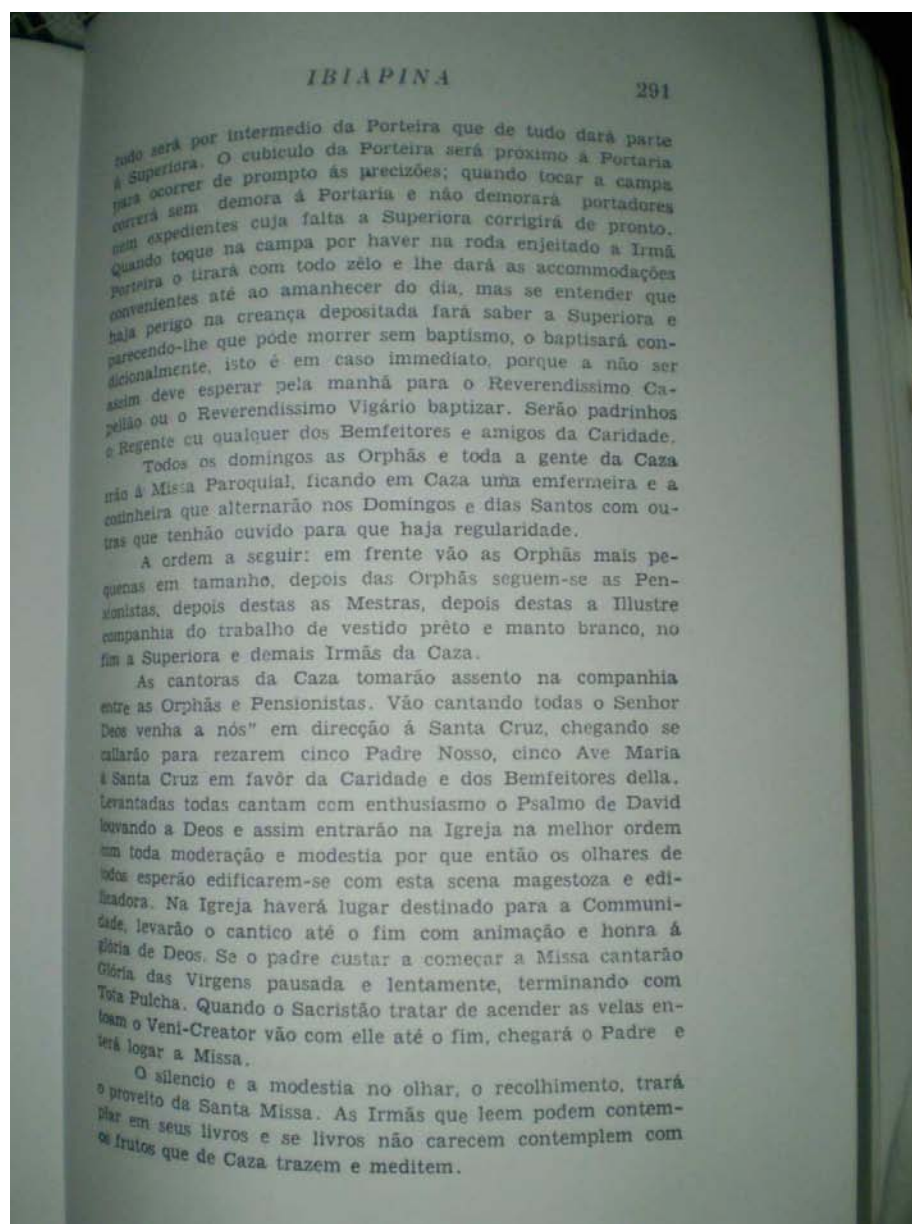
Não é licito receber cartas nem escrever para fóra sinão sendo lidas pela Superiora por isso a Porteira levará á Superiora todas as cartas para as abrir e ler assim como serão dadas abertas as que forem para fóra e a Superiora entendendo que convem mandar ou entregar tais cartas assim o fará.

A obediencia á Superiora é a primeira obrigação da Caza e todas as pessoas da Caza a respeitarão como Mãe que representa um poder celeste, a falta portanto nesta parte é grande que além do correctivo se tomará nota e me dirigirão em qualquer parte que estiver e ao capelão confessor da Caza em todo caso para negar-lhe a Comunhão. E se fôr adeante a Soberba a Irmã Superiora a separa de toda a comunidade prohibindo toda comunicação com as outras sob pena de desobediencia a quem transgredir.

A desobediencia ás ordens da Superiora é considerada soberba revoltante e já está providenciada.







292

CELSO MARIZ

Haverá uma Irmã Zeladora da modestia ao sahir da Casa e é a Irmã que a Superiora designar, essa dará conta á Superiora dos extravios que houverão, para haver correção. E a Superiora deve ser a mais empenhada em prevenir isto. Se fôr alguma Pensionista immodesta, advertida e não corrigida não irá mais á Missa conventual ficando fexada no cubículo.

Na conferencia da noite discorrerá largamente a Superiora a respeito, fazendo ver o grande mal que nisso ha contra a Casa.

Acabada a Missa voltarão cantando Senhor Deos venha a nós, tomará cada uma seus logares, as escolas estarão com a melhor ordem, as enfermarias devem estar muito limpas e asseeladas, queimando insenso ou qualquer coisa cheirosa. A Irmã do Còro abrirá a Capella e terão logar as visitas.

ORDEM DAS VISITAS

A visita começará pela oração na Capella e segue-se a visita da escola, em seguida estão as enfermeiras de homens e mulheres. A visita da Casa do trabalho deverá ter a conta de todo o trabalho da semana com as Irmãs a quem elle pertence. Esta visita será a última.

Na tarde terá logar a visita do Cemitério que se fará na mesma ordem. Chegando ao Cemitério se callarão para rezarem seis Padre Nosso e seis Ave Maria, pelas almas, cantando afinal a Salve das Almas. Retiram-se cantando: Se eu não peccara, meu Deus.

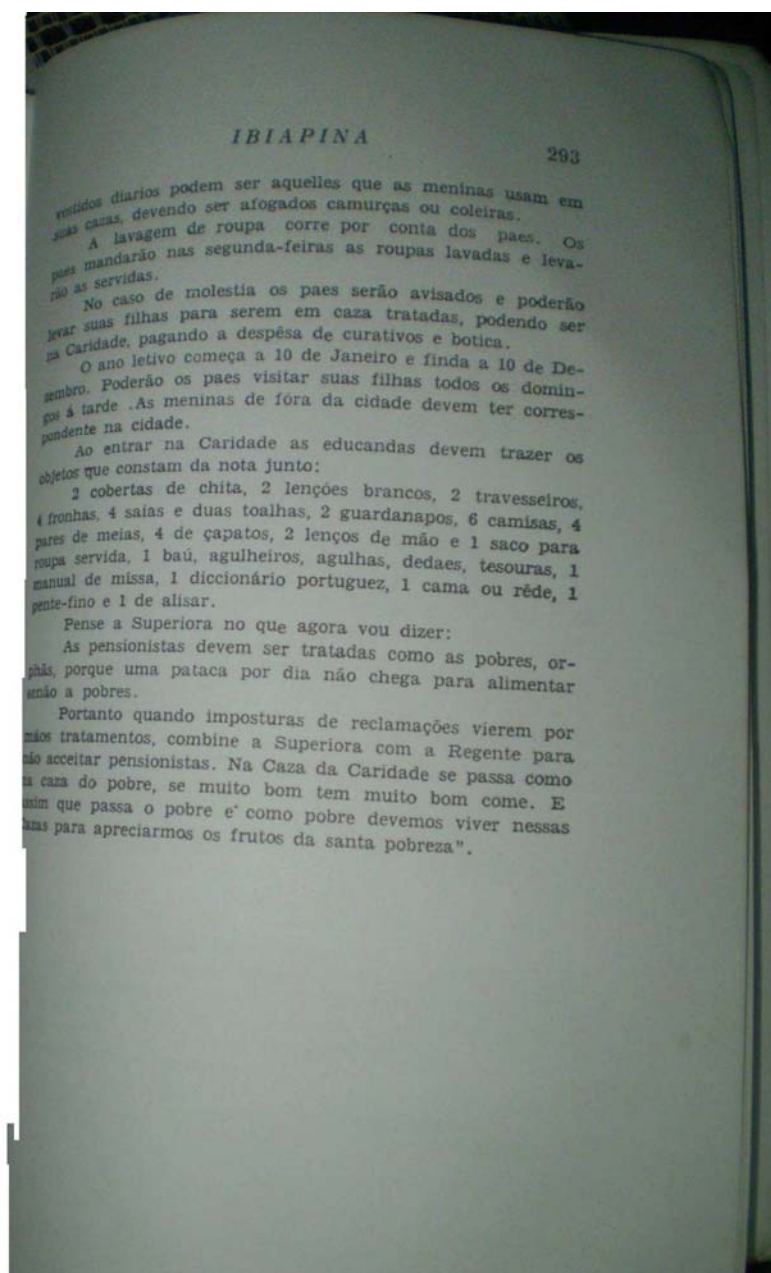
REGULAMENTO DAS PENSIONISTAS

Recebe-se pensionista de qualquer idade com tanto que não tenha molestia contagiosa reconhecida, inhabilitada para receber a educação.

Os ramos de ensino são: primeiras letras, gramatica portugueza e todos os trabalhos manuaes proprios de uma senhora, como costura, bordados, tecidos, flôres, &c.

Pagaão uma pensão. O preço da pensão é 10\$000 a 12\$000 mensaes, pagos em trimestres adeantados. Não se farão descontos por férias nem por qualquer outro tempo que passem as educandas por fóra do estabelecimento, salvo por enfermidade que exceda de um mez.

No fim de cada trimestre será remetido aos paes um boletim do comportamento e adeantamento de suas filhas. Os



IBIAPINA

293

vestidos diários podem ser aqueles que as meninas usam em suas casas, devendo ser afogados camurças ou coleiras.

A lavagem de roupa corre por conta dos paes. Os paes mandarão nas segunda-feiras as roupas lavadas e levarão as servidas.

No caso de molestia os paes serão avisados e poderão levar suas filhas para serem em casa tratadas, podendo ser na Caridade, pagando a despesa de curativos e botica.

O ano letivo começa a 10 de Janeiro e finda a 10 de Dezembro. Poderão os paes visitar suas filhas todos os domingos à tarde. As meninas de fóra da cidade devem ter correspondente na cidade.

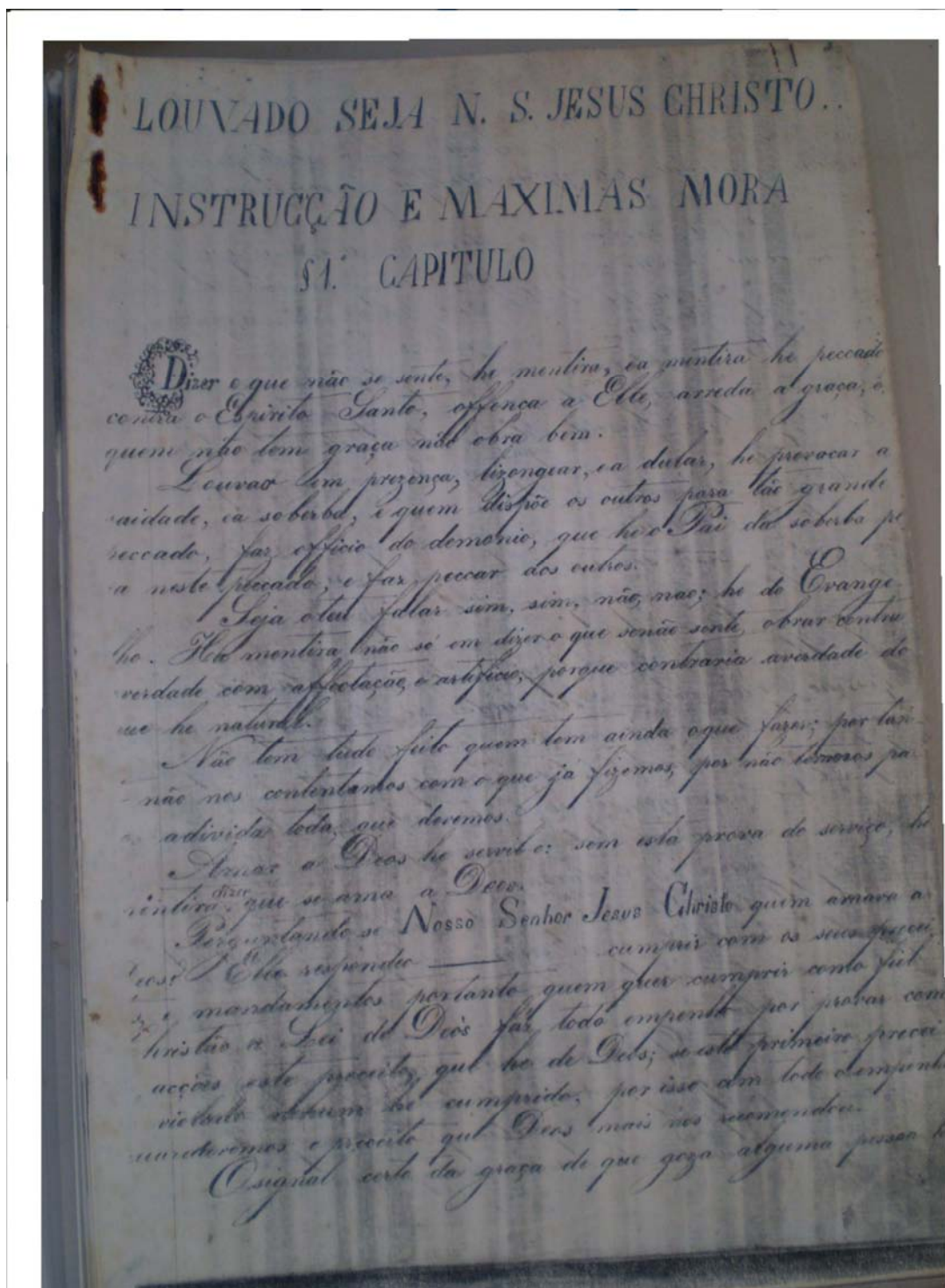
Ao entrar na Caridade as educandas devem trazer os objetos que constam da nota junto:

2 cobertas de chita, 2 lençãos brancos, 2 travesseiros, 4 fronhas, 4 saias e duas toalhas, 2 guardanapos, 6 camisas, 4 pares de meias, 4 de chapatos, 2 lenços de mão e 1 saco para roupa servida, 1 baú, agulheiros, agulhas, dedaes, tesouras, 1 manual de missa, 1 dicionário portuguez, 1 cama ou rede, 1 pente-fino e 1 de alisar.

Pense a Superiora no que agora vou dizer:

As pensionistas devem ser tratadas como as pobres, orphãos, porque uma pataca por dia não chega para alimentar senão a pobres.

Portanto quando imposturas de reclamações vierem por mãos tratamentos, combine a Superiora com a Regente para não aceitar pensionistas. Na Caza da Caridade se passa como na caza do pobre, se muito bom tem muito bom come. E assim que passa o pobre e' como pobre devemos viver nessas cazas para apreciarmos os frutos da santa pobreza".

Instrução e Máximas Morais⁹⁴

⁹⁴ Manuscritos encontrados em Santa Fé que foram transcritos no livro: COMBLIN, José. **Instruções espirituais do Padre Ibiapina**. São Paulo: Ed Paulinas. 1984

mansidão a paz de espirito uma doce consolação, e a
 não não estorpeza; mas, que nos faz simpáticos, como
 as aos cultos. Esse estado gozará toda pessoa que
 ilar o peccado, e occurrir e tétipo fervorosamente no se
 ige de Deus.

Não nos devemos lembrar dos bens que fizer -
 nos como obrar o bem; seja Elle por isso lembrado, e
 tão nós; porque he d'Elle este favor; sem a graça de D.
 ninguém ^{se} o bem.

Das males que obarmos devemos sempre lem -
 rarmos nos para pedirmos a Deus perdão; porque isso
 e obra nossa nascida da malícia do nosso coração.

Quem não ^{emol} impedi, podendo o fazer, he responsavel
 Deus como auctor do mal.

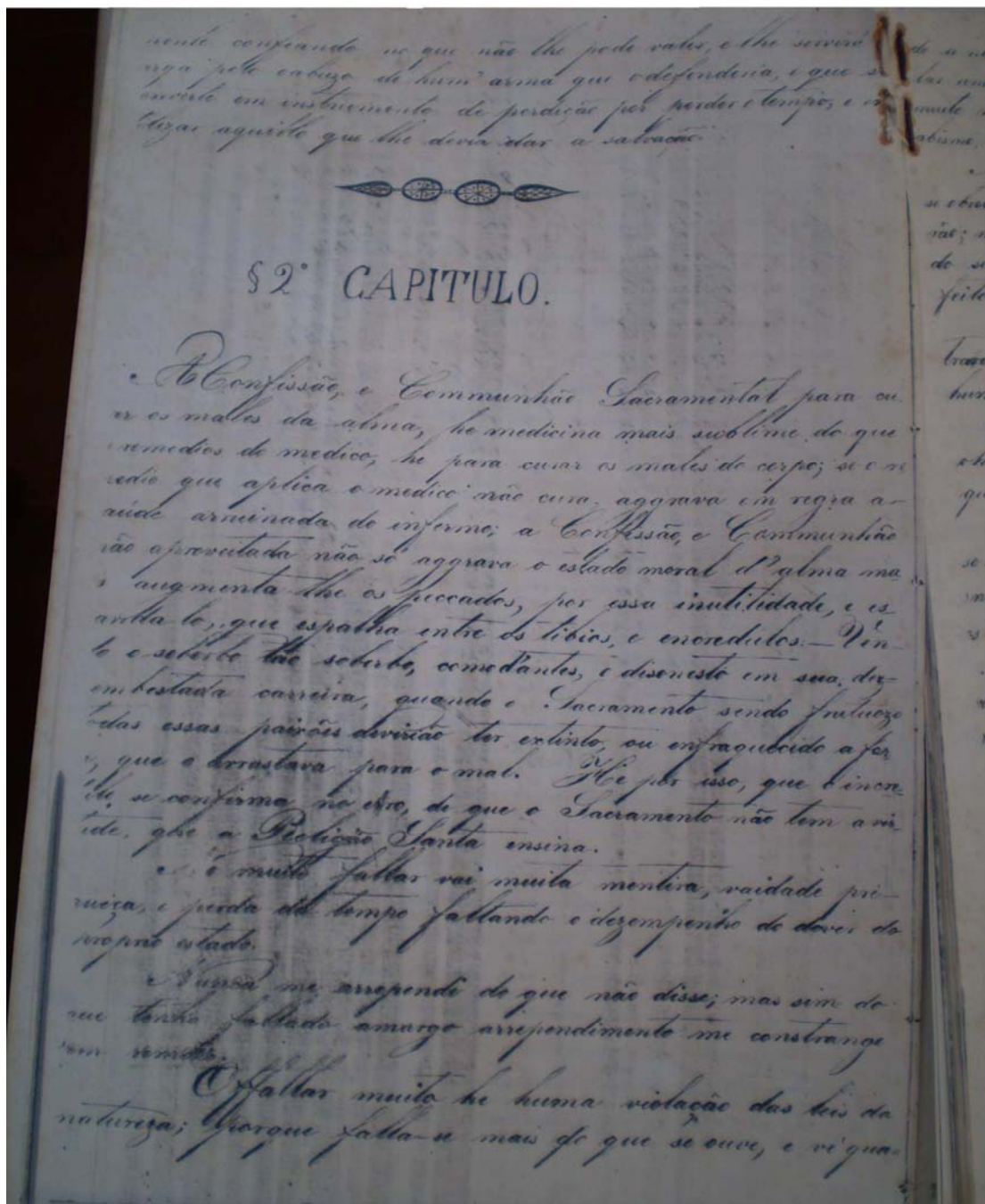
Os que olhão com indiferença para os seus males, e
 próximo sem tomar interesse para remedial os, he en -
 inútil, criminoso; porque não se importa com as offen -
 que a Deus se fazem.

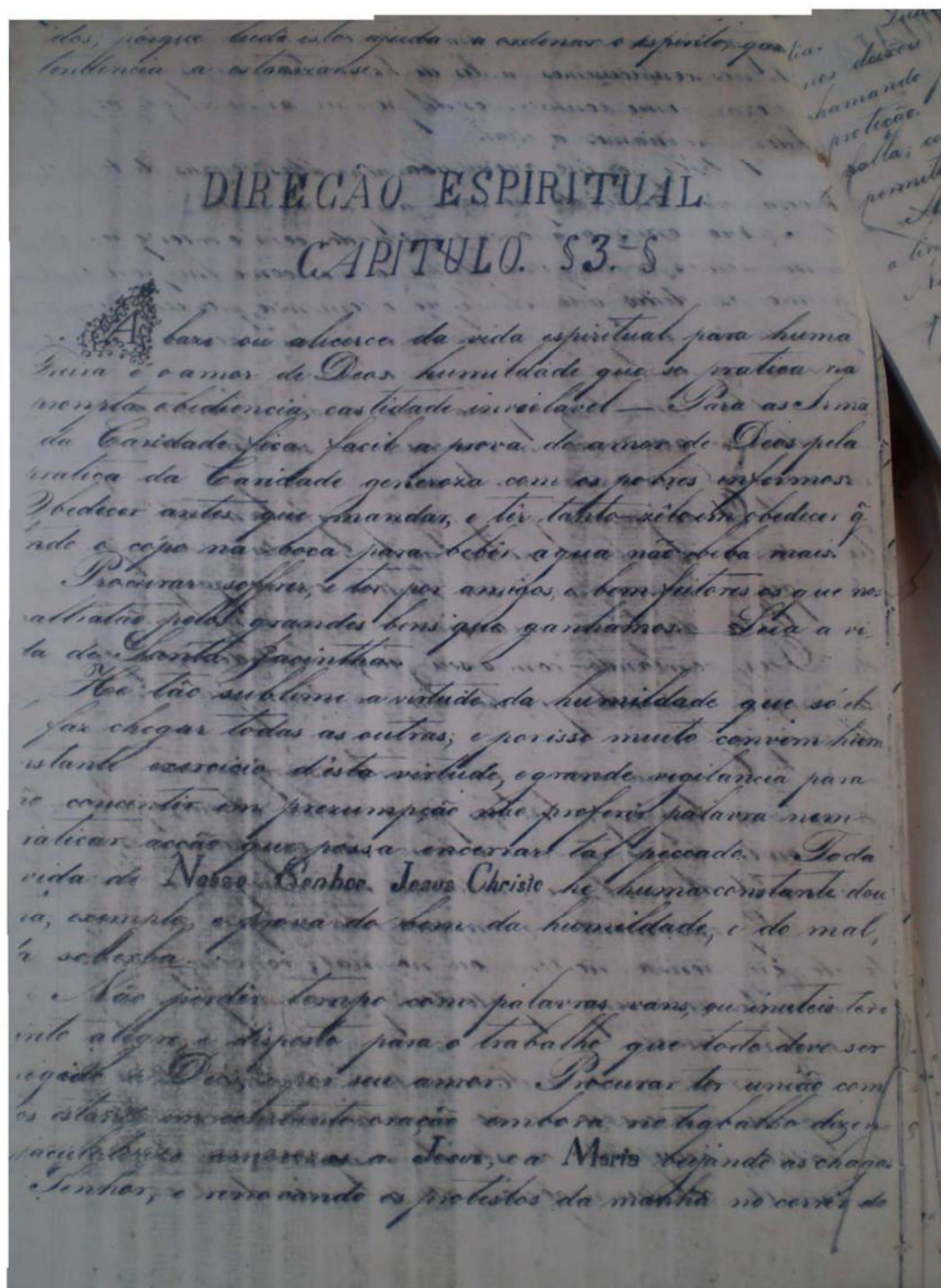
Hum dos grandes peccados contrar Caridade he, o
 cismo, que vem a ser cuidar só de si, e só para si, vi -
 quem tem taes pensamentos he claramente reprovado
 perante o verdadeiro Christo e pensador.

Não nascemos só para nós, cada planta deve dar seu
 ucto, e se não der, deve ser arrancado, e lançado ao fogo
 no. Figueira infructuosa.

O trabalho útil produz alegria, não só porque
 porta e saúde do corpo, mas ainda por afugentar as nu -
 s escuras do peccado, e dar nos em resultado os meios de
 de subsistência.

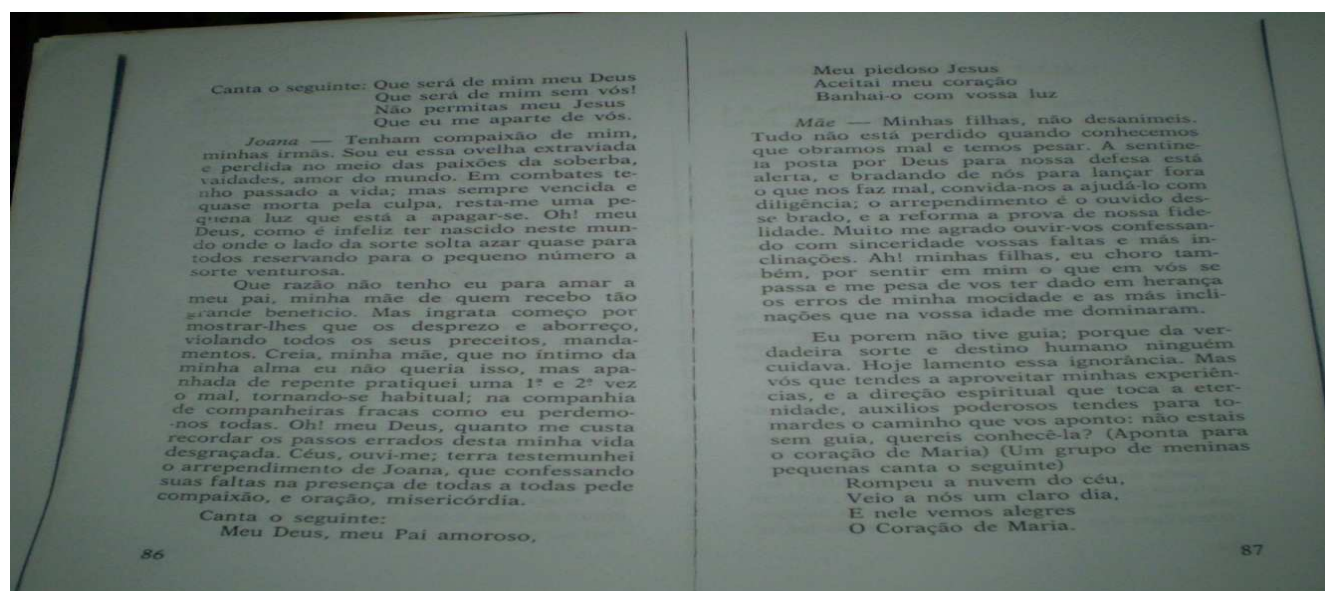
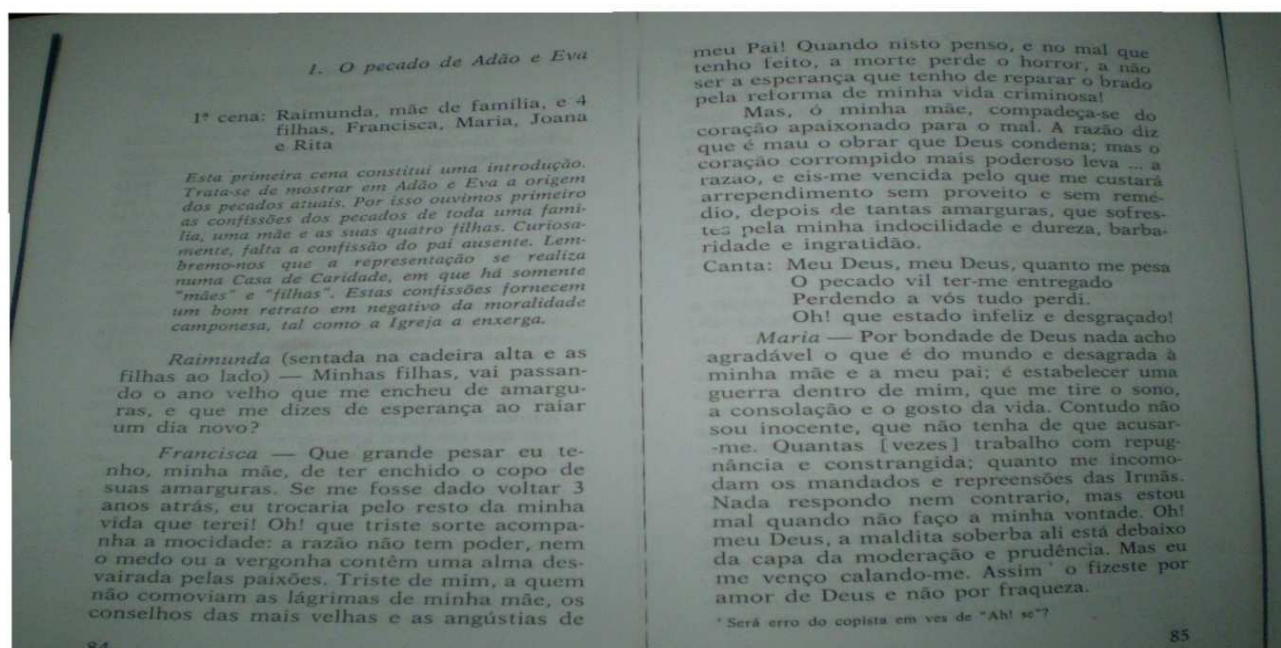
Adoração a Deus he uma necessidade imperiosa para
 humanos, porque graças e com tanta tendência para o
 e sermos impelidos a Aquelle que tudo pode não nos
 cernemos, mudando as más disposições do nosso coração



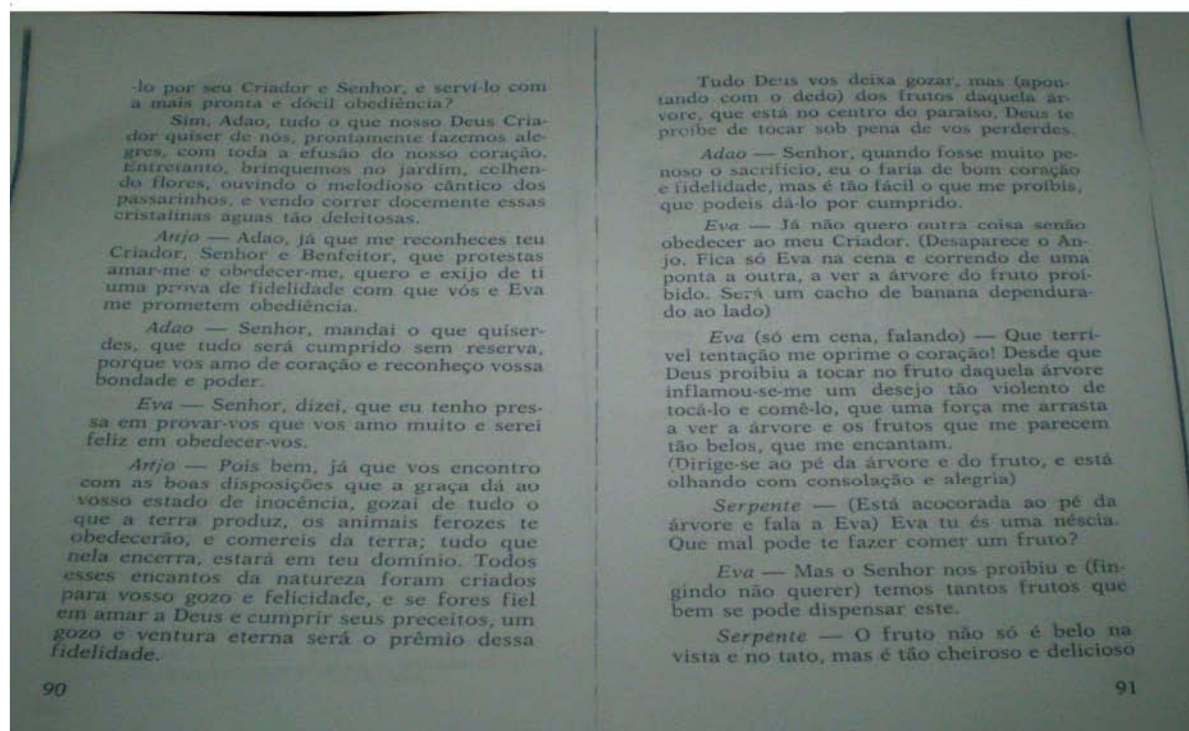
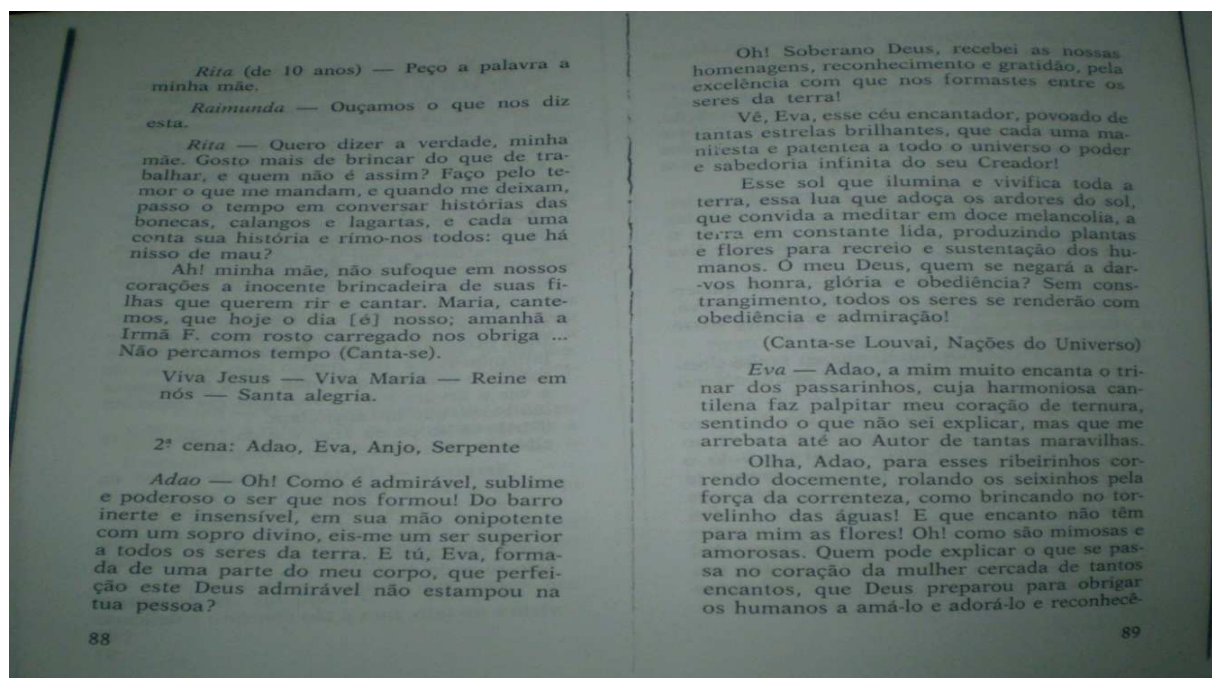


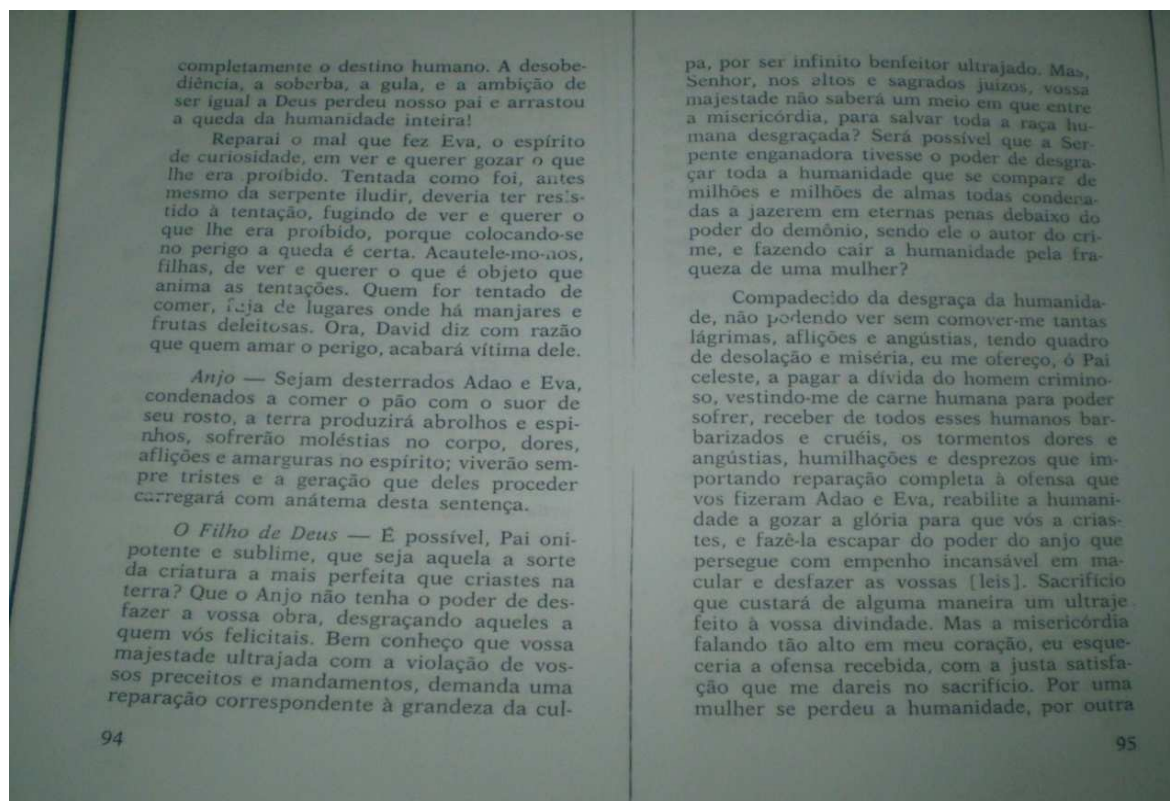
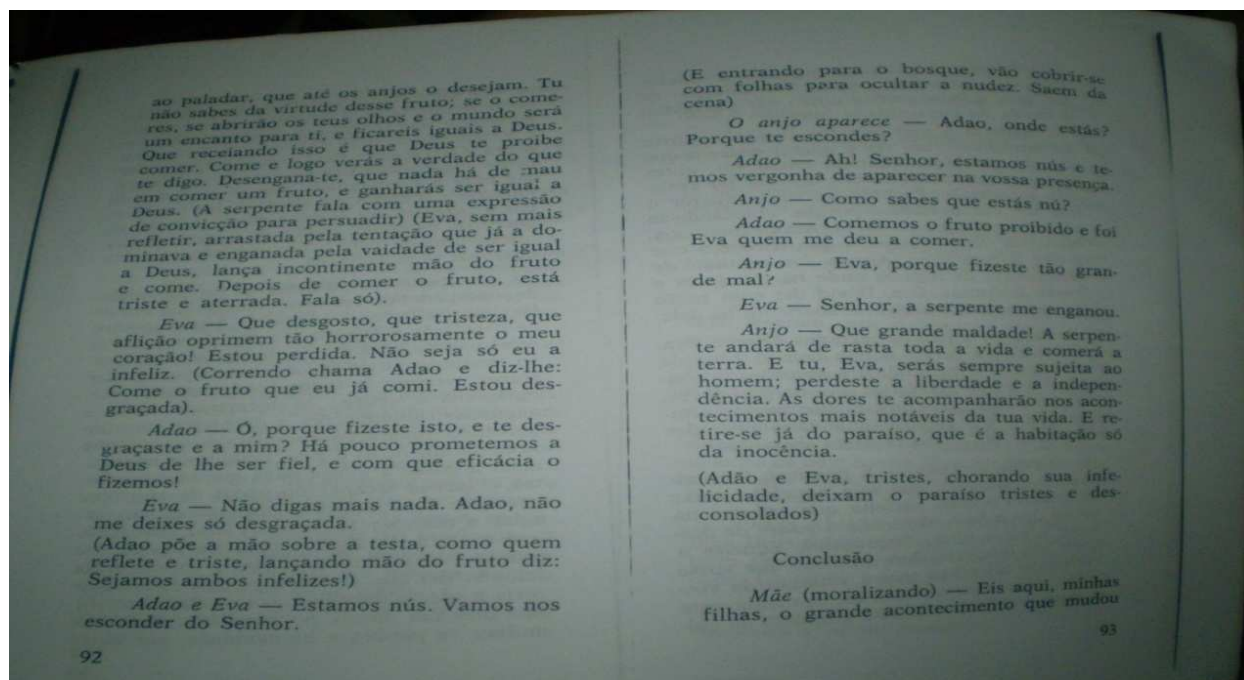
dia. Quando se trata de alguma coisa que o Senhor se occulte
 nos devesse a nós mesmos, e de se cuidar e sustentar em oração
 chamando por elle, por senão estar sem a sua companhia,
 protecção.
 Visão espiritual he curar a Deus que
 falla; convém por isso ter todos os dias algum tempo que
 permita a de oração, e de se sustentar. 978
 e a confissão se com disciplina pelo jejum silêncio, e se tom
 a licença as horas proprias de oração e de se sustentar, e sua.
 Na Sexta-feira em honra de Jesus mortificaria a lingua
 fallando e necessario evitar o paladar, mas as penitencias
 cujas se devem fazer o mais occulto que se possa.
 Quando se recebe alguma graça a ninguém se revela si
 pena de perdoar se essa graça e habilitação se para de tras de
 rem se semente de Director, ao confessor não se dá, exceto
 quando o confessor é o Director. Não se deve ser fãci
 em tomar Director, porque grande penão corre uma e
 ma se está na escola do Director, e por isso poucos têm
 tempo de S. Francisco de Sales se elle for julgado me
 para isso; porque grande é a obediencia que se deve ao Di
 ctor, e ainda nisso pelo haver penão, caíndo por não conhecer
 os espantos, graça que Deus dá semente a quem que de
 vem ser Director. 979
 Amar a pobreza e nada usar que se possa dispensar, lu
 tar a todos com bondade, caridade, não se deixando senão nece
 ssidade de seus deveses. Ser muito devoto de Maria I
 lissima, e S. José verdadeiro Director espiritual a quem con
 sultar as suas duvidas na oração.
 Oração mental que por fructos se colhe chorar a pecc
 dos annos tornamente a Deus, e o proximo. Todos os anno
 ser uma confissão geral de todo anno, porque a alma co
 ra todas as suas faltas, e o confessor conhece se cure a pecc
 mento.



Representações teatrais⁹⁵

⁹⁵ As representações teatrais foram retiradas do livro : COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Ed Paulinas. 1984





seja reabilitada, e será tão forte que pisará na cabeça dessa serpente infernal que a esmague e quebre todos os seus artifícios e malícias, assim se faça.

2. Caim, Abel e Zaira

O autor introduz aqui uma personagem fictícia, Zaira, que entra no diálogo somente para exprimir as lições morais do acontecimento. Zaira é a observadora que tira a moralidade do caso. Assim a catequista não fica na plateia, mas sobe no palco e a lição de catecismo torna-se mais agradável.

O tema desta cena é a inveja, pecado fonte de muitos outros pecados.

Caim (Só em cena, com presença angustiada e irada) — Tudo está conspirando contra mim, os céus, a terra e todos os elementos me angustiam. Cavo a terra ingrata, planto boa semente, e só nasce espinhos e abrolhos. Procuro nas árvores a sombra para abrigar-me de tanto calor que me devora, e a sombra emudece e foge. As águas se tornam cherosas. O que mais me atormenta, é ver Abel feliz, cercado de todos os agraços da vida. Eu o aborreço, e o detesto como a origem de todos os meus males. (Aparece Zaira ao dizer de Caim essas palavras)

96

Zaira (Fala) — Caim, porque odeias a Abel? Que mal te fez ele, que é tão bom, doce e amável?

Caim — Ódio-o, porque ele é feliz e eu sou desgraçado.

Zaira — Caim! grande sem razão! Odiará seu irmão porque ele é feliz não tenho concorrido para tua desgraça?

Caim — Detesto, abomino Abel e todos os que o amam e apreciam, por isso nem mais quero ver-te (Retira-se, ficando só em cena Zaira)

Zaira — Que desgraça é a paixão da inveja, levando com violência a razão, e suplantando os mais sagrados [laços] que ligam o homem ao homem! Repara! no que diz Caim: aborrece Abel porque é feliz, e ele é desgraçado. Já se vê que não é pela razão, que [o homem se dirige na vida], mas pela perversidade de um coração infortunado. Que diferença de indole! Enquanto Caim ordena chamadas de ódio contra Abel, ele inocente nem pensa que alguém o aborreça, por nada ter feito de mal.

Chega Abel — Zaira, damos graças ao Bom Deus onipotente, que derramou sobre a terra abundantes favores a bem da humanidade. Da minha parte me [ha] aquinhoado

⁶ Reconstituição de uma frase incompreensível.
⁷ Interpretação de um texto incompreensível.

97

7. Instruções...

com a doçura da vida. Tenho o meu cuidado só empregado em bendizer a Deus e tratar do meu rebanho. Oh! Zaira, quanto me é agradável e doce viver e morar entre as ovelhinhas e cordeirinhos. Eu moro no tronco de uma árvore, e as ovelhas sonem ali mesmo, e eu, abraçando os cordeirinhos, adormeço e eles são tão meus amigos, que mais berram por mim que pelas ovelhas; apenas apito, correm a procurar-me. Posso eu deixar de agradecer ao Bom Deus tanto favor e agrado? (Chega Caim)

Abel — Caim, como te vai?

Caim — Não me fales, que te aborreço. Tua presença junta as amarguras do meu coração e desesperação.

Abel — Não te aflijas, Caim. Nessas agônias, paixões recorre ao nosso Bom Deus!

Caim — Que dizes? ... recorrer a quem me odeia e maltrata? Não é ele que te fez feliz e a mim desgraçado?

Abel — Deixa, Caim, essas perturbações do teu espírito, e não blasfemes que o Bom Deus te entenderá suplicando-lhe misericórdia.

Caim — Basta! Não me fales mais, que tua presença e palavra irritam ao meu coração sequioso da ausência. (Retira-se, ficando Abel)

Abel — Coitado do meu irmão, que sofre sem reflexão e prudência os males da vida.

98

Queira o Bom Deus adoçar-lhe as amarguras da vida e mudar-lhe a sorte. (Retira-se. Chega Zaira)

Zaira — Que horrível sentimento de vingança e ódio imprime no coração humano a inveja!

(Caim corre, grita, blasfema por entre os bosques, ardendo em vingança contra o inocente Abel)

Oh! Bom Deus, como o coração que fizeste tão perfeito e bom, se tornou perverso! (Chega Caim)

Caim — Zaira, onde está Abel?

Zaira — Deve estar no tronco da árvore onde mora com as suas ovelhas.

Caim — Pois bem, lá irei pôr termo aos meus desesperos.

(Sai apressadamente. Zaira só em cena)

Zaira — Oh! meu Deus que irá fazer Caim com tanto ódio a Abel, que inocente, não julga das más entranhas vingativas desse degenerado irmão? (Sai)

(Canta-se a segunda parte)

Caim (ensanguentado na cena) — Ah! Desesperação e horror: matei Abel! Montes caí sobre mim! Céus descarregai raios vingativos! Oh! que horrível visão me persegue! Vejo por toda parte Abel gotejando o sangue que derramei, e com ar piedoso olhar-me como quem me ama. Oh! que horrível situa-

99

ção! Não posso conciliar sono, fujo para os bosques. Lá vejo Abel pelos campos. Cavo na terra um buraco e me meto dentro: ali está Abel. Fixo os olhos: ali está Abel. Grito e o eco da infâmia responde: mataste Abel.

(Chega Zaira)

Zaira — Caim, tua desesperação é o castigo do teu enorme pecado. Mataste ao inocente, e em punição deste crime, como só as penas do inferno fossem poucas, desde já sofres todos os seus horrores.

Caim — Basta! Zaira, não me sejas cruel. Antes, se sabes o meio de fugir de mim mesmo, ensina-me. Abel! (dá um grande grito): ali está! Abel ensanguentado! Que horror, que medo, que desesperação me causa esta vista! Eu fujo e me retiro com horror de mim mesmo.

Zaira (fazendo as reflexões morais) — Eis aqui, minhas irmãs, uma lição que a sagrada escritura nos dá para fugir com horror da cruel e perversa inveja.

É a inveja uma paixão vil, só própria dos espíritos baixos, que, não podendo praticar ou possuir bens ou virtudes, que outros têm, rebela-se com ódio mortal até obrar o que obra Caim com o irmão. É uma infelicidade do coração humano ambicioso de estima e grandeza odiar o merecimento sublime das virtudes.

100

Platão já tinha dito que se no mundo aparecesse alguém perfeitamente virtuoso, o mundo se conspiraria até matá-lo cruelmente, como fizeram os judeus com Jesus, por inveja. Foi sem dúvida a inveja que crucificou Jesus, e Abel é o retrato fiel de Jesus. Teve a sorte que depioramos nesta trágica cena.

Disse em paixão vil, porque na soberba há um ar de grandeza d'alma, e a levaram para grandes empresas. Nas paixões de amor se vê fraqueza e miséria, e assim em outras paixões que perdem aos humanos. Mas na inveja há vileza, soberba com covardia. Odeia-se sem razão, nem motivo algum.

Portanto, detestemos esse pecado mortal, origem dos grandes males que afligem a humanidade, e basta lembrarmos-nos que foi esse pecado que fez sofrer o bom Jesus os tormentos da cruz, para votar-lhe horror, e por-nos em cautela contra ele. Em se vendo intrigas contra pessoas de merecimento, antipatia ao mérito, podemos estar certas que a inveja anda aí descoberta ou às escondidas, fazendo todo o mal a quem inveja.

Valha-nos o Bom Jesus e nos livre da inveja.

3. O filho pródigo

No manuscrito esta cena não traz título, mas o assunto está claro. Aqui Ibiapina introduz três personagens não bíblicas: duas mulheres,

101

Rita e Benedita que fazem o coro e comentam os acontecimentos, e um companheiro do dissipado do filho pródigo: Chalaça. Por outra parte o filho fiel não aparece. A cena insiste muito mais na descrição dos pecados do filho pródigo do que no perdão do pai. Ibiapina moraliza de acordo com a mentalidade do seu tempo. Importa-lhe em primeiro lugar afastar do pecado. A prática do perdão fica totalmente marginalizada.

Filho — Meu pai, já estou chegando à idade em que ela me concede cuidar da minha vida e promover os meus interesses. Até hoje tenho estado às vossas ordens e obediência, mas agora é a Lei que me autoriza a gozar da liberdade a que todo homem tem direito.

Pai — Meu filho, com estas razões me provas que nenhum amor me tens. Por ventura, concedendo-te a Lei o direito de viveres sobre ti, te obriga a deixares a companhia do teu pai, que sabes, muito te ama, e que, se passa de ti, sofrerá penosas e amargas saudades?

Filho — Não é outra ... a ordem do mundo: convém que cada um cuide de si e não se deixe arrastar por afeições naturais que o embarcem a promover seus interesses e prosperidades.

Pai — Meu filho, não é só a saudade que a tua ausência me causa, é também o temor que te não extravies. O mundo é cercado de corrupções de maus exemplos, re-

102

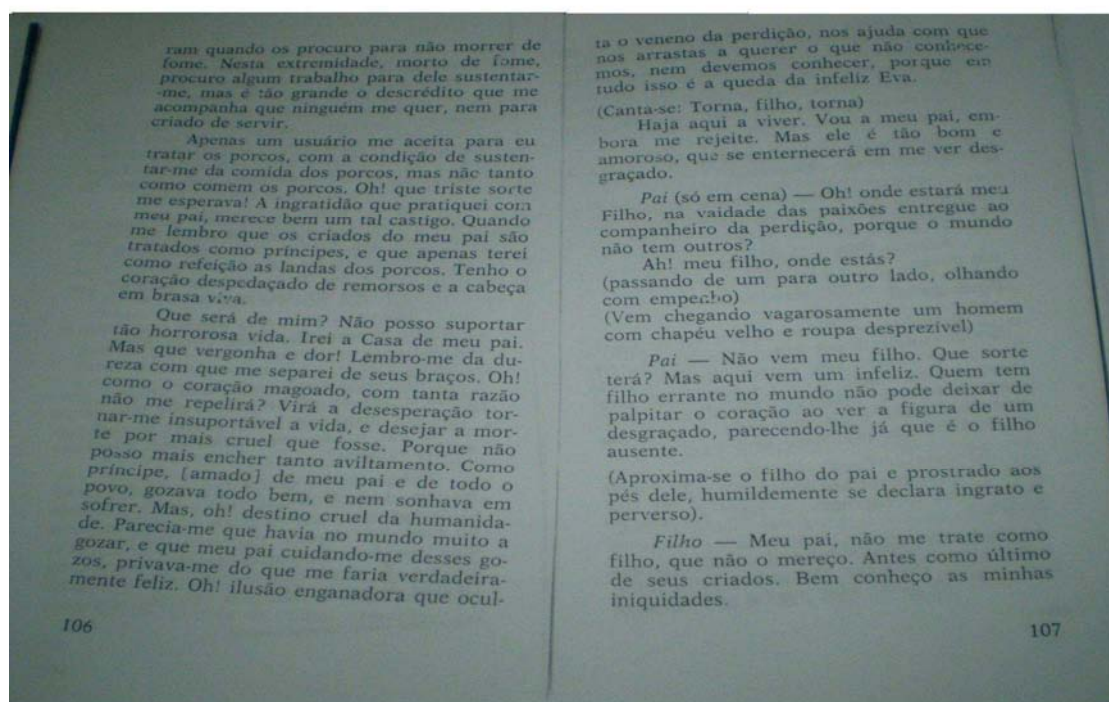
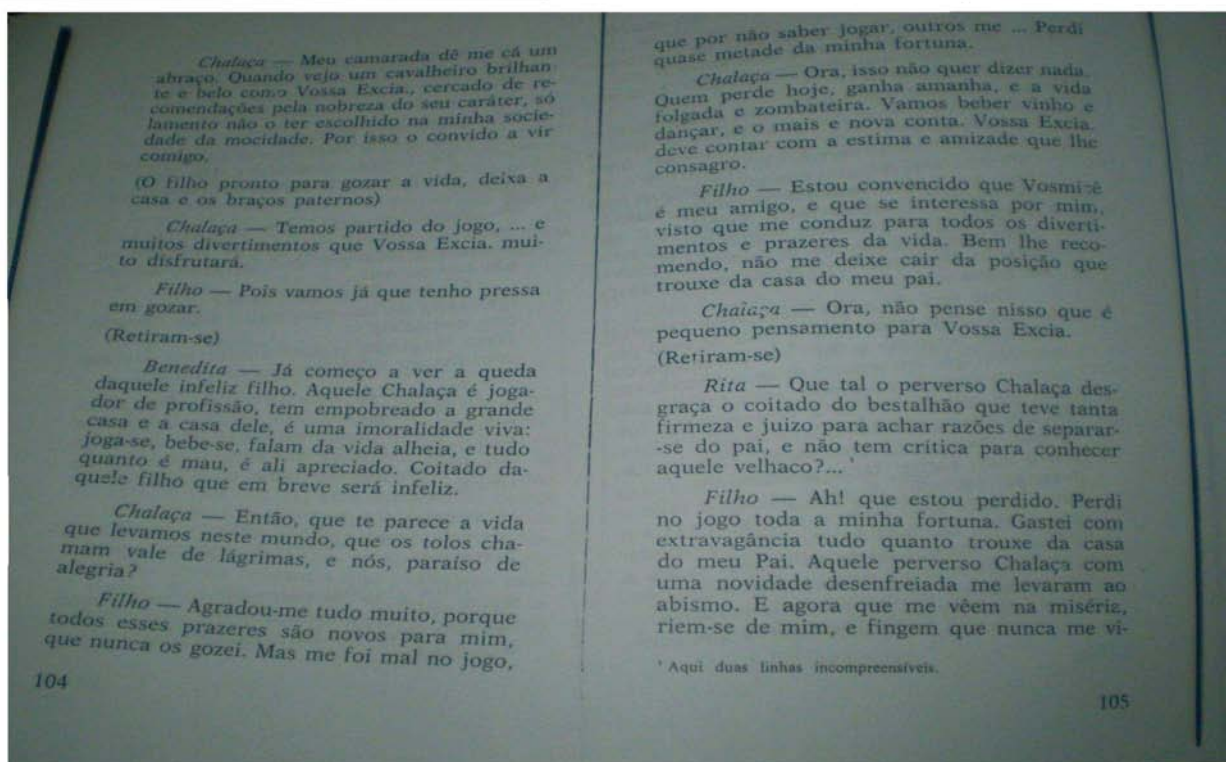
bentando aos pés estímulos para a maldade, sem ter quem nos arrede com conselhos. Quando excitados pelos maus conselhos e gente perdida que só acha agrado no que é mau. Na tua idade, sem experiência, tenho pesar de temer alguma fatal queda.

Filho — Meu pai, não se assuste com a minha sorte, porque sou eu o responsável pelas más ações, mas confio no meu juízo e reflexão que não me hei de perder. (E desprendendo-se com pressa dos braços do pai que saudoso lhe diz: adeus, filho, filho do meu coração, retira-se)

Benedita — Que te parece, Rita, a dureza de coração daquele filho? Parecia impossível que se tendo um pai tão amoroso e bom, que um filho tivesse pressa em separar-se dele com tão duras razões e tanta insensibilidade.

Rita — Queres saber, Benedita? Não tenho visto outra coisa neste mundo: bons pais, maus filhos, e quanto mais empenho têm os pais em felicitar os filhos, mais suspeitos se tornam. Não sei onde está a razão disso. Mas espera, Benedita, que ao seu tempo virá a queda, porque Deus nem sempre guarda a punição para a eternidade. Aqui mesmo os tenho visto sem remédio maldizer suas palavras e durezas contra seu pai, causa de infelicidade tão grande que os traz amargurada toda a vida. Oh! a chorar!

103



Pai — Filho, vem aos meus braços saciar a saudade que me causaste, e os temores de te não ver mais, perdido no turbilhão do mundo depravado. Não me fales mais em teus erros. Desde que te mostras arrependido, mais te amo que teu irmão que sempre me fez companhia e com fidelidade, porque tu erás um filho perdido que achei. O gozo de achar o perdido que com empenho se desejava e procurava, é maior do que gozar o que se tem sem perigo de perder-se. E para prova da minha sinceridade, haja hoje festa nesta casa e alegria, por desforrar-me de tão longa tristeza.

Reflexão

Nesta importante cena apresentada por Nosso Senhor Jesus Cristo no santo Evangelho, se reconhece quanto perde o filho ou filha que abandona a casa de seus pais na esperança de encontrar gozos que uma imaginação [pervertida] pela tentação do demônio, faz aspirar contra o amor e as carícias paternas. O filho pródigo deseja desprender-se dos braços paternos, porque o pai o reprimia e não consentia que praticasse maldades. Mas ele entendia ser mau, o que a dolorosa experiência própria o convenceu ser justo, infelizmente.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Tipo de Entrevista: Entrevista de caráter exploratório e com questionário pré-estruturado.

Pessoas escolhidas: Aquelas que conviveram diretamente com o Santuário de Santa Fé após a morte das últimas Irmãs de Caridade.

Objetivo: Detectar dados que contribuirão na análise da história da Casa de Caridade Santa Fé através das falas dos entrevistados tendo a cautela de analisar se os fatos narrados condizem com a realidade da época.

Questionário:

1. Qual a sua experiência com Santa Fé?
2. O que aconteceu com Santa Fé após a morte das últimas Irmãs de Caridade?
3. Em que ano surgiu "os caminhos do Padre Ibiapina"? Quem foram seus principais incentivadores? Como funciona?
4. Sabemos que para a Igreja Católica, na maioria das vezes, cada santo intercede por uma causa específica e que em Santa Fé há uma grande quantidade de fotos, cartas e ex-votos. Quais são os pedidos mais freqüentes dirigidos a Ibiapina?
5. Há pouco tempo atrás Irmã Vera e Irmã Gloria residiram em Santa Fé em que ano elas saíram? Atualmente quem reside em Santa Fé?

Observações: O questionário estará sujeito a modificações caso, no decorrer das entrevistas, sejam suscitadas possíveis questões de caráter relevante, a partir das falas dos informantes.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A caridade segundo Ibiapina: História e Imaginário em Santa Fé** está sendo desenvolvida por **Danielle Ventura Bandeira de Lima**, aluna do Curso de Pós Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Carlos André Macedo Cavalcanti

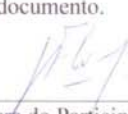
O objetivo do estudo é conhecer mais sobre a história da Casa de Caridade Santa Fé através da análise dos relatos de pessoas que com ela conviveu após a morte das últimas irmãs de caridade.

Solicitamos a sua colaboração para entrevista, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de humanas e publicá-lo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa

Pe. JOSÉ FLOREN

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A caridade segundo Ibiapina: História e Imaginário em Santa Fé** está sendo desenvolvida por **Danielle Ventura Bandeira de Lima**, aluna do Curso de Pós Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Carlos André Macedo Cavalcanti

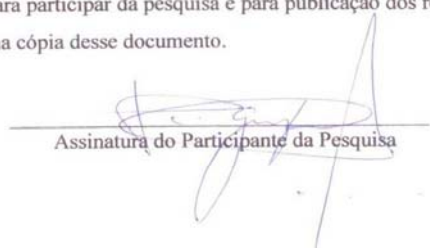
O objetivo do estudo é conhecer mais sobre a história da Casa de Caridade Santa Fé através da análise dos relatos de pessoas que com ela conviveu após a morte das últimas irmãs de caridade.

Solicitamos a sua colaboração para entrevista, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de humanas e publicá-lo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa

ENTREVISTA COM PADRE GASPAR

Danielle: - **Qual a sua experiência com Santa Fé?**

Pe Gaspar:- Eu conheci a fundo a história de Ibiapina por que vivi em Arara como menino, convivia com os padres holandeses e senti a história de Ibiapina na história do povo de Arara. Então hoje Ibiapina tá na vida de todo ararense. Até evangélicos não tem o que falar de Ibiapina porque vê Ibiapina como padre e como educador não é uma idolatria que se faz do Padre Ibiapina. É um homem de Deus que viveu a experiência de Deus numa época difícil da Igreja. Final do século XIX, a Igreja passava por uma crise grande e ele soube segurar sua vida espiritual e na sua vida como educador, como professor e confessor. Ibiapina foi um grande homem de Deus para o século XIX. Para a igreja no Brasil e o Nordeste da Paraíba. A história de Ibiapina está na história do povo do Brejo. Ibiapina inovou o estilo de educação se você fazer uma análise do estilo de Ibiapina como educador e recentemente o padre Ernando de João Pessoa lança o livro, crônicas que ainda não tinham sido publicadas de Ibiapina.

Danielle: - **O que aconteceu com Santa Fé após a morte das últimas Irmãs de Caridade?**

Pe Gaspar:- Bem, como começou isso? Quando Ibiapina faleceu Sta. Fé era uma fazenda, que era administrada por João Pessoa. João Pessoa que mandava em Guarabira, não existia Diocese. Sta. Fé era uma fazenda muito cobiçada porque Ibiapina fez todo aquele projeto dentro de uma mata. Então, o Monsenhor Coutinho, era um homem de influência aqui em João Pessoa na Igreja da Paraíba e então Monsenhor Coutinho junto ao Arcebispo da época deu autorização a um parente dele de Arara, Marizio da Cunha Moreno que é irmão do ex-desembargador Mario Moreno. Eles eram três irmãos influentes na Região. Um, agropecuarista, Marizio, um desembargador e outro médico. Então ele administrou Santa Fé por um tempo e onde surgiu também na Paraíba as ligas camponesas e Pedro Teixeira, a esposa dele, a liga camponesa de Mari teve influência muito grande em Arara e então foi quando nasceu o sindicato rural em Arara e o Sindicato quis tomar Sta. Fé. Ela foi palco de uma história de batalha, até de foice, de faca, de revolver e Marizio Moreno não queria entregar a propriedade de Sta. Fé e nesse período que ele assumiu, não sei se ele ou quem, só sei que sumiu muita coisa de Sta. Fé. Então no início do pós-morte de Ibiapina a igreja não cuidou com muito carinho. A igreja foi omissa na história após a morte de Padre Ibiapina e era pra ter preservado e hoje tem uma das maiores congregações no Brasil. Tendo em vista que Sta. Fé estava a mercê de quem quisesse. Então os padres vindo da Holanda que estavam em missão na África nos de 68 a 69, não conheciam o Brasil e nem a Paraíba e chegando a Paraíba se ofereceram para fazer um trabalho na Paraíba. Dom José Maria Pires mandou que esses padres viessem para o Brejo. Aquela época já era uma época de conflito agrário grande. Então um ficou em Pilões (Mateus), Conrado em Serraria (Borborema), Lambert em Arara, Irmão Leonardo ficou também em Sta. Fé, morando em Sta. Fé. Aí os holandeses conheceram a história de Ibiapina e começaram a fazer memória de Ibiapina. Uma vez por ano dia 19 de fevereiro, aniversário da morte dele, celebravam missas, eu ainda acompanhei muitas missas como menino em Arara e depois que esses holandeses viveram 30 anos em Arara, que guardaram a memória de Ibiapina, resgataram a vida de Ibiapina foi tempo que a Diocese foi criada, foi desmembrada de João Pessoa tornando-se autônoma e Dom Marcelo que era Bispo auxiliar de Dom José Maria Pires foi o primeiro Bispo de Guarabira. Então Dom Marcelo começou a viver a experiência de Ibiapina e em 86 (se não me falhe a memória em Arara a procissão) o retrato que eu saia na mão com quatro pessoas no dia 19 de fevereiro, daí cada ano ia aumentando. Colocamos o retrato no andor com a permissão dos padres e Dom Marcelo vendo que a procissão estava grande. Dom José Maria Pires em Alagoa Seca organizaram em 88 um Seminário sobre a vida e a obra de Ibiapina com a presença de sociólogos, teólogos, estudiosos também da época de Ibiapina. De 88 a 92 cresceu a devoção sobre o nome de Ibiapina e Dom Marcelo em 92 abriu o processo de canonização, na época eu era vereador em Arara e seminarista, então ele me nomeou como notário da causa. Notário é uma espécie de escrivão, juntamente com dois padres que era um juiz e um promotor. Esse tribunal estudou a vida de Ibiapina a partir de três aspectos, chama-se as virtudes cardeais: fé, esperança e caridade. Se Ibiapina viveu em sua vida cristã e de Padre essas virtudes cardeais. Aí depois teve a parte histórica nos escritos de Ibiapina sobre a vida de Ibiapina. Então em 1992 foi aberto esse Processo, Dom Marcelo

continuou a devoção, o sonho dele era levar Frei Damião a Sta. Fé. Ele conseguiu levar Frei Damião foi uma grande missão que aconteceu em Guarabira e Frei Damião teve a graça de ir ao túmulo de Ibiapina. Dom Marcelo quis unir o missionário do século XIX ao missionário do século XX. Eu acompanhei Frei Damião nessa presença lá. Depois com a saída de Dom Marcelo para João Pessoa veio Dom Muniz que passou 9 anos como bispo em Guarabira se apaixonou pela Causa de Ibiapina e então ele tinha uma forte ligação com o Governador Maranhão que construiu além da Diocese de Guarabira muitos monumentos, reconstruiu a Igreja em Araruna, construiu o Santuário da Pedra da boca em Araruna depois ele quis dar o presente ao Padre Ibiapina construindo todo o anfiteatro. Fez um auditório que cabe sentado 500 pessoas e o Anfiteatro sentado cabe 7000 pessoas. Depois o padre Cristiano foi aquele que conseguiu ajuda na Alemanha para restaurar a casa de caridade. Hoje a casa de caridade é linda graças ao apoio dos irmãos da Alemanha que acharam que não podia deixar cair a memória de Ibiapina que era a Casa Mãe das 22. Depois Dom Muniz instituiu que todo dia 19 de cada mês não importa o dia que caia tem essa missa, onde a devoção é grande, é grande os peregrinos que chegam a Sta. Fé. Depois Dom Muniz em comum acordo com o Governador atual Cássio Cunha Lima conseguiu criar as trilhas do Padre Ibiapina. Essas trilhas que ligam sempre Frei Damião a Ibiapina. Criou essas trilhas e são muitos peregrinos que freqüentam. Dom Muniz vai para Maceió e o Papa Bento XVI nomeia o Bispo de Campina Grande como administrador apostólico. Dom Jaime Vieira Rocha e nessa vacância de Dom Muniz até chegar Dom Lucena, Dom Jaime fez sua parte elevando Santa Fé a Santuário. Lá era um espaço de romaria, mas não tinha o título de Santuário. Então Roma tem conhecimento de que o local que morreu Ibiapina agora é um Santuário oficial da Igreja. Mas o que é o santuário? Santuário é um lugar santo, sagrado. Elevou a santuário o memorial de Frei Damião onde sou o reitor, o Santuário da Pedra da Boca que tem Padre Nilson Nunes como reitor, da Sagrada Família em Bananeiras que tem como reitor Padre Assis Inácio, elevou Santa fé a Santuário do Padre Ibiapina que tem como reitor padre José Floren e agora a tendência é cada vez mais crescer. Esses Santuários são ligados entre si para resgatar a memória de Ibiapina como grande missionário do século XIX e de Frei Damião que está bem mais novo na memória do povo. Essa foi a ponte que a igreja achou para ser canal de evangelização. Eu contribui modestamente com a memória de Ibiapina pois tenho uma procuração de Dom Marcelo me dando carta branca para investigar sobre Ibiapina no povo.

Danielle: - Há pouco tempo atrás quem residia em Santa Fé era Irmã Vera e Irmã Gloria, em que ano elas saíram? Atualmente quem reside em Santa Fé?

Pe Gaspar: - Antes delas a casa de caridade de Sta Fé, a casa paroquial próximo a casa de caridade era com os padres holandeses, ai depois venho os padres brasileiros que tiveram por lá mas não assumiam a casa. Glória e Vera são leigas, irmãs religiosas do movimento MFrac, é o movimento que acolhe meninos de rua e elas são da Bahia vieram fazer essa experiência em Sta Fé. Dom Muniz saiu de Sta Fé para Alagoas e convidou elas para trabalhar lá. Então hoje Santa fé é ocupada pelas irmãs franciscanas de Areia.

Danielle: - Em que ano surgiu "os caminhos do Padre Ibiapina"? Quem foram seus principais incentivadores? Como funciona?

Pe Gaspar: - Dom Muniz achava por bem fazer a grande ligação Frei Damião, missionário do século XX, Ibiapina do XIX então ele achou por bem levar essa proposta ao governo do Estado. A UNIPÊ fez um seminário para comemorar os duzentos anos de Ibiapina e uma ONG. PARAIBA, que com o governo do Estado mapeou quatro trilhas que sai de Frei Damião a Padre Ibiapina. Essas trilhas podem ser feitas a pé, a cavalo ou de bicicleta. Eles mapearam ao estilo de Santiago de Compostela. Para que o andarilho peregrino tenha a sensação de caminhar por onde Ibiapina caminhou. Ibiapina caminhou tudo isso a pé e chegou a percorrer Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, parte do Maranhão mais de 1000000 km² a pé ou a cavalo. Ibiapina passou por Guarabira então Dom Muniz teve essa feliz idéia de fazer essas trilhas que saem daqui de Frei Damião ao Padre Ibiapina passando por ambientes bonitos. Esta trilha é aberta anualmente todo mês de 15 a 19, onde os peregrinos freqüentam, visitam, adquirem o passaporte e esse passaporte é o mesmo estilo de Santiago e Compostela. Esse passaporte carimba no Frei Damião, carimba na Igreja Nossa Senhora de Fátima, carimba no Roncador, carimba em Solânea Chã Sta Tereza, em Bananeiras, no Sitio Sacro de Arara e por ultimo em Santa Fé. Quem faz essas

trilhas pode dizer que está revivendo a história de Ibiapina. Se dá um certificado com a marca da flor do cedro.

Danielle: - **Qual o significado da Flor do Cedro?**

Pe Gaspar: - Cedro é uma árvore que resiste ao tempo e o símbolo da flor do Cedro como um marco em todo aquele que faz a peregrinação tem esse sinal de que recebe a flor do cedro como Memória histórica do Padre Ibiapina por ser da época de Ibiapina. Tá lá em Sta Fé no cemitério que era dos beatos por traz do tumulto de Ibiapina existia esse pé de cedro e sempre colocava flor e nunca faltou. Flores são da natureza. Por lá passou umas freiras Glória e Vera, elas tinham um carinho muito especial por Padre Ibiapina e colhiam todas as flores de cedro que caíam e hoje quem está é a Irmã Letícia que parece que continua essa experiência e ornamenta o altar.

Danielle: - **Sabemos que para a Igreja Católica, cada santo geralmente intercede por uma causa específica e que em Sta. Fé há uma grande quantidade de fotos, cartas e ex- votos. Quais são os pedidos mais freqüentes dirigidos a Ibiapina?**

Pe Gaspar : - Engraçado padre Ibiapina é um santo casamenteiro porque todas as jovens que chegavam no convento ele acolhia com muito carinho e todas passaram por uma aprendizagem profunda. Naquela época a jovem para casa teria que saber cozinhar, saber bordar, fazer tricô, fazer a culinária e a prova está nos escritos e no mural do refeitório de Sta Fé (faz referência aos quadros pintados pelos Irmãos Thaizé). Aquelas que quisessem continuam em Sta Fé continuava, as que não ele casava. Existem promessa para Ibiapina para arrumar um bom casamento. Depois a gente olhando na casa dos ex votos, nós vamos ver lá uma diversificação de pedidos. São muitos! Então não podemos dizer que Ibiapina é um santo que intercede a Deus só por uma causa e sim sob todas as causas. Quem sabe até de uma causa justa já que ele foi advogado na terra, quem sabe muitas pessoas conseguem causas na advocacia e no direito por intercessão de Ibiapina? Depois ele foi professor, muitos professores ou alunos conseguem causas a partir de Ibiapina. Ele foi deputado será que muitos não conseguem crescer na política com a mãozinha de Ibiapina? A igreja irá canonizar Ibiapina como santo de diversas causas. Ibiapina também serve de modelo para nós padres, pois podemos olhá-lo como modelo de sacerdote da época para o concílio de Trento que na época a Igreja era muito fechada, Padre Ibiapina era muito aberto. Hoje um padre que faça o que ele fez pode achar que é moderno, mas não é. Ibiapina fez no século XIX. A igreja que era estilo fechado. A igreja do Concílio de Trento era diferente do Vaticano II, hoje o sacerdote usa roupa normal como eu uso. Naquela época era celebrada em latim de costa para o povo. Hoje tem toda essa facilidade de interagir com o povo. Ibiapina deve ser também grande intercessor da missão sacerdotal.

ENTREVISTA COM PADRE JOSÉ FLOREN

Danielle: - **Qual a sua experiência com Santa Fé?**

José Floren : - Eu tenho a honra de ser, hoje, o reitor do Santuário Padre Ibiapina.

Danielle: - **Quando Santa Fé foi elevada a categoria de santuário?**

José Floren : - Santa Fé foi elevada a categoria de santuário em 15/06/2007 por Dom Jaime Vieira Rocha, administrador apostólico da diocese de Guarabira, que assumiu o governo da diocese depois da saída de Dom Muniz até a chegada de Dom Lucena, Santuário Padre Ibiapina, isento do regime paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Piedade de Arara. E fui nomeado o seu reitor.

Danielle: - **O que aconteceu com Santa Fé após a morte das últimas Irmãs de Caridade?**

José Floren : - Em 1968 Dom José Maria Pires entregou a paróquia de Pilões (e de Serraria) a Ordem dos Conegos Regulares Lateranenses_- OCRL -(holandeses). Arara fazia parte da paróquia de Pilões. Pe. Matheus ficou em Pilões, padre Conrado em Serraria, e padre Lamberto em Arara Ali funcionou uma escola técnica. Depois que a diocese mudou o destino da casa (com a entrada do processo de canonização) os conegos devolveram a casa a diocese. E a diocese encontrou as " Missionárias da Fraternidade Cristã - M.Fra.C (Salvador-BA) da qual faziam parte a irmã Vera e Glória.

Danielle: - **Há pouco tempo atrás Irmã Vera e Irmã Gloria residiram em Santa Fé, em que ano elas saíram? Atualmente quem reside em Santa Fé?**

José Floren : - Irmã Vera e Glória acompanharam Dom Muniz pra Maceio em janeiro de 2007.Em janeiro de 2007 chegaram as Irmãs Franciscanas de Dillingen (Areia): Irmã Maria Leticia Granjeiro do Oliveira, Maria Candeia de Lima, Maria Higina Bemvenuto da Silva, Maria Verônica da Silva Feitosa. (Obs. Dom Muniz administrou pessoalmente Santa Fé. Dom Jaime não tinha como acompanhar Santa Fé, por isso eu fui nomeado um reitor para administrar "Santa Fé". As irmãs Vera e Glória tinham dificuldades para entrar nesta nova realidade. Como eu era ex-vigário de Areia e bem relacionado com as irmãs Franciscanas de Dilligen por minha conta procurei as irmãs.

Danielle: - **Em que ano surgiu "os caminhos do Padre Ibiapina"?Quem foram seus principais incentivadores? Como funciona?**

José Floren : - O projeto "Caminhos do Padre Ibiapina" foi desenvolvido em 2004 pela Diocese de Guarabira, governo do Estado, Sebrae e a ONG Para'íwa. O projeto faz parte do roteiro oficial do turismo religioso no Estado, através da reconstrução dos caminhos percorridos pelo padre durante sua obra de evangelização no interior paraibano.

Danielle: - **É verdade que no aniversário de morte de Ibiapina a romaria dirigida a este local é considerada a terceira maior do nordeste?**

José Floren : - Sim, atinge mais de 15 mil romeiros

Danielle: - **Sabemos que para a Igreja Católica, cada santo geralmente intercede por uma causa específica e que em Santa Fé há uma grande quantidade de fotos, cartas e ex- votos. Quais são os pedidos mais freqüentes?**

José Floren : - Os pedidos expressam as preocupações do povo. Em 1º lugar vem a preocupação com a saúde. Depois emprego, paz na família.

Danielle: - **Como anda o processo de canonização de Ibiapina?**

José Floren : - A responsabilidade é da diocese de Gaurabira. Sofreu com a mudança de bispo. Está parado em Roma, pois pediram para reformular o pedido. Esta faltando alguém para acompanhar o processo de mais perto.

Observações:

- Não houve alteração no tom da voz de ambos, mas percebe-se uma devoção explícita a Ibiapina.
- Há uma coerência nas respostas com o contexto da época. (ex: a data da criação da Diocese da Paraíba e a data da chegada dos padres holandeses.).
- Como já havia sido previsto, foram suscitadas quatro perguntas que não estavam presentes no questionário:
 - **Qual o significado da flor do cedo?**
 - **Quando Santa Fé foi elevada a categoria de santuário?**
 - **É verdade que no aniversário de morte de Ibiapina a romaria dirigida a este local é considerada a terceira maior do nordeste?**
 - **Como anda o processo de canonização de Ibiapina?**

Quadros encontrados no Santuário do Padre Ibiapina⁹⁶

Quadro 1: Irmã Superiora servindo **Quadro 2:** Irmãs de Caridade tecendo pano.
órfãos



Quadro 3: Irmã Superiora ensinando **Quadro 4:** Irmãs de Caridade lavando roupas
órfãos



Quadro 5: Irmãs costurando.



Quadro 6: Padre Ibiapina observando as atividades das Irmãs.



⁹⁶ Fonte: Irmãos Thaizé, Pinturas em azulejo. 1.20 x 1.50. Alagoinhas-BA, 1995. Foto: José Floren.

O Santuário de Santa Fé na atualidade⁹⁷



Santuário do Padre Ibiapina



Casa de Caridade Santa Fé

⁹⁷ As fotografias do Santuário do Padre Ibiapina fazem parte do acervo pessoal da autora e foram tiradas no dia 14 de abril de 2008



Imagem do padre Ibiapina cercado de fotografias e ex- votos



Casa dos Milagres onde ficam ex-votos e fotografias



Fotografias presentes na Casa dos Milagres pedindo graças ao Pe. Ibiapina



Casa onde Pe. Ibiapina residiu durante seus últimos anos



Túmulo do padre Ibiapina